

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

ALESSANDRA ROEHRIG

**CONCORRÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO DA INDÚSTRIA CALÇADISTA
GAÚCHA: UMA ANÁLISE DESDE A METADE DA DÉCADA DE 90**

**São Leopoldo
2019**

ALESSANDRA ROEHRIG

**CONCORRÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO DA INDÚSTRIA CALÇADISTA
GAÚCHA: UMA ANÁLISE DESDE A METADE DA DÉCADA DE 90**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Economia, pelo Curso de Ciências
Econômicas da Universidade do Vale do
Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Janaina Ruffoni

São Leopoldo

2019

Às minhas queridas e amadas avós que muito me
inspiram mesmo não mais presentes fisicamente.

AGRADECIMENTOS

À professora Janaina Ruffoni, por todo o seu empenho, dedicação e disponibilidade à orientação desse trabalho.

À Priscila Linck, por toda a sua ajuda e partilha de conhecimento referente ao setor e aos dados estatísticos.

Aos meus queridos colegas curso, Aline, Jéssica, Luciane, Nadine, Tatiane, Benjamin, Diego, Guilherme. Obrigada por tantos compartilhamentos. A jornada com vocês foi incrível.

Aos meus pais, Lilian e Luis, por todo amor, paciência e apoio às minhas decisões.

Ao meu namorado Cassiano, que entrou em minha vida durante a trajetória acadêmica e desde então, tornou-se o meu maior incentivador. Obrigada por todo companheirismo.

Por fim, gostaria de agradecer a todos os meus amigos que me apoiaram e me incentivaram durante a graduação.

RESUMO

Em meados de 1990, a dinâmica do setor calçadista gaúcho começou a sofrer alterações a partir de medidas endógenas - política macroeconômica no país - e exógenas - entrada de novos *players* - com consequências notáveis até os dias atuais. Atualmente, a estrutura produtiva da indústria calçadista encontra-se bastante alterada. Sabe-se que a produção de calçados no Rio Grande do Sul possivelmente tenha se contraído, e que, além disso, ela tenha se ramificado para outros estados brasileiros. A partir dessas mudanças, o presente trabalho teve o objetivo de identificar as principais características do processo de transformação estrutural do setor. O esforço investigativo esteve à pretensão de organizar as informações estatísticas setoriais e analisar o desempenho da indústria calçadista gaúcha no período de 1995 a 2017. O trabalho se preocupou em relacionar a teoria de concorrência inovativa, com seu princípio em Schumpeter, a evolução Neoschumpeteriana e os aspectos dinâmicos da transformação industrial voltados aos setores tradicionais. A evolução histórica do ramo, com a formação dos aglomerados industriais, os conhecidos polos, Vale do Rio dos Sinos e Vale do Paranhana/Encosta da Serra, teve como base, os trabalhos já expostos anteriormente para discussão. Foram analisados os dados de produção, postos de trabalho e estabelecimentos, comércio exterior e indicadores de inovação. Por fim, constatou-se a suposição inicial, no qual houve redução na produção de calçados no estado. A trajetória demonstra que os aglomerados produtivos não foram suficientes para resultar em um bom desempenho industrial. A queda da fabricação de calçados foi de 37% e 5,4%, em valor real e quantidade de pares, respectivamente, entre os anos de 2005 a 2017. A redução também foi observada nas exportações de calçados, principalmente para o maior destino dos calçados gaúchos enviados ao exterior, os Estados Unidos. Como reflexo, o nível de emprego na fabricação de calçados também se contraiu no período acumulado. Além disso, houve precarização do trabalho, com menores níveis salariais, mesmo com aumento na qualificação da mão de obra, ao longo do tempo. Em termos de atividade inovativa, observou-se também pouco investimento setorial em inovação.

Palavras-chave: Calçado. Indústria calçadista. Aglomerado Industrial. Rio Grande do Sul

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ilustração dos principais polos da indústria calçadista no Rio Grande do Sul	30
--	-----------

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Produção de calçados no Rio Grande do Sul, por Polo, em milhões de reais, em valor constante, de 2005 a 2017	47
Gráfico 2 - Produção de calçados no Rio Grande do Sul, por Polo, em milhões de pares, de 2005 a 2017	48
Gráfico 3 - Preço médio (RS/par) do calçado produzido no Rio Grande do Sul, por Polo, de 2005 a 2017	49
Gráfico 4 - Variação acumulada da produção de calçados no Rio Grande do Sul, de 2006 a 2017	50
Gráfico 5 - Valor da produção da indústria de transformação e da indústria de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, em milhões de R\$, em valor constante, de 2005 a 2015	50
Gráfico 6 - Variação acumulada da produção indústria de transformação e da indústria de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, de 2006 a 2015	51
Gráfico 7 - Estabelecimentos de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, por principal atividade, de 1995 a 2017	53
Gráfico 8- Estabelecimentos de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, por polos, de 1995 a 2017	54
Gráfico 9 – Postos de trabalho na fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, por principal atividade, mil empregos, de 1995 a 2017	56
Gráfico 10 - Postos de trabalho na fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, por polo, mil empregos, de 1995 a 2017	57
Gráfico 11 – Estabelecimentos de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, por porte, de 1995 a 2017	60
Gráfico 12 – Postos de trabalho na fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, por porte, mil empregos, de 1995 a 2017	61
Gráfico 13 – Faixa salarial dos postos de trabalho na fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, mil empregos, de 1995 a 2017	62
Gráfico 14 – Escolaridade dos trabalhadores na fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, de 1995 a 2017	63
Gráfico 15 – Variação acumulada das exportações de calçados no Rio Grande do Sul, de 1996 a 2017	66

Gráfico 16 – Destino da produção de calçados no Rio Grande do Sul, em volume (pares), de 2005 a 2017	67
Gráfico 17 - Exportações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, em milhões de US\$, de 1995 a 2017	67
Gráfico 18 - Exportações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, em milhões de pares, de 1995 a 2017	68
Gráfico 19 - Preço médio (US\$/par) das exportações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, de 1995 a 2017	69
Gráfico 20 - Exportações de calçados no Rio Grande do Sul, por polos, em milhões de US\$, de 1995 a 2017.....	70
Gráfico 21 - Três principais destinos das exportações de calçados no Rio Grande do Sul, em milhões de US\$, de 1997 a 2017.....	70
Gráfico 22 – Variação acumulada das importações de calçados no Rio Grande do Sul, de 1998 a 2017	73
Gráfico 23 - Importações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, em milhões de US\$, de 1995 a 2017	74
Gráfico 24 - Importações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, em milhões de pares, de 1995 a 2017	74
Gráfico 25 - Preço médio (US\$/par) das importações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, de 1997 a 2017	75
Gráfico 26 – Três principais origens das importações de calçados no Rio Grande do Sul, em milhões de US\$, de 1997 a 2017.....	76
Gráfico 27 - Relação da taxa média anual de câmbio e do preço médio (US\$/par) do calçado exportado e importado no Rio Grande do Sul, de 1997 a 2017	78
Gráfico 28 - Produção mundial de calçados, maiores produtores, em milhões de pares, de 2007 a 2017.....	79
Gráfico 29 - Exportações mundiais de calçados, maiores exportadores em milhões de pares, de 2007 a 2017	80
Gráfico 30 – Destino da produção de calçados dos maiores produtores, em volume (pares), em 2017.....	82
Gráfico 31 - Variação acumulada das empresas brasileiras de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, e artigos de viagem e calçados, que implementaram inovações, de 2003 a 2014	84

Gráfico 32 - Empresas brasileiras de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados que implementaram inovações, por grau de importância nas atividades internas de pesquisa e desenvolvimento, de 2000 a 2014	85
Gráfico 33 - Empresas brasileiras de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados que implementaram inovações, por grau de importância na aquisição de máquinas e equipamentos, de 2000 a 2014	86
Gráfico 34 - Empresas brasileiras de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados que implementaram inovações, por grau de importância na introdução de inovações tecnológicas no mercado, de 2000 a 2014	87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Organização das informações coletadas40

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Indústria de fabricação de calçados no Brasil e no Rio Grande do Sul, de 2005 a 2017	58
Tabela 2 – Indústria de fabricação de calçados nos polos do Rio Grande do Sul, de 2005 a 2017	59
Tabela 3 - Evolução das exportações de calçados no Rio Grande do Sul, de 1995 a 2017	65
Tabela 4 - Evolução das importações de calçados no Rio Grande do Sul, de 1995 a 2017	72
Tabela 5 - Empresas brasileiras de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados que implementaram inovações por tipo, de 2000 a 2014	84
Tabela 6 - Variação anual da produção de calçados no Rio Grande do Sul, em valor real (R\$), de 2006 a 2017	97
Tabela 7 - Variação anual da produção de calçados no Rio Grande do Sul, em quantidade (pares), de 2006 a 2017	98
Tabela 8 - Variação anual do preço médio (R\$/par) de calçados produzidos no Rio Grande do Sul, de 2006 a 2017	98
Tabela 9 - Variação anual de estabelecimentos de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, por principal atividade, 1996 a 2017	99
Tabela 10 - Variação anual de estabelecimentos de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, por polos, 1996 a 2017	100
Tabela 11 - Variação anual dos postos de trabalho na fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, por principal atividade, de 1996 a 2017	101
Tabela 12 - Variação anual dos postos de trabalho na fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, por principal atividade, de 1996 a 2017	102
Tabela 13 - Variação anual dos estabelecimentos de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, por porte, de 1996 a 2017	103
Tabela 14 - Variação anual de postos de trabalho da fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, por porte, de 1996 a 2017	104
Tabela 15 - Variação anual da faixa salarial dos postos de trabalho na fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, de 1996 a 2017	105

Tabela 16 – Variação anual da escolaridade dos trabalhadores na fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, de 1996 a 2017	106
Tabela 17 – Variação anual das exportações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, em valor (US\$), de 1996 a 2017	107
Tabela 18 – Variação anual das exportações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, em quantidade (pares), de 1996 a 2017	108
Tabela 19 – Variação anual do preço médio (US\$/par) das exportações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, de 1996 a 2017 .	109
Tabela 20 – Variação anual das exportações de calçados no Rio Grande do Sul, por polo, em valor (US\$), de 1996 a 2017	110
Tabela 21 – Variação anual dos três principais destinos das exportações de calçados no Rio Grande do Sul, em valor (US\$), de 1998 a 2017	111
Tabela 22 – Variação anual das importações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, em valor (US\$), de 1998 a 2017	112
Tabela 23 – Variação anual das importações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, em quantidade (pares), de 1998 a 2017	113
Tabela 24 – Variação anual do preço médio (US\$/par) das exportações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, de 1998 a 2017 .	114
Tabela 25 – Variação anual das três principais origens das importações de calçados no Rio Grande do Sul, em valor (US\$), de 1998 a 2017	115
Tabela 26 – Variação anual dos maiores produtores de calçados no mundo, em quantidade (pares), de 2008 a 2017	116
Tabela 27 – Variação anual dos maiores exportadores de calçados no mundo, em quantidade (pares), de 2008 a 2017	116

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 CONCORRÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL	16
2.1 Concorrência inovativa	17
2.2 Transformação industrial nos setores tradicionais	20
2.2.1 Competitividade	22
3 INDÚSTRIA CALÇADISTA DO RIO GRANDE DO SUL	24
3.1 Da origem a consolidação	25
3.2 Década de influência macroeconômica	31
3.3 O desempenho do setor no século XXI	34
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	39
5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	46
5.1 Produção de calçados no Rio Grande do Sul	46
5.2 Estrutura industrial	52
5.3 Mercado de trabalho	55
5.4 Contrastes regionais.....	58
5.5 Indicadores relacionados à indústria e ao mercado de trabalho na fabricação de calçados	60
5.6 Comércio exterior.....	64
5.6.1 Exportações de calçados	65
5.6.2 Importações de calçados	72
5.6.3 Relação da taxa de câmbio e do comércio exterior	77
5.7 A influência dos principais concorrentes calçadistas na indústria local.....	78
5.8 Indicadores de inovação.....	83
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS.....	93
APÊNDICE A – VARIAÇÃO ANUAL E ACUMULADA.....	97

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo identificar a trajetória estrutural do setor calçadista gaúcho, dado suas significativas transformações, percebidas sobretudo no decorrer dos últimos trinta anos. O Rio Grande do Sul é reconhecido como o berço do ramo de fabricação de calçados a nível nacional, e a região do Vale do Rio dos Sinos como a expoente no setor. Segundo Zingano (2012), a produção de calçados brasileira, iniciou-se artesanalmente com a figura do imigrante alemão, que trouxe consigo a profissão do artesão, e assim o curtidor e o sapateiro. A técnica manual de fabricação de calçados era desenvolvida pelo conhecido “schuhmacher”, sapateiro, em alemão. Observa-se que desde o surgimento do setor, a atividade produtiva da confecção de calçados esteve atrelada de maneira significativa a necessidade veemente de mão de obra. Com o passar dos anos, a produção artesanal começou a se expandir e a fabricação de calçados ganhou linhas de produção em unidades fabris. No final do século XX, o setor atinge a sua plenitude, uma de suas principais características era o reconhecimento de maior aglomerado industrial de produção de calçados no mundo e de perfil exportador, localizado no Vale do Rio do Sinos e com o apoio do Vale do Paranhana/Enconsta da Serra, os conhecidos polos. Nesse período, o Rio Grande do Sul chegou a empregar mais de 107 mil pessoas na indústria de fabricação de calçados em quase de 1,3 mil empresas (1997). Ou seja, em média, cada estabelecimento detinha cerca de 84 trabalhadores. Esse dado revela que, em média o setor esteve formado por pequenas empresas, além de demonstrar a intensidade de mão de obra que a fabricação de calçados exige.

Contudo, em meados de 1990, a dinâmica do setor começa a sofrer alterações a partir de medidas endógenas - política macroeconômica no país - e exógenas - entrada de novos *players* - com consequências notáveis até os dias atuais. A abertura comercial brasileira propiciou também a entrada de concorrentes externos. Alguns anos mais tarde, o plano de estabilização econômico resultou na valorização da moeda nacional e conseqüentemente em uma taxa de câmbio mais baixa. Esses e demais fatores, sem um olhar voltado à indústria nacional, acabaram impactando à perda de competitividade do calçado brasileiro. O setor industrial como um todo é atingido por variáveis macro que afetam a estrutura de custo de produção e por fim a rentabilidade do ramo. Nesta mesma fase, no entanto no continente asiático, países

como a China, encontravam-se em perspectiva de desenvolvimento econômico e de uma elevada quantidade de oferta de mão de obra disponível, o que lhes deu vantagem na produção de larga escala. Esse é o contexto inicial no qual a indústria calçadista gaúcha encontrou dificuldades para se manter e evoluir a produção. Conforme, Neves (2018), as empresas calçadistas não foram capazes de responder de forma rápida às mudanças ocorridas na nova conjuntura estabelecida, e conseqüentemente, o setor como um todo, acabou emergindo em crise.

Atualmente, a estrutura produtiva da indústria calçadista encontra-se bastante alterada. Entende-se que a produção de calçados do Rio Grande do Sul diminuiu e se ramificou para outros estados brasileiros, (em busca de um custo menor e de uma possível vantagem competitiva). Contudo, a partir dos trabalhos empíricos realizados, questionou-se a real movimentação da indústria de fabricação de calçados, uma vez que pouco ainda foi analisada no que tange à variação da produção física de calçados no estado. Assim, optou-se por utilizar dados estatísticos para compreender a movimentação ocorrida.

Essa monografia tem como questão central identificar: Quais são as principais características do processo de transformação estrutural da indústria calçadista gaúcha no período da metade da década de noventa até 2017? Seus objetivos iniciais estarão no esforço investigativo da construção de base de dados, a partir de fontes oficiais. E após, no intuito de organizar, apresentar e descrever de modo a identificar o desempenho do setor calçadista gaúcho no período selecionado.

Além dessa breve introdução, o trabalho está dividido em mais cinco seções. O segundo capítulo irá apresentar a teoria de concorrência inovativa, com seu princípio em Schumpeter e a evolução Neoschumpeteriana, e após serão abordados os aspectos dinâmicos da transformação industrial voltados aos setores tradicionais. Na parte seguinte, será caracterizada a evolução da produção de calçados no Rio Grande do Sul utilizando como base os trabalhos já expostos anteriormente na academia para discussão. A quarta divisão contemplará a metodologia utilizada para a construção e análise dos dados. O quinto capítulo, irá descrever e analisar os seguintes dados: produção de calçados, postos de trabalho e estabelecimentos, comércio exterior e indicadores de inovação. Também na divisão, os principais concorrentes internacionais da indústria calçadista brasileira serão abordados. Todas as informações foram buscadas a partir do ano de 1995 até o final do período analisado, (2017). No entanto, nem todos os dados foram encontrados desde o início

do período analisado, assim utilizou-se as séries históricas mais antigas achadas. Por fim, nas considerações finais será apresentada a conclusão desta monografia tentando identificar as principais características encontradas no processo de transformação estrutural da indústria calçadista gaúcha, no período analisado.

2 CONCORRÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL

Interessa neste capítulo explorar a concorrência a partir da teoria schumpeteriana e neo-schumpeteriana, e a percepção dinâmica da transformação industrial voltada aos setores tradicionais.

Antes de tudo, é fundamental caracterizar a concorrência de forma consensual. Possas (1993), sintetiza a concorrência. A autora diz que esse é um processo comum, contínuo e sem fim, para o sistema capitalista. A todo o momento é possível que novos concorrentes façam parte do mercado. Todos, sobreviventes e entrantes no sistema, podem optar por suas próprias estratégias e alianças a serem utilizadas e que os farão ser selecionados ou não.

Já a transformação industrial está distante um conceito específico, uma vez que ela envolve certa complexidade superior. A transformação industrial, assim como a concorrência, também pode ser caracterizada de aspecto comum para o sistema capitalista. Contudo, a transformação industrial pode ser consequência da concorrência, pois está exposta a trajetória da conjuntura econômica interna e externa e diversas variáveis influenciam-na de forma significativa.

A temática da concorrência inovativa é tratada em dois principais formatos dentro da ciência econômica. As teorias tradicionais oferecem uma visão cíclica e estática sobre o funcionamento do sistema econômico. As novas invenções, tanto de produto como de processo, seriam incorporadas a esses ciclos e teriam como objetivo maximizar os lucros. Ao buscar por lucros maiores esse capital seria atraído para mercados mais concorridos. Essa seria a ideia mais próxima que a escola clássica chegou sobre o assunto. Já, a partir Schumpeter, há ruptura no ciclo econômico quando ocorre inserção de progresso técnico, pois ele desconfigura o sistema e traz dinamismo para o processo. Para o teórico, o motivo das novas criações estaria relacionado à competitividade, o que caracteriza esse movimento de maneira endógena. Dessa forma, acreditou-se ser essencial explorar a teoria alternativa proposta por Schumpeter sobre concorrência inovativa, uma vez que sua percepção é muito distinta do que antes era compreendido sobre o tema.

Ademais, este capítulo irá apresentar uma breve discussão sobre a dinâmica da transformação industrial relacionando a influência da concorrência e do desenvolvimento de competitividade nos setores tradicionais.

2.1 Concorrência inovativa

A economia clássica, fundamentada essencialmente em Smith e Ricardo, entende que a concorrência é atraída primeiramente para os setores que geram maiores taxas de lucro. A base dessa ideia está na maximização do capital, no qual o empresário toma decisões racionais e tem o poder de movimentar de forma autônoma os fatores de produção para alocar os recursos da economia, com a livre entrada no mercado e conhecimento do mesmo. Outro pressuposto importante para a teoria está na determinação dos preços e da quantidade, que ocorre de forma simétrica entre as forças da oferta e da demanda do mercado, gerando assim equilíbrio no contexto de concorrência perfeita e lucros “naturais”. (SILVA, 2003). Hunt (2012), escreve que para os clássicos, setores que em determinado período possuem uma demanda maior que a oferta praticam o preço de mercado acima do preço natural, atingindo uma taxa média de lucro maior que a habitual. Contudo, o movimento de concorrência para essa escola não é relevante, pois acreditam que ela não altera o ciclo econômico. Os clássicos entendem que o preço de mercado tende a cair assim que outros capitalistas perceberem essa maior lucratividade e também ofertarem produtos para o setor, suprindo a demanda carente. Nessa percepção, a concorrência até gera certa anomalia, distorção no mercado, formando monopólios e oligopólios, porém forma temporária. No decorrer do tempo, o mercado tende a voltar ao seu estado de equilíbrio, no qual pratica a concorrência perfeita, atingindo o bem-estar social de todos, ou seja, a melhor forma de alocação dos recursos. Para esse grupo, a questão da concorrência está baseada totalmente na questão dos preços.

Mais tarde, segundo Possas (2002), Marx, também compreende a concorrência como um processo secundário, de um papel intermediário, sem efeitos relevantes e de alteração ao ciclo econômico. Marx concordava com os clássicos sobre a livre mobilidade de capital em busca de um rendimento maior e de acumulação. Contudo, para o teórico, a concorrência era entendida como o impulso do sistema capitalista, pois acarretava na inserção de progresso técnico, tornando endógeno esse processo e capaz de movimentar a estrutura produtiva com inovações.

Já a noção neoclássica sobre concorrência, puxada por Marshall - precursor da microeconomia - traz o conceito de concorrência perfeita. Nessa escola, as empresas são simplesmente tomadoras de preço e não possuem influência alguma sobre o preço de mercado, entre oferta e demanda. Assim, para participar do jogo é

necessário praticar o preço de mercado, dado esse ser o preço de equilíbrio e seu custo marginal. As hipóteses demonstram o aspecto estático à eficiência alocativa do processo.

A partir de Schumpeter, na metade do século XX, a concorrência começa a ser abordada com um processo evolutivo e dinâmico. “Gerado por fatores endógenos, inovações em busca de novas oportunidades lucrativas, interação competitiva”. (POSSAS, 2002, p. 415).

Em linhas gerais, Schumpeter (1942) procurou destacar o caráter progressivo (não-estacionário) do sistema capitalista. Assim, independentemente de fatores exógenos, o capitalismo é descrito como um sistema evolutivo em permanente transformação, onde a produtividade é crescente. Um sistema que, pela sua própria natureza, nunca pode estar estacionário [...]. (SILVA, 2003, p. 253).

A concorrência schumpeteriana, como verificado na citação acima, carrega consigo duas características relevantes e inéditas até então, sendo elas: evolução e dinamismo. Isso significa que o processo de concorrência inovativa é contínuo ao longo do tempo, independente se novo ou difundido, de alteração de processo ou de produto, de organização produtiva ou geográfica, e que dessa forma ele altera a estrutura produtiva de maneira permanente. Pode-se dizer, que o primeiro esboço desse pensamento foi percebido anteriormente por Marx.

Para Schumpeter, as empresas são propulsoras e buscam constantemente a inovação - diferenciação, estratégia - pois almejam alcançar vantagens competitivas que ocasionarão lucros exorbitantes em seus empreendimentos, além disso, elas necessitam se posicionar para sobreviver ao ambiente competitivo. Ademais, se êxito no negócio, ele deve decorrer em formação de monopólio, temporário ou não. Como um espaço de criação comum, também é possível que novas oportunidades façam parte do mercado. Porém, ao contrário do pressuposto clássico, não há tendência de equilíbrio no mercado com a saída de um monopólio. Schumpeter, acredita que o movimento capitalista se dê através de dinamismo e não de determinismo ao equilíbrio. A entrada de novos “dominantes” ao sistema é consequência do desenvolvimento de concorrência. O percurso desse processo não possui uma sequência pré-determinada ao autor, pois depende de uma série de interações conjuntas, não apenas de concorrência de preço, o que não acarreta na previsibilidade de desfecho da estrutura de mercado. Por esse entendimento, identifica-se o processo como evolutivo ou em evolução. Também é nesse contexto que o autor caracteriza a

concorrência de forma endógena e denomina o processo de “*destruição criadora*”, pois para ele a concorrência gera novas maneiras de organização industrial criada pela empresa, destruindo a velha organização.

Em suma, percebe-se que Schumpeter está preocupado em entender quais as forças estão movendo a economia, uma vez que ele caracteriza a concorrência como um curso de ruptura e transformação. Além disso, Silva (2003) cita três destaques de na teoria de Schumpeter: 1. O processo de concorrência e de inovação são inseparáveis, para adquirir espaço no mercado é preciso criar vantagens diferenciais. 2. A evolução do processo capitalista está conectada com a inovação. 3. Assim, a indústria possui comportamento de um equipamento em crescimento.

A teoria schumpeteriana é bastante ampla e consegue identificar que diversas variáveis podem interferir nas inovações utilizadas pelas firmas para aumentar suas vantagens e ganhos, tendo a capacidade de alterar o ambiente. Isso também demonstra a competência que a economia possui em se transformar de forma positiva. Essa visão é, mais uma vez, oposta às teorias ortodoxas, que não conseguem reconhecer o dinamismo econômico e sempre necessitam retornar ao estado de equilíbrio, o que acaba resultando em estaticidade.

Mais recentemente, no início da década de oitenta, Nelson e Winter, inspirados na teoria da concorrência schumpeteriana de evolução e com o acréscimo de análise microeconômica difundiram sua interpretação de concorrência inovativa, identificada como abordagem neo-schumpeteriana. Essa corrente quer discutir e desarranjar ideologias neoclássicas sobre:

...equilíbrio, substituído pela noção mais geral de trajetória; e o de racionalidade maximizadora ou substantiva, substituído pelo de racionalidade limitada (“bounded”) ou processual (“procedural”, na terminologia adotada por Herbert Simon) [...]. (POSSAS, 2002, p. 422).

Os autores através de seus modelos e com análise microdinâmica expõem a importância de alguns termos chave para eles, como: *busca de inovações* desenvolvida a partir de *estratégias* (da firma) e de *estruturas* (de mercado) na *trajetória* durante o período, por *difusão* ou *geração* de invenções, no qual a indústria se altera de forma *endógena* e assim faz a sua *seleção de mercado*, além do *ambiente*. Outro diferencial, é que a escola utiliza modelos de *simulação* e não de soluções com *equilíbrio e estabilidade* como a escola neoclássica. (POSSAS, 2002).

O pensamento evolucionário também está ancorado no processo de mutação e submetido à seleção do ambiente, com base na teoria da evolução das espécies de Darwin. Ou seja, para as empresas, as alterações organizacionais são consequências da procura contínua por inovação com intuito dela se adaptar ao cenário competitivo do mercado, com possibilidade de sucesso ou não. Cabe aos mecanismos de seleção - concorrência e mercado - decidir se a criação resultará em sucesso. Assim, esse processo pode ser visto como uma movimentação ou uma trajetória, mas o mesmo tempo está muito longe de uma determinação sobre o seu futuro e ainda mais longe de um ajustamento de equilíbrio. A concorrência evolucionista "...trata-se de um processo dinâmico pelo qual padrões de comportamento da empresa e resultados do mercado são determinados conjuntamente no tempo". (NELSON & WINTER, 1982, p. 18).

2.2 Transformação industrial nos setores tradicionais

Schumpeter descreve o capitalismo como um sistema evolutivo em permanente transformação. Dessa forma, faz sentido, o que for pertencente ao sistema também participar dessa constante mudança, é o caso da indústria, ela que se transforma de forma dinâmica, muitas vezes mudando de "papel". Para os setores tradicionais, esse processo pode ser mais complexo, mas é fundamental para quem se mantenham no mercado.

As indústrias tradicionais, costumam optar por atuar em mercados segmentados, levando em consideração as propriedades relevantes do bem final, estruturados no perfil específico de consumidor que desejam alcançar e na sua renda. Isso ocorre, dada a grande concorrência que essas indústrias enfrentam. "Essas condições implicam a coexistência de empresas, que possuem atividades tecnicamente similares, buscando atuar em faixas de mercado completamente distintas". (FERRAZ, KUPFER, HAGUENAUER, 1995, p. 40).

Esses setores são relativamente sensíveis a demanda. Assim, eles procuram se estabelecer no mercado através de design, fortalecimento de marca e também no cumprimento dos prazos de entrega. Outra importante questão, está que essas fábricas necessitam ter rápida expansão na capacidade de produção, pois em determinados períodos, elas são demandadas em volumes maiores e com prazos curtos. Sabe-se que as empresas maiores conseguem ter um melhor nível de

capacidade, uma vez que a capacidade produtiva está relacionada ao porte empresarial. (FERRAZ; KUPFER; HAGUENAUER, 1995).

As indústrias tradicionais atuam fortemente na parte da montagem e em diversos artigos de baixa intensidade tecnológica. Elas são usuárias de inovações geradas a partir de outros setores, (como em equipamentos, insumos e técnicas de gestão da produção e vendas), mas não costumam ser capazes de produzi-las, o que em muitos casos dificulta a aquisição de inovações das pequenas empresas. “Por essa razão, é cada vez mais frequente o surgimento de formas de articulação horizontal entre empresas, em geral configuradas em polos regionais de produção”. (FERRAZ, KUPFER, HAGUENAUER, 1995, p. 40). Isso pode ser entendido como uma forma de colaboração, amarração e também é denominado como “economia de aglomeração”. Assim, é comum encontrar significativa participação da produção em uma grande quantidade de pequenas empresas nesse setor. Além disso, as pequenas empresas tradicionais possuem conjuntamente importância no nível de postos de trabalho que geram à economia. E curiosamente, em comparação às indústrias, as empresas tradicionais são três vezes menores que a média da indústria no faturamento, conforme Ferraz, Kupfer e Haguenauer (1995).

As grandes empresas tendem a atuar fortemente na marca e já as pequenas empresas em produtos de menor custo. Assim, é no esforço de venda que se encontra um certo nível de diferenciação, sem uma real preocupação de adequação do produto aos consumidores. Contudo, o maior atributo para diferenciar as empresas tradicionais está na capacitação empresarial das mesmas, no qual, Ferraz, Kupfer e Haguenauer (1995, p. 221) descrevem que:

Empresas líderes dos diversos setores buscam a informação relevante e investem em eficiência produtiva, o que aumenta a probabilidade de crescerem. Essa constatação é importante e indica que, de modo geral, a heterogeneidade competitiva dos setores tradicionais decorre principalmente da carência de competências empresariais em diversas empresas, principalmente nas de menor porte [...].

Por fim, compreende-se de forma atenta, que o ajuste produtivo realizado pelas empresas líderes do setor tradicional pode aumentar a heterogeneidade competitiva dentro do setor.

2.2.1 Competitividade

O principal atributo da concorrência é a competitividade, escreve Possas (2002), ela ganha destaque a partir Schumpeter. Para as indústrias tradicionais a competitividade está muito relacionada ao desempenho da gestão do negócio.

O fator crítico para a competitividade nas indústrias tradicionais é a capacidade empreendedora de seus dirigentes, principalmente, o grau de atualização das técnicas de gestão de matérias primas, mão de obra e equipamentos. Assim, prevalece uma alta relação dos esforços em gestão sobre o valor da produção como elemento decisivo do padrão de concorrência nesse grupo [...]. (FERRAZ, KUPFER, HAGUENAUER, 1995, p. 40).

Para suportar a competitividade nesse setor, que não possui grande dificuldade de entrada e de saída ao mercado, as empresas devem conseguir ter um menor nível de custo e uma boa adequação ao uso dos produtos, para garantir ganho e expansão maior. Assim, frequentemente pode haver variação nas posições das indústrias tradicionais. Contudo, em segmentos específicos, as posições costumam se manter, por uma questão de hábito de consumo, conquistada pela marca no esforço de venda. Nesse movimento, já está alocado uma nova estrutura de mercado, o oligopólio competitivo, deixando de lado a concorrência perfeita.

As empresas mais dinâmicas do setor tradicional não têm mais buscado competir em mercados saturados, de produtos padronizados, focados em preço. Mas sim, em artigos com uma preocupação maior de conceito, estilo e qualidade. Dessa forma, para ser competitivo, torna-se relevante ser capaz de responder de forma quase instantânea às mudanças na preferência do consumidor, da demanda.

Já a competitividade, a partir da evolução nas inovações dos setores tradicionais, ainda encontra muitos obstáculos na parte de automação, isso por boa parte do processo ainda ser realizado de maneira artesanal, como no trabalho de costura, por exemplo. Desse modo, em busca de competitividade, é necessária uma flexibilização ainda maior nas estratégias. Na fase, a maneira que se encontrou para flexibilizar foi através de subcontratação viabilizada "...no deslocamento das etapas mais intensivas em trabalho para países com menores níveis salariais". (FERRAZ, KUPFER, HAGUENAUER, 1995, p. 223). Essa flexibilização acabou propiciando as indústrias tradicionais um amparo ou uma defesa, para a concorrência focada em preços, nos produtos de larga escala.

Também, nota-se que há uma maior cooperação entre as empresas tradicionais da cadeia produtiva, chegando de ponta a ponta, da matéria prima a parte comercial. Todo esse movimento com o objetivo de ganhar produtividade e reduzir despesas desnecessárias.

Por fim, é importante estar ciente que:

...a concorrência e a competitividade não surgem de forma espontânea... mas dependem de modo crucial da adequação das condições ambientais e, por extensão de medidas de política econômica. Em outras palavras, concorrência e competitividade devem ser construídas [...]. (POSSAS, 2002, p. 428).

Em muitos países houve iniciativa de políticas governamentais voltadas à competitividade principalmente para o progresso nas exportações. Alguns países adotaram medidas de barreiras tarifárias e não tarifárias, enquanto outros buscaram ganhos de produtividade através de políticas industriais específicas e tecnológicas, em pesquisa e desenvolvimento, promoção das exportações e subsídio para a geração de postos de trabalho.

Compreende-se que é necessário proteger e roborar a concorrência para gerar uma esfera competitiva. Isso não significa que a indústria será enfraquecida, uma vez que, para Schumpeter, a competitividade está atrelada a um espaço de concorrência bastante forte. As empresas deverão da mesma forma estar preparadas com aptidão, eficiência técnica, produtividade e organização para entrar ou manter-se no sistema capitalista de maneira efetiva.

3 INDÚSTRIA CALÇADISTA DO RIO GRANDE DO SUL

A fabricação de calçados no Brasil é um dos ramos mais tradicionais na economia brasileira, além de ser uma das primeiras indústrias. No ano de 2017, o setor esteve formado por 5,7 mil empresas aproximadamente, sendo esse responsável por absorver 239,1 mil empregos, segundo os dados oficiais da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), e pela produção de 905,4 milhões de pares de calçados, de acordo com dados da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (ABICALÇADOS). O tamanho da produção, da geração de emprego e de industriais locais também identifica o setor como importante e intensivo em mão de obra. O Brasil, posiciona-se como quarto maior produtor de calçados no mundo, representando 4,2% da produção mundial, ficando atrás apenas da China, Índia e Vietnã, os três maiores produtores, respectivamente. O setor calçadista brasileiro é o principal produtor de calçados situado fora da região asiática.

No mesmo ano, ainda de acordo com os dados da ABICALÇADOS, o Rio Grande do Sul foi responsável por produzir aproximadamente 20% da produção nacional, o que corresponde a 185,9 milhões de pares. As empresas de fabricação de calçados estiveram representadas por cerca de 1,9 mil empresas, e foram responsáveis 78,7 mil postos de trabalho. Do total da produção, cerca de 85% foi destinado para atendimento da demanda nacional, enquanto 15% seguiu para atendimento do mercado internacional via exportação. Além disso, o estado gaúcho representou 22% e 41%, em volume e em valor, respectivamente, da origem das exportações de calçados nacionais, tendo como principal destino o mercado estadunidense, em valor.

O polo do Vale do Rio dos Sinos¹ tem papel de destaque na produção de calçado do Rio Grande do Sul. Costa (2004) escreve que o polo possui uma das melhores estruturas em ambiente produtivo à fabricação de calçados, por apresentar diversas atividades e materiais para a produção, tornando necessária apenas a importação de algumas máquinas e couros excepcionais.

Na região acham-se instalados ramos auxiliares a essa ocupação, como curtumes, máquinas e equipamentos para calçados, componentes, prestadores de serviços e instituições de apoio,

¹ Compreende-se por polo do Vale do Rio dos Sinos a região formada pelos seguintes municípios: Araricá, Campo Bom, Canoas, Dois Irmãos, Estância Velha, Esteio, Ivoti, Nova Hartz, Nova Santa Rita, Novo Hamburgo, Portão, São Leopoldo, Sapiranga e Sapucaia do Sul.

formando um complexo produtivo e integrado [...]. (COSTA, 2004, p. 12).

Através do contexto atual, descrito anteriormente, é que o presente capítulo tem como objetivo apurar e apresentar como se deu a trajetória do setor calçadista gaúcho, desde o seu princípio até os dias atuais, a partir dos trabalhos precedentes realizados. Para uma melhor compreensão, será realizada uma revisão histórica do setor nos subcapítulos seguintes. Também será destacado as mudanças ocorridas, tanto na estrutura produtiva e seu perfil, como no formato de adaptação a novos cenários econômicos, (como a abertura comercial), e como nas transformações ocorridas de forma endógena, ou seja, de cunho da indústria calçadista local (exemplo, exportações).

3.1 Da origem a consolidação

O Rio Grande do Sul é o berço da indústria calçadista brasileira, sendo a região do Vale do Rio dos Sinos o principal expoente no ramo. De acordo com Corrêa (2001), a origem do setor está no final do século XIX, a partir da economia local, inicialmente com a criação de gado, depois com os frigoríficos e os curtumes instalados pelos imigrantes alemães e italianos, utilizando-se de tecnologia e de máquinas europeias. Com a disponibilidade de matéria prima na região (peles vacuns) atrelada a técnica artesã a partir dos imigrantes, chegados inicialmente em 1824, nasce uma pequena escala de fabricação de calçados por volta de 1860. Uma década mais tarde, surgem algumas fábricas produzindo calçados com o auxílio da máquina de costura. Logo após, a primeira guerra mundial, inicia-se, na região, o processo de exportação de couros.

Costa (2004) descreve o setor na mesma época, entre 1860 a 1920, ele escreve que inicialmente a fabricação de calçados no estado não se identificava como uma “especialização produtiva. O couro utilizado à manufatura de calçados era na verdade um subproduto, aproveitado antes para outros bens, como selas e arreios. As fábricas do período eram de porte muito pequeno, em média com 5 funcionários, de traços artesanais no processo produtivo e de manufatura do calçado de baixo conteúdo tecnológico. O avanço do setor esteve dependente de forma significativa ao desenvolvimento do país, (na criação dos centros de comércio e na construção das

linhas ferroviárias), no crescimento da demanda, expansão da população e da capacidade de compra (renda per capita) dos trabalhadores.

A substituição do artesanato por outras formas de produção ocorre lentamente nessa indústria, o que justifica a introdução, também gradual, de máquinas no processo produtivo. As primeiras fábricas de calçados registradas funcionavam como oficinas [...]. (RUFFONI, 2004, p. 69).

A evolução tecnológica do setor deu-se de modo relativamente lento. Devido a seu traço marcadamente manufatureiro, os aumentos de produtividade eram de tipo incremental, decorrentes de aprendizado e de alguma divisão de trabalho intra e interempresas. Os melhoramentos tecnológicos provinham do estrangeiro e de desenvolvimentos em outras áreas produtivas [...]. (COSTA, 2004, p. 10).

Data-se, que por volta de 1875, na região do Vale do Rio dos Sinos, haviam duas empresas de calçados e que as mesmas utilizavam máquinas a vapor, relata Carneiro (1986). Apenas mais tarde, com a instalação de uma usina hidrelétrica, em 1912, e com a oferta maior energia, em 1927, é que houve maior capacidade de eletricidade à utilização das empresas. (RUFFONI, 2004).

A tecnologia dos quarenta anos seguintes - 1920/1960 - partiu de outros ramos, como do metalmeccânico e do têxtil. O setor calçadista era tecnologicamente atrasado em comparação aos outros. Ainda não existiam máquinas brasileiras, assim o mecanismo utilizado era todo importado, e adquirido, em sua maior parte, por equipamentos de segunda mão, já antes usados. Nos períodos seguintes, o setor não conseguiu grandes evoluções em seus equipamentos, ficando subordinado ao desenvolvimento de técnicas evolutivas de outros setores. Boa parte das máquinas das fábricas calçadistas foram adaptadas e modificadas a partir de outros processos industriais. (REICHERT, 2004).

Contudo, o momento também foi de regionalização da produção - no qual o Vale dos Sinos (RS), especializou-se em calçados femininos de couro - e de princípio às exportações eram de fornecimento de coturnos à II Guerra Mundial.

No final dos anos cinquenta, o estado gaúcho já abastecia a maior parte do mercado brasileiro em calçados. Em busca de expansão para o setor, os produtores calçadistas se uniram para identificar possíveis mercados internacionais.

Um novo momento de dinamismo é detectado a partir de 1960, com princípio na movimentação iniciada pelos fabricantes no final da década passada, também com base na mobilização realizada pelo governo e pela introdução do calçado brasileiro

no mercado internacional. A formação e a consolidação da indústria brasileira de calçados esteve caracterizada nesse período, com aumento de mecanização, qualidade no produto, prazos e outras eficiências do setor.

Costa (2004), diz que na fase, a organização industrial calçadista se encontrava em um ambiente produtivo artesanal, com fácil mobilidade para entrar e sair, intensivo em mão de obra e em geral, formado por pequenas e médias fábricas. O autor também comenta que ao longo do intervalo, o setor se demonstrou eficaz, pois houve “desenvolvimento de um complexo produtivo” e de “expansão extensiva” nos municípios do Vale do Rio dos Sinos e do Vale do Paranhana/Encosta da Serra².

Na intenção de obter saldo positivo na balança comercial, o governo brasileiro gerou estímulos às exportações brasileiras no geral. Mesmo em um espaço de tempo, com desequilíbrio orçamental. As ações diretas ocorreram a partir de financiamentos do BNDES para investimento fixo na indústria, com a isenção de imposto de produtos industrializados e de imposto de renda às exportações e a implantação do regime de “*drawback*”, (zerando a tarifa de insumos importados para a fabricação de produtos brasileiros exportados). Demais ações, de maneira indireta, também foram observadas, através de política cambial (minidesvalorizações na taxa de câmbio) e também na atuação do BRDE na prestação de assessoria em questões burocráticas. As medidas públicas englobavam diversos setores e não eram destinadas exclusivamente ao setor calçadista, no entanto, impactaram de forma positiva o ramo, resultando em aumento de produção e de alavancagem nas exportações, permitindo a prática de preços competitivos. Os incentivos do governo às exportações foram utilizados como forma estratégica para um bom desenvolvimento da economia, uma vez que, o mercado interno encontrava-se estagnado, não sendo capaz de absorver a oferta da produção de calçados.

Para se consolidar no mercado externo foi necessário se adequar às exigências internacionais, em busca de ganhos com eficiência e produtividade. (CORRÊA, 2001). O processo foi de bastante êxito. As exportações cresceram de maneira rápida a partir do bom relacionamento comercial com os Estados Unidos e com a Inglaterra, que passaram a importar calçados de países em desenvolvimento por produzirem a um

² Compreende-se por polo do Vale do Paranhana/Encosta da Serra a região formada pelos seguintes municípios: Igrejinha, Lindolfo Collor, Morro Reuter, Parobé, Picada Café, Presidente Lucena, Riozinho, Rolante, Santa Maria do Herval, Taquara e Três Coroas.

custo baixo. (Uma vez que, os salários nos países desenvolvidos haviam sido elevados, o que acabou afetando os setores intensivos em mão de obra). O Rio Grande Sul foi o estado pujante nas exportações de calçados do período, com a maior participação a nível nacional do produto enviado ao exterior. Contudo, inicialmente as exportações de calçados brasileiros eram destinadas ao *low market*, em que os preços por par eram de até cinco dólares, ou seja, o baixo custo era fator importante de competitividade. (SCHNEIDER, 2004).

Em 1970, as exportações de calçados tiveram grande relevância na pauta exportadora do país. Os pedidos se centralizaram basicamente em "...calçados femininos, com reduzido número de modelos e cores pouco variadas, vendidos em grandes lotes de produção com baixo preço". (SCHNEIDER, 2004, p. 28). Esse movimento possibilitou uma boa evolução do setor. "Com esse desenvolvimento, os setores de máquinas, equipamentos, artefatos e componentes se implantaram no Rio Grande do Sul, contribuindo para o avanço tecnológico do setor coureiro-calçadista". (CORRÊA, 2001, p. 68). A mobilização indicou progresso no aglomerado industrial calçadista ou na cadeia produtiva. O avanço esteve tanto na parte antecedente de fabricação de calçados, (curtumes), como no processo produtivo, (a inserção do sistema de trilhos e estrutura de montagem de calçados), e na parte consecutiva, (companhias de exportação). Percebeu-se nitidamente um ganho de escala e de produtividade atrelado a essas evoluções. Esses processos atingiram também os trabalhadores, em três formatos: 1. Simplificação das tarefas de rotina; 2. Novo formato na regulação das relações de trabalho; 3. Aumento significativo pela demanda de trabalho na região.

Costa e Fligenspan (1997), caracterizam a fase como "modernização no setor". A confecção de calçados estava mais mecanizada, o tamanho médio das fábricas havia crescido e houve uma atenção maior para a qualidade do produto e aos prazos de entrega. Nessa modernização, os intermediadores de comércio exterior foram importantes, principalmente na qualidade à fabricação do produto. As instituições de ensino tiveram sua responsabilidade nos cursos técnicos de especialização para o ramo calçadista e as empresas de eventos na criação e no desenvolvimento de feiras na região. (ZINGANO, 2012). Outro fator relevante ao período foi a vinda de importadores a Feira Nacional do Calçado (FENAC), inicialmente patrocinada pelo Estado, a partir de um programa de estímulos fiscais. Essa iniciativa expandiu o

contato de compradores internacionais no polo do Vale dos Sinos, assim como os de agentes e companhias de exportação. (SCHNEIDER, 2004).

Na década de 80, quatro acontecimentos tiveram destaque para o setor. O primeiro está em relação ao controle de planejamento, qualidade e produção, com a entrada da informatização, verificado principalmente nas máquinas para calçados têxteis. O segundo destaque está no desenvolvimento de materiais substitutos ao couro no solado, como a borracha sintética, após a borracha natural e mais tarde derivados de petróleo, alternativas de menor custo em relação ao couro. (Por muito tempo os calçados eram fabricados basicamente em couro). O terceiro realce está no aumento expressivo das exportações, no qual data-se uma evolução de 49 milhões de pares em 1980, para 143 milhões de pares em 1990. No mesmo ano, a participação do mercado externo à produção total do estado chegou a 72%, percentual significativo. O momento também ficou caracterizado como de expansão industrial do setor, no qual o polo do Vale do Rio dos Sinos se transformou em um dos ambientes produtivos mais bem estruturados de uma cadeia coureiro-calçadista. (COSTA, 2004).

Com a estruturação e a consolidação do ambiente produtivo, o polo do Vale do Rio dos Sinos atraiu uma grande quantidade de migrantes de todas as partes do estado. Muitos dos migrantes eram jovens e filhos de colonos, em busca de oportunidade de trabalho. Com o passar dos anos, o setor calçadista foi se descentralizando no estado, em direção aos municípios do interior, (principalmente, na encosta inferior da Serra, no Vale do Paranhana, no Vale do Caí e no Vale do Taquari), onde se instalaram filiais e novas unidades fabris. Esse processo foi um dos fatores importantes para o desenvolvimento econômico das comunidades locais, pois gerou renda e vários postos de trabalho. Ademais, o aumento considerável da demanda de serviços da indústria de calçados teve também como resultado a criação dos ateliês³. Eles tiveram significativa importância à manufatura do calçado, o qual são responsáveis por confeccionar partes do bem final, como trançados, ou parte do solado.

No geral, os ateliês são administrados por ex-funcionários das empresas maiores, que se demitiram destas e passaram a prestar serviços de produção. Essas peças ou partes do sapato são

³ Esses são pequenos empreendimentos de função intermediária, com relações de subcontratação ou prestação de serviços à indústria.

produzidas fora da planta industrial das grandes fábricas calçadista [...]. (SCHNEIDER, 2004, p.35).

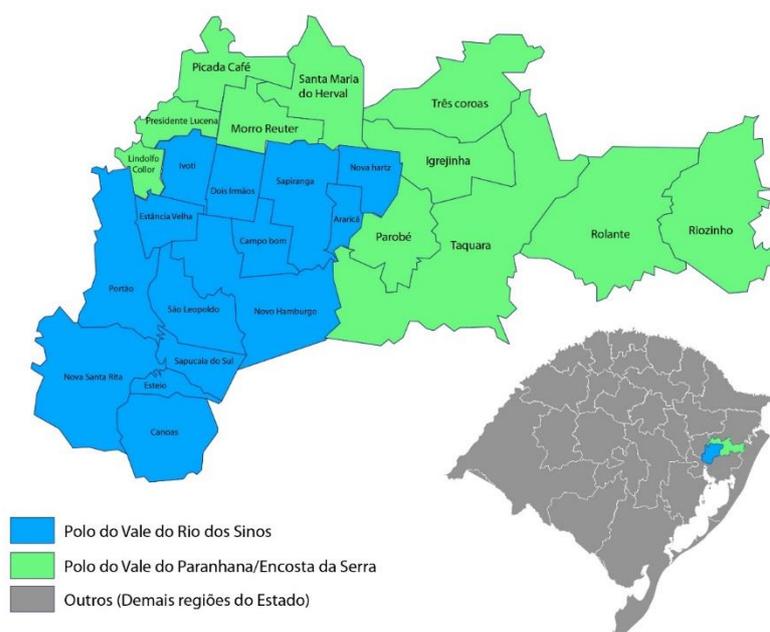
E ainda, “...parte expressiva da produção, especialmente no caso de costuras e trançados, é realizada nos domicílios de pessoas subcontratadas por ateliês”. (SCHNEIDER, 2004, p. 35).

A formação do ambiente produtivo da cadeia coureiro-calçadista teve significativo impacto na evolução demográfica dos municípios produtores de calçados no estado, como Novo Hamburgo, Campo Bom, Sapiranga, Dois Irmãos, Ivoti e Igrejinha. A maior intensidade ocorreu entre os anos de 1978 até 1985.

...Novo Hamburgo foi, sem dúvida, a cidade que atraiu o maior número de migrantes. Por ser o primeiro e principal município produtor de calçados, Novo Hamburgo, viu desenvolverem-se, vertiginosamente, empresas de couro, calçados, componentes e acessórios, que atraíram em igual proporção as levas de migrantes [...]. (SCHNEIDER, 2004, p. 42).

Percebe-se que a região do Vale do Rio dos Sinos e do Vale do Paranhana/Encosta da Serra se destacaram na produção de calçados no estado formando os conhecidos polos calçadistas⁴.

Figura 1 – Ilustração dos principais polos da indústria calçadista no Rio Grande do Sul



⁴ O conceito de polo de calçadista está no entendimento das regiões, aglomerados de municípios próximos, no qual há grande concentração da produção calçados.

Fonte: Elaborada pela autora (2019), com base em FEE DADOS.

Outra ramificação do setor está na produção e na comercialização de componentes para calçados. Esse, também nasce do arranjo produtivo de calçados do Vale do Rio dos Sinos. De princípio, os próprios fabricantes de calçados produziam os componentes, indicando o processo vertical. Após, a estruturação do setor e sua expansão as empresas calçadistas optaram pela especialização na criação, na modelagem e na montagem do calçado, dando importância à qualidade. Com isso, a produção de componentes, como: têxteis, acessórios, formas, solados, produtos químicos e palminhas, passam a ser produzidos por terceiros, indicando a produção horizontal. Ademais, os estabelecimentos de componentes surgem igualmente para determinadas demandas das fábricas calçadistas. (HUMANN, 2004).

3.2 Década de influência macroeconômica

Contextualização para entendimento do período a partir de 1990:

No que tange ao desempenho bem-sucedido no início das exportações, contribuiu um conjunto de fatores que alavancou a produção de calçados para o exterior: movimento de países desenvolvidos deslocando a produção de calçados para regiões que apresentavam condições mais favoráveis; uma base produtiva local capaz de atender a uma expansão de demanda; oferta abundante e barata de mão de obra; incentivos fiscais e financeiros; política cambial de manutenção do valor da moeda brasileira; e iniciativas locais na atração de compradores [...]. (COSTA, 2004, p. 15).

Mas, como se sabe, a competitividade alicerçada em salários baixos e abundância de mão de obra apresenta dificuldades de sustentação a mais longo prazo, pois não é incomum o surgimento de outras regiões que ofereçam essas mesmas condições de produção [...]. (COSTA, 2004, p. 23).

A abertura da economia brasileira com intenção de introduzir o país a globalização, apenas com significativas quedas das barreiras tarifárias e não-tarifárias e sem estruturação e preparação à indústria local, com altas taxas de inflação e a valorização cambial, marcaram a década de noventa (90). Esses aspectos impactaram diretamente o setor calçadista nacional. No período o ramo sofreu "... com queda na produção de mais 30% e no consumo a uma taxa superior a 40%". (SILVESTRIN e TRICHES, 2007, p.9). Em julho de 1994, a implantação do Plano Real e a estabilização da economia brasileira, juntamente com as variações anteriormente

descritas resultaram em uma nova conjuntura à indústria local, "...levaram a um período de constrangimentos para a indústria brasileira de calçados tanto no mercado externo quanto no interno". (COSTA, 2004, p. 17).

O cenário de valorização da moeda nacional adicionada a entrada mais liberal ao país, teve como consequência a perda de competitividade nas exportações e à intensificação da concorrência asiática – basicamente China, Índia, Vietnã e Indonésia - com destaque a chinesa, tanto no alcance do mercado interno como no externo, em calçados de baixo preço e baixa qualidade. O setor encontrou dificuldade de recuperar as perdas para os asiáticos. Eles conseguiram oferecer com facilidade à produção demandada e ainda tiveram ganho de mercado. Também, com o passar dos anos, os asiáticos adquiriram o aprendizado em fabricar calçados. (Sendo essa, uma das principais vantagens da região calçadista no estado). O enorme contingente populacional da China propiciou grande vantagem nos custos da produção industrial de calçados, haja vista essa se tratar de uma atividade trabalho-intensiva. O custo extremamente barato da mão de obra chinesa garantiu a ela vantagens competitivas frente aos demais concorrentes internacionais. Além disso, a indústria chinesa se caracterizou por suas grandes empresas e unidades fabris que possuem a capacidade de produzir em grandes escalas, sobretudo calçados esportivos que mais tarde serão comercializados por multinacionais. Outro fator que influenciou fortemente foi a manutenção de uma política cambial de desvalorização da moeda local frente ao dólar. Assim, os produtores asiáticos se tornaram os principais concorrentes da indústria calçadista brasileira. Enquanto o Brasil detinha de melhor qualidade, os asiáticos garantiam preço baixo e estavam adquirindo conhecimento no setor.

Entre 1993 a 1999, o valor das exportações brasileiras de calçados sofreu queda de US\$ 1,8 bilhão para US\$ 1,3 bilhão. (COSTA, 2004). O mesmo movimento é observado nas exportações gaúchas de calçados que representavam cerca de 83% do produto nacional enviado ao exterior. A expressividade do Rio Grande do Sul era tão grande que as quedas, nacional e estadual, tiveram praticamente a mesma proporção, em torno de 30%, dados segundo a Secretária de Comércio Exterior (SECEX).

Outro fator a ser observado na década, está no lado da demanda, no qual houve alteração de comportamento no consumo, em uma procura maior por calçados esportivos e de sintético em relação ao couro, atingindo diretamente a especialidade da produção nacional de calçados.

As exportações de calçados brasileiros e gaúchos prosseguiram, porém, sustentadas por grandes escalas e de baixo preço médio no produto. Na época, as fábricas calçadistas tentaram se voltar ao mercado interno. A economia nacional se encontrava um pouco mais estável, mas sem grande desenvoltura. No entanto, a política de juros altos acabou pressionando a parte financeira das empresas e dos consumidores. Como consequência, houve o fechamento das fábricas e perdas de postos de trabalho. Como forma de auxílio, o governo brasileiro criou um programa de linha de crédito emergencial e medidas de salvaguarda, aumentando alíquotas de importação de calçados, em maio de 1995. (COSTA, 2004).

O setor que antes estava baseado em fatores competitivos de subsídios e incentivos, e de grande oferta de mão de obra barata sentiu a necessidade de se adequar estruturalmente em busca de manter suas vantagens e de atingir novos ganhos de eficiência. Os aspectos macroeconômicos e principalmente a concorrência internacional estimularam o ramo a uma nova estrutura produtiva, com novos aperfeiçoamentos e continuidade de qualidade, diz Zingano (2012).

Conforme Costa (2004), o setor, basicamente, reagiu aos fatos em duas direções. Uma linha estabeleceu estratégias, buscando tecnologia e maior qualidade, assim como redução de desperdícios e diversificação dos mercados. A outra linha foi em buscas de realocação da produção de calçados. Corrêa (2001) relata que houve uma grande movimentação de empresas de calçados do Sul e do Sudeste que se instalaram no Nordeste, principalmente nos estados do Ceará, Bahia e Paraíba. Esse processo teria ocorrido, pois as fábricas necessitavam de novas condições de produção. O Nordeste detinha de uma grande oferta de mão de obra e mais barata, também ofertou um conjunto de incentivos dos governos estaduais, principalmente associado a uma alíquota menor de ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadoria e Serviços) e de isenção do imposto de renda. Ademais, a região é mais próxima aos Estados Unidos e a Europa para enviar calçados que as regiões Sul e Sudeste. O autor vê de forma positiva para o setor a nível nacional a migração de empresas, uma vez que "...Os investimentos têm efeito multiplicador sobre a competitividade da cadeia de calçados, ao criar melhores condições de produção e difusão de tecnologias mais modernas". (CORRÊA, 2001, p.87).

Como se vê, os fatores relacionados a custo de produção foram determinantes desse deslocamento, mostrando-se mais atrativos em relação aos benefícios provenientes da localização no aglomerado industrial do Vale. Revela lembrar ainda que, tirante esses

benefícios, os estados nordestinos não possuem ainda um pólo desenvolvido de produção de calçados, em que os benefícios fiscais e financeiros se somariam àqueles advindos da existência de um cluster industrial [...]. (COSTA, 2004, p. 21).

No final da década, mais precisamente em 1999, o fim da política de âncora cambial trouxe certo alívio ao setor. Logo ocorreu desvalorização no câmbio.

No mesmo período, houve a introdução da tecnologia computacional, com o desenho assistido por computador (CAD), computação em gestão de produção (ERP, MRP), computação de integração de desenvolvimento de produto com manufatura (CAM/CIM) e computação associada à comunicação (redes e internet). As novas tecnologias proporcionaram maior integração na indústria calçadista, contudo ainda é necessária uma maior parcela de participação das fábricas de calçados na tecnologia, assim como uma maior preparação técnica dos profissionais e também de parceiros eficientes, segundo Reichert (2004). Além disso, o autor também observa que a evolução da manufatura do calçado está na criação de novos materiais. Assim, é preciso produzir com competitividade nos diferentes produtos, seja em pequenos ou grandes volumes, sendo o melhor e de menor custo. Isso é possível apenas com competência científica e capacidade tecnológica.

O ramo de máquinas para calçados e curtumes no Rio Grande do Sul dependentes do setor calçadista também apresentou perda expressiva com a abertura comercial nacional, como a redução de alíquotas para a importação de bens de capital.

Consegue-se compreender que o ramo calçadista brasileiro "...construiu uma capacidade produtiva bastante complexa, configurada sob a forma de aglomerados regionais". (SILVESTRIN e TRICHES, 2007, p.19). São exemplos os polos do Vale do Rio dos Sinos e do Vale do Paranhana/Encosta da Serra. No entanto, os aglomerados regionais não estiveram estruturados o suficiente ao ponto de competir internacionalmente com os baixos preços dos calçados no exterior a partir da abertura comercial ocorrida.

3.3 O desempenho do setor no século XXI

Os calçadistas gaúchos, desde o início dos anos 2000, são desafiados a buscar novas maneiras de inserção na cadeia global através de melhorias de processos de produção e comercialização. O mercado interno volta a ser destino expressivo das parcelas de

produção aliado com desenvolvimento de capacitações na área do design, marcas e novos mercados consumidores. Novos formatos organizacionais das firmas enfatizam a terceirização, realocação geográfica, interação interna e com parceiros, fornecedores e clientes. Pode-se perceber que o Vale do Sinos passou por um período de ascensão até os anos iniciais da década de 90 e sofre fortes modificações a partir de então [...]. (NEVES, 2018, p. 14).

A citação acima consegue descrever muito bem e de forma sucinta traços importantes e ações tomadas pela indústria calçadista no Rio Grande do Sul, a partir do cenário ocorrido e que alteraram a estrutura produtiva desde os anos 2000.

Corrêa, (2001), em seu trabalho, conclui que o setor estava em uma fase ideal para diversificar os mercados de exportação e desenvolver o ramo na área de promoção comercial, posicionamento, design e investimento em marca. Boa parcela das exportações eram realizadas através de atacadistas e por agentes que acabavam distribuindo o produto brasileiro no mercado estrangeiro, mas sem o reconhecimento devido à origem do calçado, levando apenas o nome e a marca do importador. Costa, (2004), relata que os fabricantes gaúchos se esforçaram mais na estratégia de exportar seus calçados com marca própria, capacitando-se em quesitos como design e estilo qualidade, promoção comercial (feiras e eventos no exterior), marketing e centro de distribuição internacional.

O novo contexto internacional não permitiu sucesso as empresas que adotaram apenas como estratégia a concorrência em preços. Os fabricantes de calçados tiveram de se esforçar em diferenciação de produto, a partir do design para obter vantagem competitiva, e em um maior número de coleções, de linhas e de produtos, relata Neves (2017).

No período, observa-se também uma grande concentração de empresas de calçados na região do Vale dos Sinos com especialização do polo em calçados femininos. Em 2004, 37% dos estabelecimentos da indústria calçadista nacional encontravam-se no estado gaúcho. Eram cerca de 2,8 mil empresas que empregavam 140 mil trabalhadores, segundo os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). Além disso, cerca de 80% dos produtores de máquinas para a fabricação de calçados e 60% dos fornecedores de componentes estavam instalados na região. (CORRÊA, 2001).

“É importante ressaltar que o crescimento competitivo do complexo coureiro-calçadista requer uma forte parceria entre iniciativa privada, governo e trabalhadores”. (CORRÊA, 2001, p. 89). O autor enfatiza o aspecto de integração para um melhor

desempenho do setor. Entre 2000 e 2009, os desembolsos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para o setor de couros, artefatos e calçados foram de uma média anual de R\$ 263 milhões. Já o investimento das empresas, observado em ativo imobilizado, aquisição e melhorias na fabricação de calçados teve uma média anual de R\$ 447 milhões investidos. O interessante é que tanto os investimentos públicos como o privado apresentaram uma taxa média anual de crescimento de 9,2% no mesmo período de tempo.

Comparado a década de 90, entre os anos 2000 até o ano de 2014, houve um melhor desempenho da economia brasileira, principalmente na perspectiva de estabilidade. Mesmo assim, determinadas flutuações econômicas acabaram influenciando o ramo calçadista. Um bom exemplo é a taxa de câmbio que entre os anos de 2001 a 2006, o real se encontrou um pouco mais desvalorizado e nesses anos ocorreram os maiores volumes registrados de exportações de calçados brasileiros, uma média de 184 milhões por ano. Ao passo que com a valorização do real, em 2010 e 2011, foram exportados apenas 113 milhões de pares em cada ano. (Dados conforme o Banco Central do Brasil e do Comex Stat, taxa de câmbio e comércio exterior, respectivamente).

Outro fator relevante no espaço de tempo foi o aumento das importações de calçados no Brasil. Em 2000, o país importou 5,7 milhões de pares. Já em 2009, a quantidade de pares importadas foi de 30,4 milhões de pares, uma taxa de aumento médio anual de 20,5%, bastante expressiva. No total da década, foram importados 164,5 milhões de pares. O aumento de importação no intervalo de tempo observado estava relacionado principalmente ao país asiático chinês, sendo o principal exportador do produto ao Brasil. Para se ter uma ideia, em volume, a China passou de uma participação de 56% para 79% nas importações de calçados de 56,3%, no período de 2000 a 2009. Além disso, o preço médio praticado por par pelos chineses era muito inferior aos demais países exportadores. Em 2008, o preço médio do calçado importado da China foi de US\$ 6,5 o par, enquanto o restante dos exportadores praticou um preço médio em torno de US\$ 13,4 o par.

Em março de 2010, foi aplicado o direito definitivo de *antidumping* por cinco anos contra as importações originárias dos calçados chineses. A ação foi movida por meio da Câmara de Comércio Exterior (CAMEX) e visa a proteção comercial ao setor calçadista brasileiro. A prática tem como objetivo proteger a indústria nacional através da preservação dos produtores locais, dos postos de trabalho e do nível de produção,

de ações de *dumping* que se referem à prática comercialmente desleal. Isso ocorre a partir de uma série de fatores, como a disparidade na eficiência das empresas, resultado de condições conjunturais, estruturais, tributárias, cambiais, etc.. Esses fatores podem criar condições favoráveis à formação de monopólios multinacionais, com processos produtivos tecnológicos e economicamente injustos e (praticamente) inalcançáveis devido a heterogeneidade de desenvolvimento entre as nações. O *dumping* foi observado sendo executado pela China no Brasil na comercialização de calçados. Assim, houve direito definitivo de proteção ao calçado nacional, abrangendo as seguintes categorias de SH⁵: 6402 (calçado de sintético/laminado), 6403 (calçado de couro), 6404 (calçado têxtil) e 6405 (outros calçados), excetuando calçados com os códigos 6402.20.00 (chinelos); 6402.12.00 e 6403.12.00 (esportivos); e 6403.20.00. A política inicialmente teve prazo até 2016, após foi renovada com vigência para a data de 02/03/2021, com a aplicação de US\$10,22/par chinês importado ao Brasil.

Um ano antes, outro acontecimento exógeno também deve ser observado, a crise mundial iniciada nos Estados Unidos. O mercado norte-americano sempre deteve da maior parcela destino das exportações brasileiras e gaúchas de calçados. Assim, faz-se imprescindível a busca de dados no período. As exportações gaúchas de calçados para os Estados sofreram uma queda média de 37% entre os anos de 2009 a 2012, conforme os dados oficiais de exportação do governo brasileiro. Já nos calçados totais enviados do Brasil ao mercado estadunidense a diminuição média anual foi de 18%, no mesmo espaço de tempo.

Com todas as movimentações ocorridas no cenário macro, é importante perceber que a indústria brasileira de calçados de fato precisou se movimentar, optando por voltar-se ao mercado interno. Desde os anos 2000, a produção nacional de calçados teve expansão em quantidade, enquanto as exportações brasileiras de calçados apresentaram quedas e as importações aumentaram. A produção de calçados no Brasil, em 2000, foi de 462 milhões de pares. Já no ano de 2017, foram produzidos 905 milhões de calçados. As exportações passaram de 163 milhões de pares para 127 milhões, no mesmo período observado. Por fim, as importações de calçados no país aumentaram de 5,7 milhões de pares para 23,8 milhões de pares em 2017.

⁵ Sistema harmonizado internacionalmente para a classificação de mercadorias.

O Rio Grande do Sul já teve o maior polo produtor de calçados do Brasil e um dos maiores complexos produtivos do mundo, localizado no Vale do Sinos e com apoio do Vale do Paranhana/Encosta da Serra. Em 2017, o estado foi responsável por aproximadamente 20% da produção nacional, posicionando-se como o segundo maior produtor de calçados no Brasil, (atrás apenas do Ceará, que produziu 27% do total brasileiro), em volume. Nas exportações de calçados brasileiros, o Ceará foi o estado que mais exportou, em quantidade, tendo uma representatividade de 39%. Contudo, quando analisado as exportações de calçados em valor, o Rio Grande do Sul é o estado pujante, responsável por 41% do total de dólares que entraram no Brasil, em 2017. Além disso, o preço médio do calçado gaúcho exportado é mais alto que o preço médio do Ceará, isso porque o estado gaúcho possui maior valor agregado no calçado que o estado nordestino.

No que abrange os dados de emprego e empresas, o setor de fabricação de calçados gaúcho contemplou 79 mil postos de trabalho e 1,9 mil empresas, em 2017. Comparado ao ano de 2000, houve uma retração acumulada de 33% nos postos de trabalho e de 9,8% no número de estabelecimentos.

Em 2017, a fabricação de calçados do Rio Grande do Sul esteve basicamente representada pelos polos do Vale do Rio dos Sinos e Vale do Paranhana / Encosta da Serra, com participação em volume (pares), de 43% e 21,6%, respectivamente, em 2017. O restante do estado teve sua participação, no mesmo ano, expressada em 35%. Os postos de trabalho e as empresas de fabricação de calçados também estão concentradas mais nos dois polos. No total, as duas regiões possuem 65% da mão de obra do setor, já no total de empresas, a participação foi de 74%, em 2017.

Após a revisão histórica sobre a indústria calçadista no Rio Grande do Sul, combinada com os trabalhos realizados anteriormente, os próximos capítulos têm o objetivo de apresentar e descrever de forma mais detalhada os dados de produção, de estrutura industrial, de mercado de trabalho, de comércio exterior e os indicadores de inovação do setor. A análise estará no intuito de identificar as principais características do processo de transformação estrutural da indústria calçadista gaúcha desde a metade da década de noventa até 2017.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para responder ao problema desta monografia, sobre: “Quais são as principais características do processo de transformação estrutural da indústria calçadista gaúcha, no período da metade da década de noventa até 2017? ” Foi realizada uma pesquisa exploratória na construção de base de dados quantitativos, a partir de informações estatísticas oficiais. O esforço investigativo esteve à pretensão de organizar os dados, e posteriormente apresentá-los e de descrevê-los de modo a identificar o desempenho do setor calçadista gaúcho no período selecionado.

A maior parte dos dados foi utilizado em sua forma base, poucos passaram por algum método de computação, é o caso 1. Do valor constate da produção de calçados, 2. Do preço médio do calçado produzido, exportado e importado e 3. Das variações anuais e acumuladas nos períodos.

1. Valores constantes da produção de calçados: Para tirar o efeito da inflação no período, foi utilizado o índice preços oficial do Brasil, o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo). Como ano base foi empregado 2017. Assim, a partir da variação do IPCA referente ao ano base foi chegou-se aos deflatores. Após os deflatores foram multiplicados pelos valores nominais resultando no valor real.
2. Preço médio por par de calçado: A mensuração é realizada a partir da média aritmética, no qual soma-se o valor total da produção dividido pela quantidade total produzida, por exemplo. O mesmo pode ser feito para os dados de exportação ou de importação.
3. Variação anual ou acumulada: O cálculo é realizado a partir da diferença entre valor final e o valor inicial em uma porcentagem relativa ao valor inicial.

Os indicadores selecionados, para mensurar a trajetória da indústria calçadista, estão organizados nos quadros abaixo. Eles irão contribuir para a análise dos dados e, por conseguinte, na identificação do desempenho da indústria calçadista gaúcha no período selecionado.

Quadro 1 – Organização das informações coletadas

Indicador	Informação coletada	Período	Fonte
Produção de calçados	Acompanhamento dos dados de produção, em valor corrente (R\$) e em volume (pares), da indústria calçadista nacional, estadual e regional.	2005 a 2017	Pesquisa Industrial Anual - Produto (PIA-PRODUTO) - 2017, através do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados).
Valor Adicionado Bruto (VAB) da indústria de transformação	Acompanhamento da produção, em valor corrente (R\$), estadual por setor de atividade.	2005 a 2015	Centro de Indicadores Econômicos e Sociais, Núcleo de Contas Regionais, através de Fundação de Economia e Estatística (FEE).
Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA	Mensuração da inflação, a partir do indicador oficial do Brasil. Utilizou-se o índice para calcular o preço constante de produção de calçados e do VAB da indústria de transformação.	2005 a 2017	Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor (SNIPC) através do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).
Valor de produção de calçados e valor adicionado bruto da indústria de transformação constante	Acompanhamento da produção em valor constante através da utilização do IPCA trazendo os valores para 2017.	2005 a 2017	Fundação de Economia e Estatística (FEE) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).
Preço médio da produção de calçados	Valor médio do par de calçado produzido no estado, através do valor total constante de produção dividido pela quantidade total de pares produzidos.	2005 a 2017	Pesquisa Industrial Anual (PIA-PRODUTO) - 2017, através do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados).

(continua)

(continuação)

Indicador	Informação coletada	Período	Fonte
Estabelecimentos por principal classe de atividade econômica - CNAE Classe - Fabricação de calçados no Rio Grande do Sul (foram considerados os estabelecimentos com 1 ou mais funcionários)	<p style="text-align: center;">Por material:</p> Fabricação de calçados de couro (couro natural) Fabricação de calçados de material sintético (plástico, borracha) Fabricação de calçados de outros materiais, não anteriormente especificados.	1995 a 2017	Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), através do Ministério do Trabalho e do Emprego.
	<p style="text-align: center;">Por Polo:</p> Polo do Vale do Rio dos Sinos: Araricá, Campo Bom, Canoas, Dois Irmãos, Estância Velha, Esteio, Ivoti, Nova Hartz, Nova Santa Rita, Novo Hamburgo, Portão, São Leopoldo, Sapiranga e Sapucaia do Sul. Polo do Vale do Paranhana/Encosta da Serra: Igrejinha, Lindolfo Collor, Morro Reuter, Parobé, Picada Café, Presidente Lucena, Riozinho, Rolante, Santa Maria do Herval, Taquara e Três Coroas. Outros: Demais municípios do Rio Grande do Sul.		
	<p style="text-align: center;">Por Porte:</p> Microempresa: 1 a 19 funcionários Pequena empresa: 20 a 99 funcionários Média empresa: 100 a 499 funcionários Grande empresa: 500 ou mais funcionários		

(continuação)

Indicador	Informação coletada	Período	Fonte
Postos de trabalho por principal classe de atividade econômica - CNAE Classe - Fabricação de calçados no Rio Grande do Sul	<p>Por material: Fabricação de calçados de couro (couro natural) Fabricação de calçados de material sintético (plástico, borracha) Fabricação de calçados de outros materiais, não anteriormente especificados.</p>	1995 a 2017	Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), através do Ministério do Trabalho e do Emprego.
	<p>Por Polo: Polo do Vale do Rio dos Sinos: Araricá, Campo Bom, Canoas, Dois Irmãos, Estância Velha, Esteio, Ivoti, Nova Hartz, Nova Santa Rita, Novo Hamburgo, Portão, São Leopoldo, Sapiranga e Sapucaia do Sul. Polo do Vale do Paranhana/Encosta da Serra: Igrejinha, Lindolfo Collor, Morro Reuter, Parobé, Picada Café, Presidente Lucena, Riozinho, Rolante, Santa Maria do Herval, Taquara e Três Coroas. Outros: Demais municípios do Rio Grande do Sul.</p>		
	<p>Por Porte: Microempresa: 1 a 19 funcionários Pequena empresa: 20 a 99 funcionários Média empresa: 100 a 499 funcionários Grande empresa: 500 ou mais funcionários</p>		
	<p>Por Escolaridade: Ensino fundamental incompleto Ensino fundamental completo Ensino médio incompleto Ensino médio completo Ensino superior incompleto ou completo</p>		
	<p>Por faixa salarial: De 0 a 1 salário mínimo De 1,01 a 1,5 salários mínimos De 1,51 a 2,0 salários mínimos De 2,01 a 3,0 salários mínimos Mais de 3,01 salários mínimos</p>		

(continuação)

Indicador	Informação coletada	Período	Fonte
Exportações de calçados	Acompanhamento das exportações de calçados em valor (US\$), em volume (pares) e preço médio (US\$/par), no Rio Grande do Sul.	1995 a 2017	Secretaria de Comércio Exterior (SECEX).
	<p align="center">Por material:</p> <p>Calçado injetado: Calçado impermeável de sola exterior e parte superior de borracha ou plástico, em que a parte superior não tenha sido reunida à sola exterior por costura ou por meio de rebites, pregos, parafusos, espigões ou dispositivos semelhantes, nem formada por diferentes partes reunidas pelos mesmos processos.</p> <p>Calçado sintético/laminado: Outro calçado com sola exterior e parte superior de borracha ou plástico.</p> <p>Calçado de couro: Calçado com sola exterior de borracha, plástico, couro natural ou reconstituído e parte superior de couro natural.</p> <p>Calçado têxtil: Calçado com sola exterior de borracha, plástico, couro natural ou reconstituído e parte superior de matérias têxteis.</p> <p>Outro calçado: não anteriormente especificado.</p>		
	<p align="center">Por Polo:</p> <p>Polo do Vale do Rio dos Sinos: Araricá, Campo Bom, Canoas, Dois Irmãos, Estância Velha, Esteio, Ivoti, Nova Hartz, Nova Santa Rita, Novo Hamburgo, Portão, São Leopoldo, Sapiranga e Sapucaia do Sul.</p> <p>Polo do Vale do Paranhana/Encosta da Serra: Igrejinha, Lindolfo Collor, Morro Reuter, Parobé, Picada Café, Presidente Lucena, Riozinho, Rolante, Santa Maria do Herval, Taquara e Três Coroas.</p> <p>Outros: Demais municípios do Rio Grande do Sul.</p>		
	Três principais (maiores) destinos, em valor (US\$), das exportações de calçados no Rio Grande do Sul.	1997 a 2017	

(continuação)

Indicador	Informação coletada	Período	Fonte
Importações de calçados	Acompanhamento das importações de calçados em valor (US\$), em volume (pares) e preço médio (US\$/par), no Rio Grande do Sul.	1997 a 2017	Secretaria de Comércio Exterior (SECEX).
	<p style="text-align: center;">Por material:</p> <p>Calçado injetado: Calçado impermeável de sola exterior e parte superior de borracha ou plástico, em que a parte superior não tenha sido reunida à sola exterior por costura ou por meio de rebites, pregos, parafusos, espigões ou dispositivos semelhantes, nem formada por diferentes partes reunidas pelos mesmos processos.</p> <p>Calçado sintético/laminado: Outro calçado com sola exterior e parte superior de borracha ou plástico.</p> <p>Calçado de couro: Calçado com sola exterior de borracha, plástico, couro natural ou reconstituído e parte superior de couro natural.</p> <p>Calçado têxtil: Calçado com sola exterior de borracha, plástico, couro natural ou reconstituído e parte superior de matérias têxteis.</p> <p>Outro calçado: não anteriormente especificado.</p>		
	Três principais (maiores) origens, em valor (US\$), das importações de calçados no Rio Grande do Sul.		
Destino da produção de calçados	Do total produzido de calçados em volume, o percentual da produção que é destinada ao mercado externo, e conseqüentemente, o restante permanente ao mercado interno.	2005 a 2017	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Secretaria de Comércio Exterior (SECEX).

(conclusão)

Indicador	Informação coletada	Período	Fonte
Taxa média anual de câmbio	Acompanhamento da taxa média anual de câmbio, preço do dólar americano (US\$), (moeda oficial utilizado na transação de comércio internacional), frente a moeda nacional, real (R\$).	1997 a 2017	Banco Central do Brasil (BACEN).
Produção mundial de calçados	Acompanhamento da produção mundial de calçados, em volume (pares).	2007 a 2017	World Shoe Review (WSR).
Exportações mundiais de calçados	Acompanhamento da exportação mundial de calçados, em volume (pares).	2007 a 2017	World Shoe Review (WSR).
Implementação de inovações - Empresas brasileiras de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados	Por tipo de inovação: Produto Processo Produto e Processo	2000 a 2014	PINTEC (pesquisa de Inovação).
	Nas atividades internas de pesquisa e desenvolvimento por grau de importância: Alta Média Baixa ou não realizou.		
	Na aquisição de máquinas e equipamentos por grau de importância: Alta Média Baixa ou não realizou.		
	Na introdução de inovações tecnológicas no mercado por grau de importância: Alta Média Baixa ou não realizou.		

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O presente capítulo tem como finalidade apresentar os principais dados, em séries históricas, da indústria calçadista gaúcha. Primeiramente será apresentada a produção de calçados, tanto no aspecto de valor, como de volume de pares e de preço médio por produto fabricado. Após, serão observados os estabelecimentos, com um ou mais funcionários, e o número de postos de trabalho da fabricação de calçados. Também serão descritas as características das empresas por porte e a faixa de renda e escolaridade dos colaboradores. As informações de comércio exterior serão analisadas no quarto subcapítulo. A penúltima parte estará voltada aos principais países produtores e exportadores de calçados no mundo, dada a sua influência de atuação no mercado como um todo. Por fim, serão observados os indicadores de inovação do setor de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados.

5.1 Produção de calçados no Rio Grande do Sul

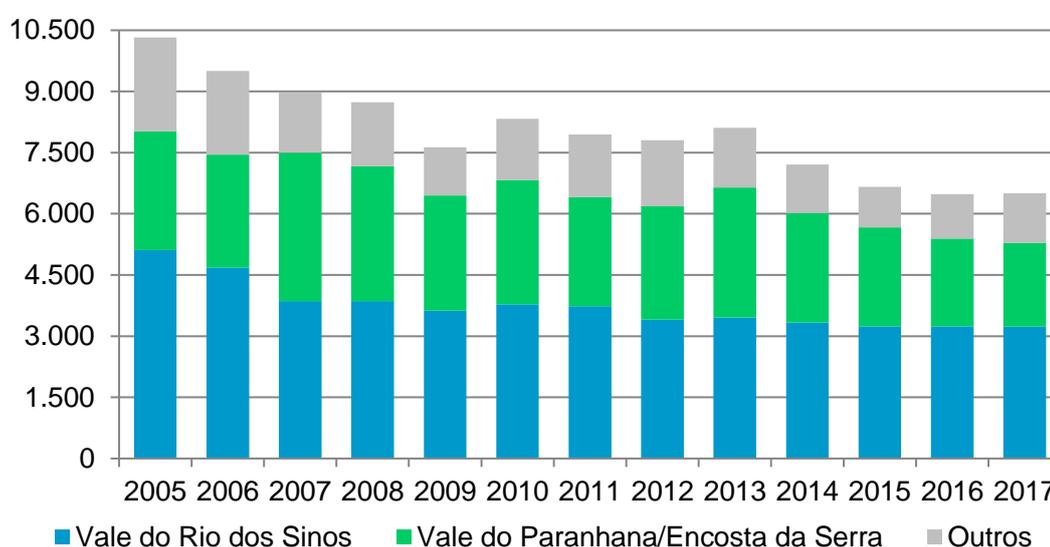
O Rio Grande do Sul, em 2017, representou quase 29% do total produzido, em valor, de calçados no Brasil. Sendo o estado que mais produz calçados, em valor, algo próximo de R\$ 6,5 bilhões. Contudo, ao se observar os dados do gráfico 1, consegue-se facilmente notar que a produção do estado já foi muito maior, em valores reais. Em 2005, os calçados fabricados no Rio Grande do Sul chegaram a mais R\$ 10,3 bilhões, sendo responsáveis por uma parcela de 45,5% da manufatura do produto nacional. Nesse sentido, percebe-se que a indústria calçadista gaúcha perdeu representatividade na produção brasileira além de queda em 37% no valor de produção, (2005-2017). Enquanto isso, a indústria nacional, no mesmo período, apresentou variação acumulada de -0,2%.

Ao olhar a produção de calçados gaúcha segmentada pelos principais polos, em valor, a partir do gráfico 1, observa-se que todas as regiões apresentam quedas acumuladas ao longo do período. A região com maior representatividade no Rio Grande do Sul, o polo do Vale do Rio dos Sinos, teve variação negativa de quase 37%, no período. O resultado é semelhante ao total da perda acumulada na produção do estado. Esse comportamento pode estar relacionado a expressividade do polo na

participação da fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, próximo a 50%. O polo do Vale do Paranhana/Encosta da Serra apresentou a menor queda entre as regiões, cerca de 29,4%. O pior desempenho esteve nas demais regiões (outros), com perda de 47%.

É importante destacar que os dados de manufatura de calçados em valor foram todos deflacionados, assim são apresentados em valor constante. O resultado em valor nominal seria completamente distorcido e computaria em crescimento de 22% na produção calçadista, entre os anos de 2005 a 2017.

Gráfico 1 - Produção de calçados no Rio Grande do Sul, por Polo, em milhões de reais, em valor constante, de 2005 a 2017



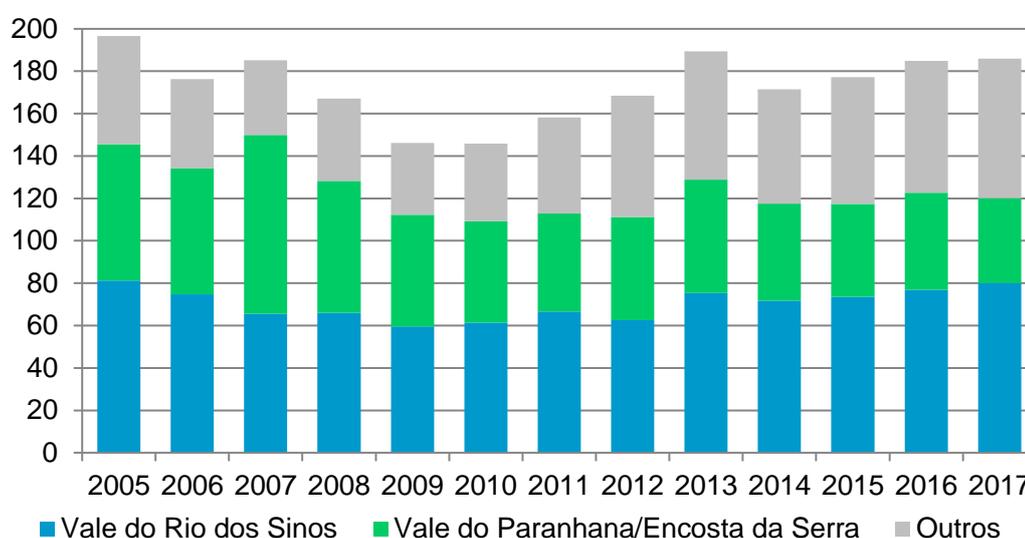
Fonte: Elaborado pela autora, com base em IBGE/Abicalçados (PIA-PRODUTO 2017).

Em 2017, na mensuração dos dados de produção de calçados em volume, (pares), o estado gaúcho foi o segundo maior produtor de calçados no Brasil, ficando atrás apenas do Ceará. A representatividade do Ceará foi de 26% de calçados fabricados no país e já do Rio Grande do Sul foi de 20,5%, expressados em 235,1 e 185,9 milhões de pares, respectivamente.

Entre 2005 a 2017, a produção de calçados do estado gaúcho retraiu em 5,4%, queda menor em relação ao valor da manufatura. Contudo, ao observar a evolução dos polos, no gráfico 2, é possível perceber que eles tiveram comportamentos diferentes um do outro na fabricação de calçados. O Polo do Vale do Rio dos Sinos representou 43% da manufatura em quantidade, 80 milhões de pares, em 2017. No

entanto, comparado a 2005, o polo resultou em queda acumulada de 1,6%. O polo do Vale do Paranhana/Encosta de Serra caiu 37,7%, em pares, ao longo dos anos. A região teve variação negativa maior em quantidade que em valor. Em 2017, o polo produziu 40,1 milhões de pares. Já a região outros, apresentou expansão na produção de pares, de 51,8 milhões em 2005 para 65,8 milhões em 2017, ou seja, aumento de mais 29%.

Gráfico 2 - Produção de calçados no Rio Grande do Sul, por Polo, em milhões de pares, de 2005 a 2017



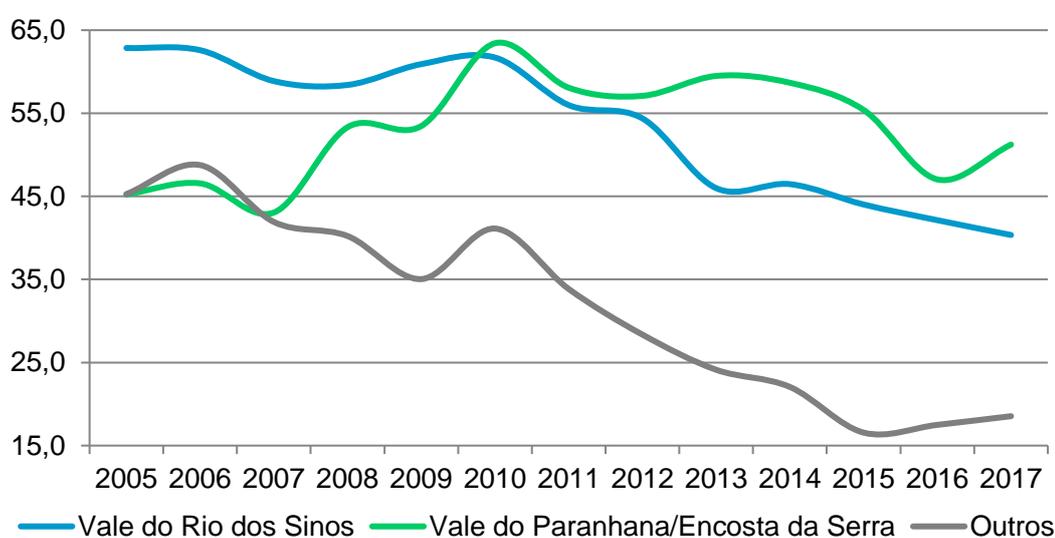
Fonte: Elaborado pela autora, com base em IBGE/Abicalçados (PIA-PRODUTO 2017).

A partir da queda na produção de calçados em valor, no recorte das regiões, e dos diferentes comportamentos da fabricação, em volume, a evolução do preço médio do calçado gaúcho resultou em distintos comportamentos. Assim, ao olhar o gráfico 3, preço médio do calçado produzido por polo, consegue-se perceber uma tendência similar de comportamento no polo do Vale do Rio dos Sinos e outros, demais regiões. No entanto, o polo do Vale do Paranhana/Encosta da Serra não segue o mesmo padrão de comportamento. Em 2017, o polo resultou o maior preço médio do calçado produzido no estado, com aumento de 13,3% no preço por unidade em relação a 2005.

Em 2005, o preço médio mais alto do calçado produzido no estado estava no Vale do Rio dos Sinos (R\$ 62,90 por par). No entanto, no final do período, após as quedas anuais, o calçado fabricado no polo ficou em R\$ 40,30, refletindo uma perda de valor de mais de 35%. Já o polo do Vale do Paranhana/Encosta da Serra passou

de um preço médio de R\$ 45,00 para R\$ 51,20, de 2005 para 2017. As demais regiões do Rio Grande do Sul, em 2005, apresentavam um valor médio de R\$ 45,00 no calçado produzido, já em 2017, o preço médio foi de R\$ 18,50. A região apresentou queda no indicador de 59%. É muito provável que essa região tenha alterado o segmento de calçado produzido, a partir de uma variação tão representatividade no preço médio encontrado, entre 2005 e 2017.

Gráfico 3 - Preço médio (R\$/par) do calçado produzido no Rio Grande do Sul, por Polo, de 2005 a 2017

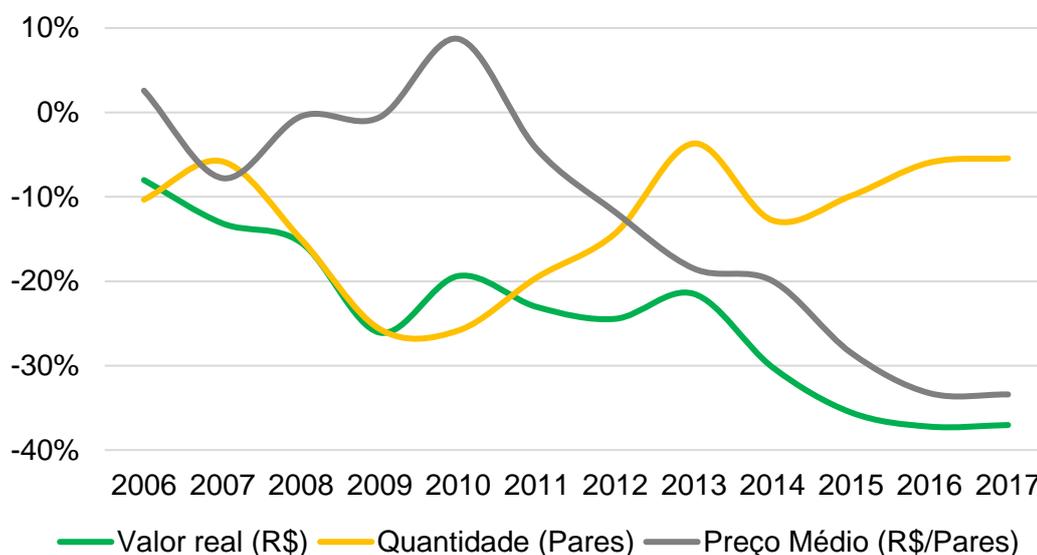


Fonte: Elaborado pela autora, com base em IBGE/Abicalçados (PIA-PRODUTO 2017).

A partir das observações compreende-se que o Vale do Paranhana/Encosta da Serra foi a única região que teve aumento no preço médio do calçado produzido. Já o “outros”, conseguiu aumentar sua produção em volume, mas teve grande perda no valor médio do calçado. E o polo do Vale do Rio dos Sinos teve perda tanto na produção do produto em valor, como em pares e no preço médio. Os comportamentos distintos no recorte das regiões talvez possam ser explicados no detalhamento dos dados seguintes.

O gráfico 4 demonstra que a variação acumulada da produção de calçados no Rio Grande do Sul como um todo, entre 2006 a 2017, resultou em queda em todos os aspectos, seja no valor real de fabricação, no volume (pares) e no preço médio do produto. A redução maior encontra-se no valor real de produção.

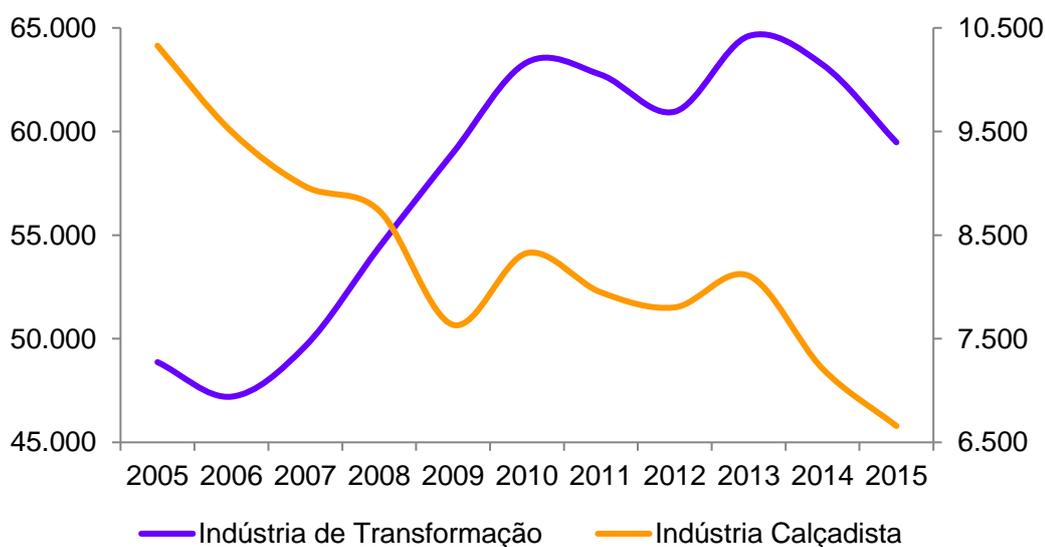
Gráfico 4 - Variação acumulada da produção de calçados no Rio Grande do Sul, de 2006 a 2017



Fonte: Elaborado pela autora, com base em IBGE/Abicalçados (PIA-PRODUTO 2017).

Com base na perda do valor real de produção de calçados no estado e no recorte das regiões, considerou-se importante observar a evolução do valor real de produção da indústria de transformação gaúcha no mesmo período.

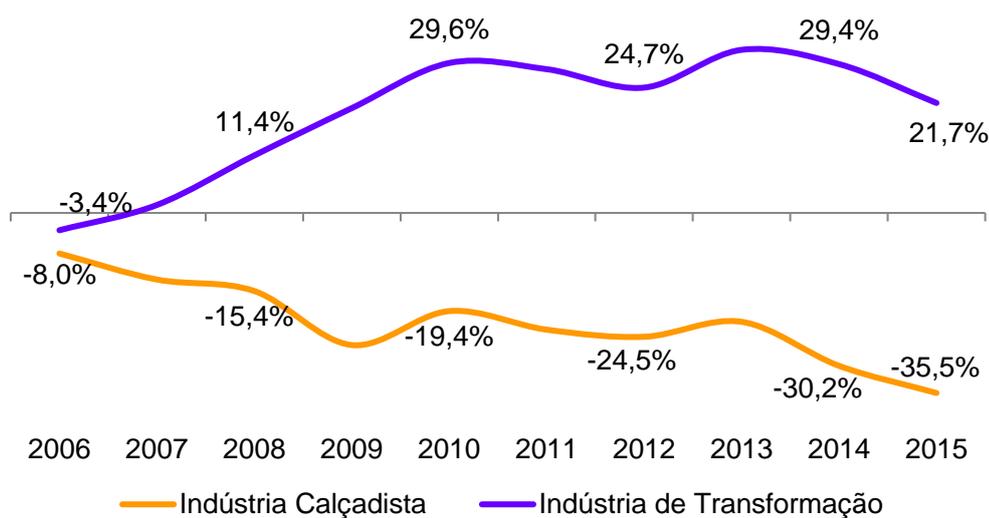
Gráfico 5 - Valor da produção da indústria de transformação e da indústria de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, em milhões de R\$, em valor constante, de 2005 a 2015



Fonte: Elaborado pela autora, com base em FEE DADOS e IBGE/Abicalçados (PIA-PRODUTO 2017).

O gráfico 5 revela movimentos totalmente opostos entre a indústria de transformação e a indústria calçadista, de 2005 a 2010, e certa tendência de comportamento semelhante de 2010 a 2015. Enquanto a indústria de transformação acumula variação positiva, 2005 a 2010, com acréscimo próximo a 30%, a indústria calçadista possui comportamento de decréscimo ano a ano. Ao final do período, (2015), a produção de calçados em valor caiu 35,5%, frente a um aumento de valor da indústria de transformação de 21,7%, como apresenta o gráfico 6. Esses movimentos antagônicos demonstram uma disparidade muito grande no valor produção de calçados para o restante da indústria de transformação.

Gráfico 6 - Variação acumulada da produção indústria de transformação e da indústria de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, de 2006 a 2015



Fonte: Elaborado pela autora, com base em FEE DADOS e IBGE/Abicalçados. (PIA-PRODUTO 2017).

Por fim, a partir dos dados observados, compreende-se que a trajetória da indústria calçadista teve desempenho muito inferior em relação a indústria de transformação no estado gaúcho. Sabe-se que a indústria calçadista é um setor bastante tradicional, o que caracteriza o processo de transformação industrial mais complexo afim de se manter competitivo e acompanhar a concorrência do sistema capitalista, conforme Ferraz, Kupfer e Haguenaer (1995). Percebe-se, que no período, houve redução do valor médio do calçado produzido no Rio Grande do Sul, possivelmente relacionado à concorrência focada em preço. Ademais, torna-se

bastante relevante o olhar aos próximos aspectos do setor no intuito de identificar o comportamento setorial nas condições em que se deparou.

5.2 Estrutura industrial

Ao observar os estabelecimentos de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, ao longo de 1995 a 2017, rapidamente percebe-se uma variação significativa no número total de estabelecimentos. Em 1995, 1.305 fábricas representavam a produção de calçados no estado. Ao final do período, (2017), esse grupo esteve formado por 1.939 empresas manufatureiras. O maior número de empresas encontrou-se no ano de 2011, no qual a fabricação de calçados possuía 2.950 empresas, representando cerca de 8,5% no total de estabelecimentos da indústria de transformação no Rio Grande Sul. Já em 2017, as empresas de fabricação de calçados tiveram apenas 6% na participação do total de estabelecimentos da indústria de transformação.

A indústria de transformação também passou por reduções no mesmo período. Contudo, a queda acumulada de 2011 para 2017, foi de 4%, passando de 34.564 empresas para 33.113, no número de estabelecimentos. Enquanto isso, a indústria de fabricação de calçados resultou em uma variação negativa de 34%.

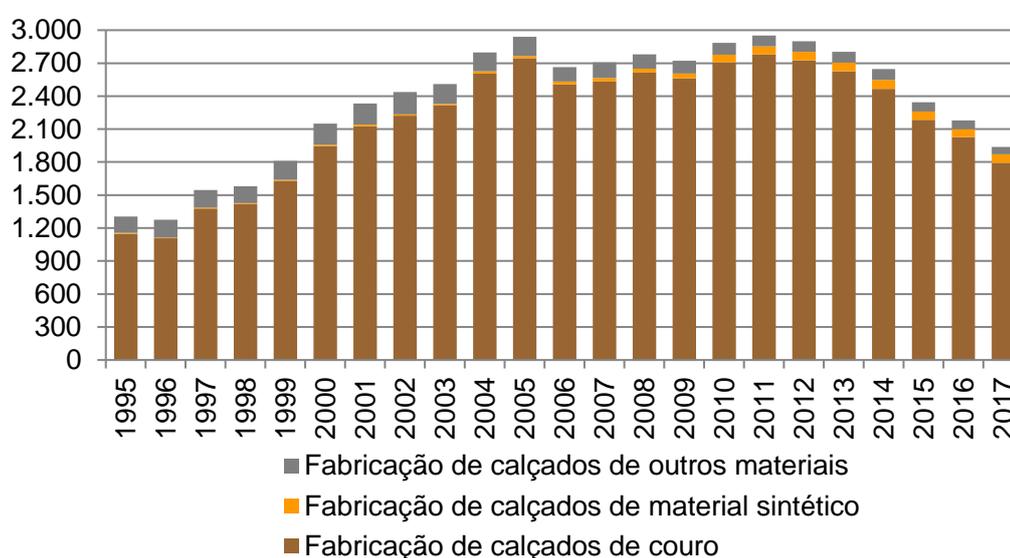
Entre 1995 a 2011, houve crescimento de 126% dos estabelecimentos de manufatura de calçados. Contudo, de 2011 a 2017, o resultado foi de queda em 34%. No total do período analisado, (1995-2017) a variação de estabelecimentos de fabricação de calçados foi positiva, em aproximadamente 49%.

A partir do gráfico 7, a evolução de estabelecimentos de fabricação de calçados, no Rio Grande do Sul, por principal atividade, demonstra que uma grande parcela dos estabelecimentos tem como principal atividade a fabricação de calçados de couro natural. Ao longo da trajetória, (1995-2017), a participação da fabricação de calçados de couro como principal atividade esteve entre 87% a 94%, no estado. É importante levar em consideração que está se falando em principal atividade, o que não significa exclusividade na atividade, podendo esses estabelecimentos produzir outros tipos de calçados conjuntamente.

Outra relevante observação está na expansão dos estabelecimentos de principal atividade a fabricação de calçados de material sintético. Em 1995, havia 8 empresas nesse segmento, no Rio Grande do Sul. Já em 2017, esse grupo esteve

representado em 76 estabelecimentos, resultando em uma variação positiva de 850%, no total do período. No total dos estabelecimentos de fabricação de calçados, esse grupo possui uma pequena representatividade, mas elas passaram de 0,6% para 3,9%, de 1995 a 2017, respectivamente. O crescimento na representatividade das empresas de principal atividade a manufatura do calçado sintético pode ser atribuído a alternativa de substituição da matéria prima, do couro natural para um material de menor custo. Além disso, pode estar relacionado com a um novo comportamento do consumidor em busca de calçados esportivos e sintéticos.

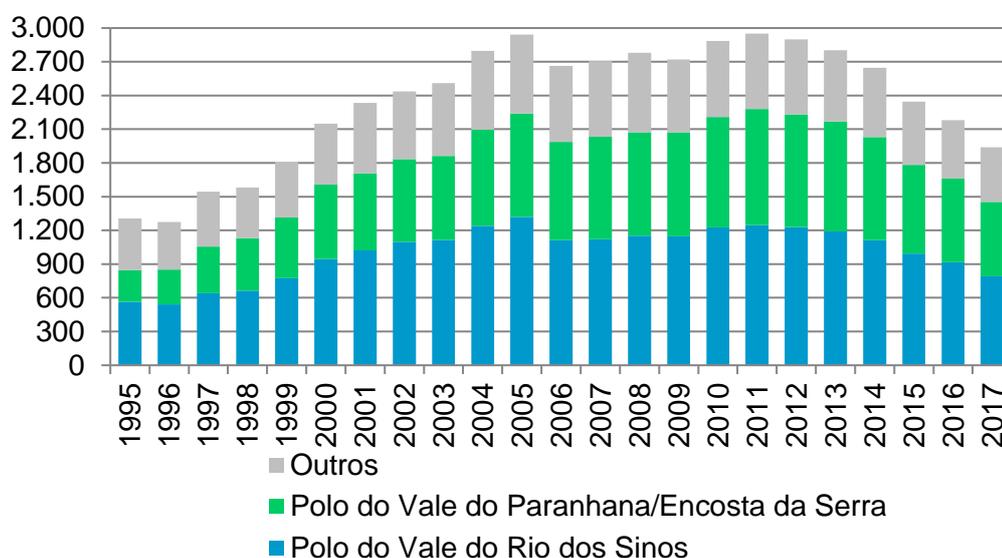
Gráfico 7 - Estabelecimentos de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, por principal atividade, de 1995 a 2017



Fonte: Elaborado pela autora, com base em MTE - RAIS (2017).

Na segmentação do número de estabelecimentos de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul por polos, é possível observar a significativa representação dos polos do Vale do Rio dos Sinos e do Vale do Paranhana/Encosta da Serra. Em 2017, os dois polos somados representaram 75% dos estabelecimentos de fabricação de calçados no estado. Já no período inicial, (1995), a representação foi de 64,8%. Isso indica que houve um acréscimo na representatividade total dos dois principais polos, ao final do período.

Gráfico 8- Estabelecimentos de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, por polos, de 1995 a 2017



Fonte: Elaborado pela autora, com base em MTE - RAIS (2017).

Analisando os polos separadamente, constata-se que o polo do Vale do Paranhana/Encosta da Serra teve destaque no período. Em 1995, o polo possuía 282 empresas, ou seja, 21,6% de participação no Rio Grande do Sul. Já em 2017, o mesmo polo, teve participação de 34% das empresas de fabricação de calçados no estado, com 662 fábricas. O polo do Vale do Rio dos Sinos, ao longo dos anos, foi o que teve a maior representatividade no total dos estabelecimentos. A sua maior participação esteve em 2005, com 1.321 empresas de fabricação de calçados, significando 45% dos estabelecimentos no estado. Contudo, em 2017, na região, apenas 792 estabelecimentos de fabricação de calçados representavam o polo, uma retração de 40%, (2005-2017). A representação do polo que era de 43,2% em 1995, passou para 40,8% em 2017, mesmo assim houve aumento na quantidade de estabelecimentos no período, 228 a mais em relação ao ano de 1995. O restante do estado, outros, também teve sua representação diminuída no período, de 35,2% para 25%. Em 1995, a região possui 459 empresas de fabricação de calçados, já em 2017 o grupo esteve expresso em 485.

Todas as regiões tiveram aumento das fábricas de manufatura de calçados nos anos observados (1995-2017). No entanto, apenas o polo do Vale do Paranhana/Encosta da Serra, teve aumento na participação do total dos estabelecimentos no estado. Mais uma vez, o polo teve um comportamento distinto

das outras regiões, ele apresentou o maior aumento de estabelecimentos comparado as outras regiões. No entanto, em 2017, o Vale do Rio dos Sinos ainda foi o polo com maior número de estabelecimentos de fabricação de calçados.

O que pode ser observado na evolução dos estabelecimentos de fabricação de calçados é mais uma característica das indústrias tradicionais, onde não há grandes dificuldades de entrar e sair no mercado, uma vez que é percebida significativas variações entre os anos de 1995 a 2017.

5.3 Mercado de trabalho

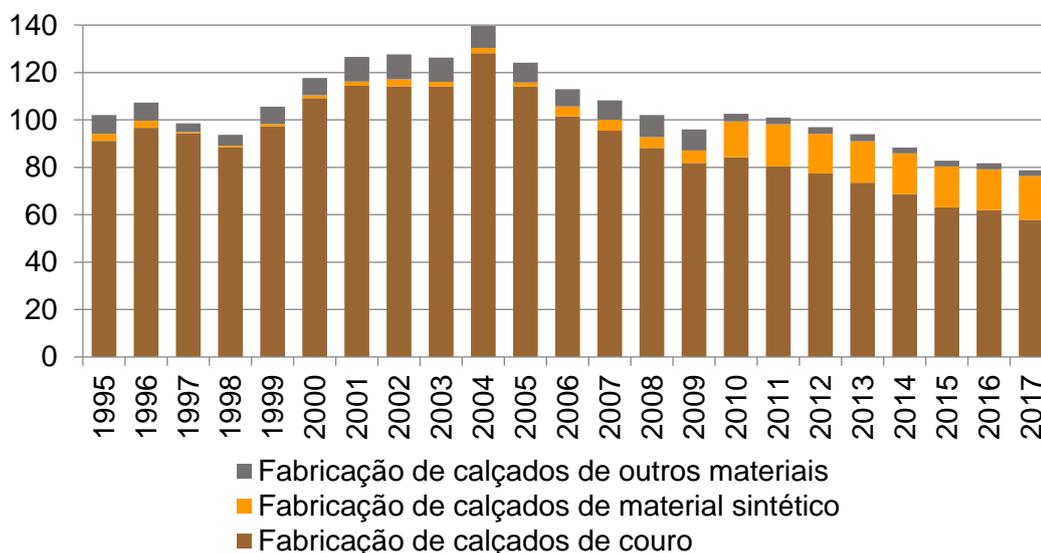
Com relação aos postos de trabalho, o setor de fabricação de calçados em 1995, empregou 102 mil pessoas no estado. Já em 2017, o mesmo ramo teve um saldo de quase 79 mil postos de trabalho, indicando uma perda de 23,4 mil empregos ou variação negativa de 23% em relação a 1995. Mesmo com a significativa queda nos postos de trabalho, o setor de fabricação de calçados, em 2017, foi o que teve maior representatividade na indústria de transformação no Rio Grande do Sul.

Os postos de trabalho da indústria de transformação gaúcha também foram observados, no intuito de comparar os desempenhos. Em 1995, a indústria de transformação foi responsável por 478,7 mil empregos. Já em 2017, a mesma indústria deteve 633,3 mil postos de trabalho. Assim, a indústria de transformação gerou mais de 154 mil novos empregos, um crescimento acumulado de 32,3%.

Ao olhar para os postos de trabalho na indústria de fabricação de calçados e para a indústria de transformação, percebe-se que a indústria de fabricação de calçados perdeu postos enquanto a indústria de transformação gerou novos postos de trabalho, entre os anos de 1995 a 2017. Conseqüentemente, a indústria manufatureira de calçados acabou perdendo participação na indústria de transformação. Em 2001, o nível de emprego na indústria de fabricação de calçados chegou a 126,5 mil postos, sendo responsável por 23,4% do total de emprego na indústria de transformação. Contudo, em 2017, a fabricação de calçados representou apenas 12,4% do emprego na indústria de transformação.

Assim, como observado no valor de produção e nos estabelecimentos, a indústria de fabricação de calçados apresentou um desempenho abaixo da indústria de transformação nos postos de trabalho.

Gráfico 9 – Postos de trabalho na fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, por principal atividade, mil empregos, de 1995 a 2017



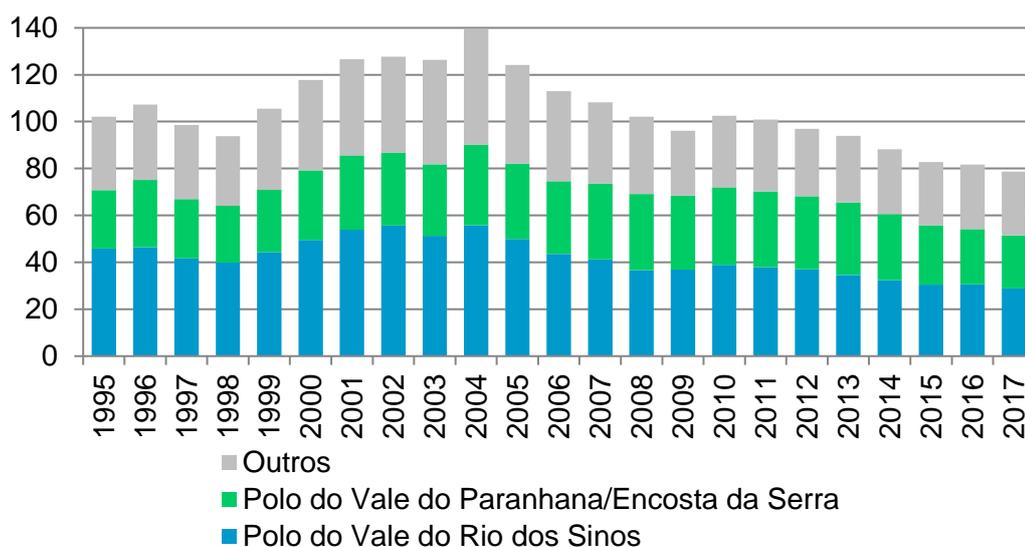
Fonte: Elaborado pela autora, com base em MTE - RAIS (2017).

Os postos de trabalho na fabricação de calçados, no Rio Grande do Sul, por principal atividade, indicam perda na segmentação de calçados de couro e de outros materiais, e ganho de postos de trabalho na fabricação de calçados de sintético. Em 1995, as empresas com principal atividade na fabricação de calçados de couro empregavam 91 mil pessoas. Em 2017, este mesmo segmento teve um saldo de apenas 57,8 mil empregos, ou seja, 33,2 mil a menos que no primeiro ano do período analisado. A perda de empregos no período todo foi de 36,5%.

Assim como observado no movimento de estabelecimentos com principal atividade os calçados de sintéticos, também houve expansão de emprego no segmento. A maior variação anual ocorreu em 2010, com aumento de 180% de postos de trabalho, comparado ao ano anterior. Está se falando de 5,4 mil empregos em 2009, para 15,1 mil em 2010. No total do intervalo de tempo (1995-2017), os postos de trabalho das empresas com principal atividade o calçado de sintético somou um aumento de 15,6 mil postos, iniciado em 1995 com 2,9 mil. A variação positiva do período foi de mais de 500%. Em 2017, o segmento teve saldo de 18,5 mil postos de trabalho, o que representou 23,5% de emprego no total da fabricação de calçados no estado.

O emprego na fabricação de calçados de outros materiais teve redução de 70,7% entre os anos de 1995 a 2017. Em 1995, os postos de trabalho na fabricação de calçados de outros materiais eram 8,1 mil, já em 2017, esse número caiu para 2,4 mil.

Gráfico 10 - Postos de trabalho na fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, por polo, mil empregos, de 1995 a 2017



Fonte: Elaborado pela autora (2019), com base em MTE - RAIS (2017).

A fabricação de calçados, no Rio Grande do Sul, perdeu uma grande quantidade de postos de trabalho ao longo dos anos analisados 1995 a 2017. O Polo do Vale do Rio dos Sinos foi e ainda é o local no qual encontra-se a maior concentração de empregos no ramo, com cerca de 37% dos postos de trabalho em 2017. Contudo, essa região foi a que mais perdeu postos no período, com uma queda acumulada de 36,9% de empregos, passando de 45,8 mil para 28,9 mil postos, entre os anos 1995 e 2017, respectivamente.

Em 2017, o Polo do Vale do Paranhana/Encosta da Serra representou 28,6% da força de mão de obra no estado. A região também apresentou variação negativa nos postos de trabalho, quase 10%, entre 1995 a 2017, passando de 24,9 mil postos para 22,5 mil. Já o restante do estado, (outros), perdeu 3 mil postos, durante todo o período. Em 1995, a região detinha cerca de 31,3 mil empregos passando para 27,3 mil em 2017, queda de 12,8%. O polo representou 34,7% dos postos de trabalho.

Pode-se entender mais uma vez que a indústria de fabricação de calçados teve dificuldades muito maiores que a indústria de transformação gaúcha na criação e na manutenção de postos de trabalho, entre 1995 a 2017. O emprego teve queda maior nos estabelecimentos de principal atividade a fabricação do calçado de couro e no polo Vale do Rio dos Sinos.

5.4 Contrastes regionais

O objetivo do subcapítulo está em identificar os principais contrastes regionais, no intuito de comparar o movimento de uma região com a outra, ocorridos entre os anos de 2005 a 2017, de forma sucinta e clara, nos aspectos descritos anteriormente: produção, emprego e estabelecimentos da fabricação de calçados.

Tabela 1 – Indústria de fabricação de calçados no Brasil e no Rio Grande do Sul, de 2005 a 2017

Região	Brasil			Rio Grande do Sul			
	Ano	2005	2017	Varição Acumulada (2005-2017)	2005	2017	Varição Acumulada (2005-2017)
Produção (Bilhões R\$) (preços constantes)		22,7	22,6	-0,2%	10,3	6,5	-37,0%
Produção (Milhões pares)		757,0	905,4	19,6%	196,6	185,9	-5,4%
Emprego (milhares)		290,5	239,1	-17,7%	124,1	78,7	-36,6%
Empresas (milhares)		7,7	5,7	-26,5%	2,9	1,9	-34,1%

Fonte: Elaborada pela autora, com base em IBGE/Abicalçados (PIA-PRODUTO 2017) e MTE - RAIS (2017).

A tabela 1 indica que a indústria de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul apresentou um desempenho mais fraco em relação a indústria de fabricação de calçados no Brasil. A variação da produção de calçados, em valor e em volume, foram os aspectos que tiveram maior contraste entre as regiões. Enquanto o Brasil teve aumento na produção em pares de calçados, o Rio Grande do Sul recuou sua produção. Isso indica que o setor de fabricação de calçados, em outros estados do

país, apresentou expansão, na medida em que os dados nacionais se comportaram de forma superior ao estado.

A variação de emprego e de empresas de fabricação de calçados, no Brasil, é de redução. No entanto, no Rio Grande do Sul, o encolhimento é ainda maior nos dois aspectos, em relação ao país.

Tabela 2 – Indústria de fabricação de calçados nos polos do Rio Grande do Sul, de 2005 a 2017

Região	Vale do Rio dos Sinos			Vale do Paranhana/ Encosta da Serra			Outros (demais regiões)		
	Ano	2005	2017	Variação Acumulada (2005-2017)	2005	2017	Variação Acumulada (2005-2017)	2005	2017
Produção (Bilhões R\$) (preços constantes)	5,1	3,2	-36,8%	2,9	2,1	-29,4%	2,3	1,2	-47,1%
Produção (Milhões pares)	81,3	80,0	-1,6%	64,4	40,1	-37,7%	51,0	65,8	29,1%
Emprego (milhares)	50,0	28,9	-42,1%	32,2	22,5	-30,0%	42,0	27,3	-35,0%
Empresas (milhares)	1,3	0,8	-40,0%	0,9	0,7	-27,9%	0,7	0,5	-30,9%

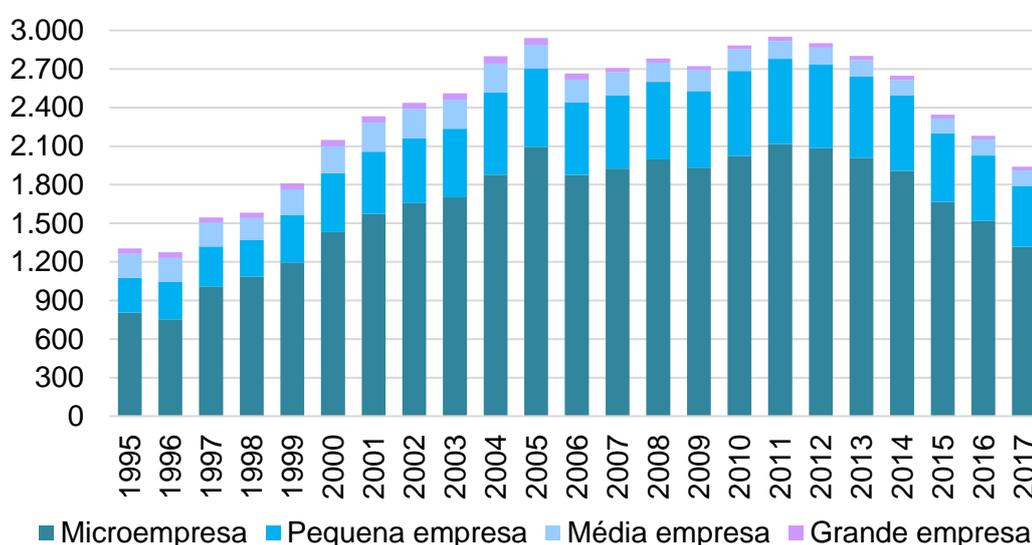
Fonte: Elaborada pela autora, com base em IBGE/Abicalçados (PIA-PRODUTO 2017) e MTE - RAIS (2017).

Percebe-se que, no geral, as regiões apresentaram encolhimento nos dados entre os anos de 2005 a 2017, com ressalva a variação positiva de 29% na fabricação de calçados, em pares, nas outras regiões do estado. No aspecto de produção de calçados em valor, as demais regiões resultaram na maior variação negativa, cerca de 47%. Já na produção em volume, o polo do Vale do Paranhana/Encosta da Serra teve a queda mais expressiva no período, 37,7%. O polo do Vale do Rio dos Sinos resultou na maior redução, entre as regiões, no aspecto de postos de trabalho e de estabelecimentos, o encolhimento no período foi de 42% e 40%, respectivamente.

5.5 Indicadores relacionados à indústria e ao mercado de trabalho na fabricação de calçados

Na seção o interesse será em descrever a os estabelecimentos de fabricação de calçados por porte e a distribuição dos postos de trabalho por porte. Após, serão analisadas as faixas de rendimento dos colaboradores e a escolaridade dos mesmos na indústria de fabricação de calçados. Todos os dados serão expostos ao longo do período de 1995 a 2017.

Gráfico 11 – Estabelecimentos de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, por porte, de 1995 a 2017

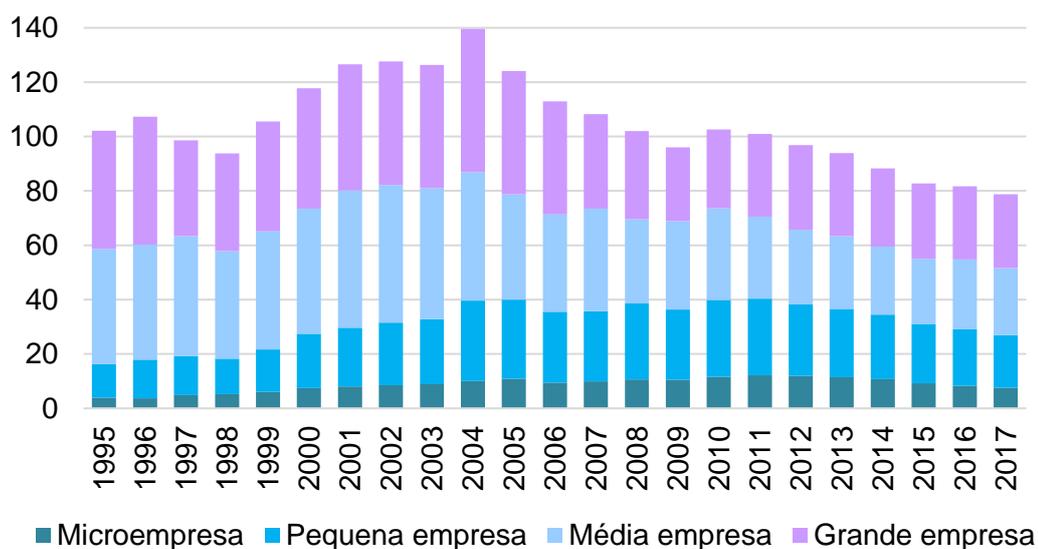


Fonte: Elaborado pela autora, com base em MTE - RAIS (2017).

A partir do gráfico 11, pode-se compreender que a maior parte dos estabelecimentos de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul são formados por microempresas, que representam os estabelecimentos que possuem de 1 a 19 colaboradores. Em 1995, as microempresas formavam 62% dos estabelecimentos da fabricação de calçados, já em 2017, essa participação chegou a 68%, no estado. No período analisado, as microempresas expandiram 63,5% no ramo, passando de 805 para 1316, de 1995 a 2017, respectivamente. As pequenas empresas, de 20 a 99 funcionários, também cresceram durante os anos de 1995 a 2017, passaram de 272 para 474, respectivamente. No último ano, o grupo representou cerca de 24% das fábricas, no estado. Já as médias (de 100 a 499 empregados) e grandes empresas (com 500 ou mais colaboradores) perderam espaço entre os estabelecimentos de

fabricação de calçados no Rio Grande do Sul. Esse movimento pode ser percebido na significativa redução no período, mais de 34% nas médias empresas e de quase 35% nas grandes empresas. Em 2017, as médias empresas eram no total 121 e as grandes empresas 28, participação de 6,2% e 1,4%, respectivamente, nos estabelecimentos de fabricação de calçados.

Gráfico 12 – Postos de trabalho na fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, por porte, mil empregos, de 1995 a 2017



Fonte: Elaborado pela autora, com base em MTE - RAIS (2017).

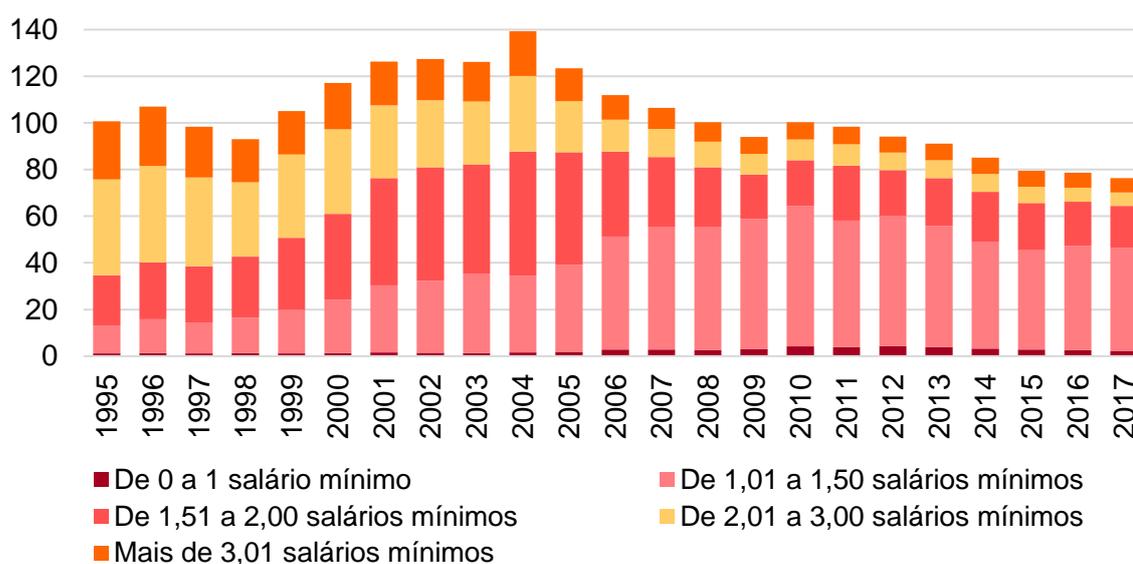
Os postos de trabalho da fabricação de calçados no Rio Grande do Sul estão atualmente (2017) divididos em três parcelas praticamente proporcionais por portes de empresas. No qual, 35% dos empregos concentram-se em micros e pequenas empresas, 31% nas médias empresas e 34% nas grandes empresas. Contudo, ao olhar os dados de 1995, percebe-se que houve certa movimentação nessas parcelas. No mesmo ano, as médias empresas empregavam 42% do total dos trabalhadores e as grandes empresas 43%. Juntos, esses dois portes, detinham 85% do mercado de trabalho, no estado. Apenas 15% dos postos de trabalho estavam nas micros e pequenas empresas.

A análise de movimentação da concentração de emprego também pode ser realizada ao se olhar para a variação acumulada no período. A variação demonstra crescimento expressivo dos postos de trabalho em micros e pequenas empresas, 95% e 57%, respectivamente, e queda nas médias (-42%) e grandes (-38%) empresas, entre os anos de 1995 a 2017.

A partir dos dados descritos, entende-se há uma movimentação tanto no porte dos estabelecimentos de fabricação de calçados como na concentração de postos de trabalho por porte. Ao passar dos anos, o setor de fabricação de calçados passou a ser representado ainda mais por micros e pequenas empresas e os postos de trabalho também ganharam maior expressividade nas empresas de até 99 funcionários.

O crescimento das micros e pequenas empresas no setor e também de sua representatividade é o que Ferraz, Kupfer e Haguenaer (1995) percebem como forte e comum atributo nos setores tradicionais. Além disso, os autores descrevem que dessa maneira, as empresas tendem a trabalhar de forma horizontal, como uma espécie de colaboração, que é definida como “economia de aglomeração”, uma vez que para os estabelecimentos de menor porte há uma dificuldade maior na capacidade de investimento e inovação em relação às grandes empresas.

Gráfico 13 – Faixa salarial dos postos de trabalho na fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, mil empregos, de 1995 a 2017



Fonte: Elaborado pela autora, com base em MTE - RAIS (2017).

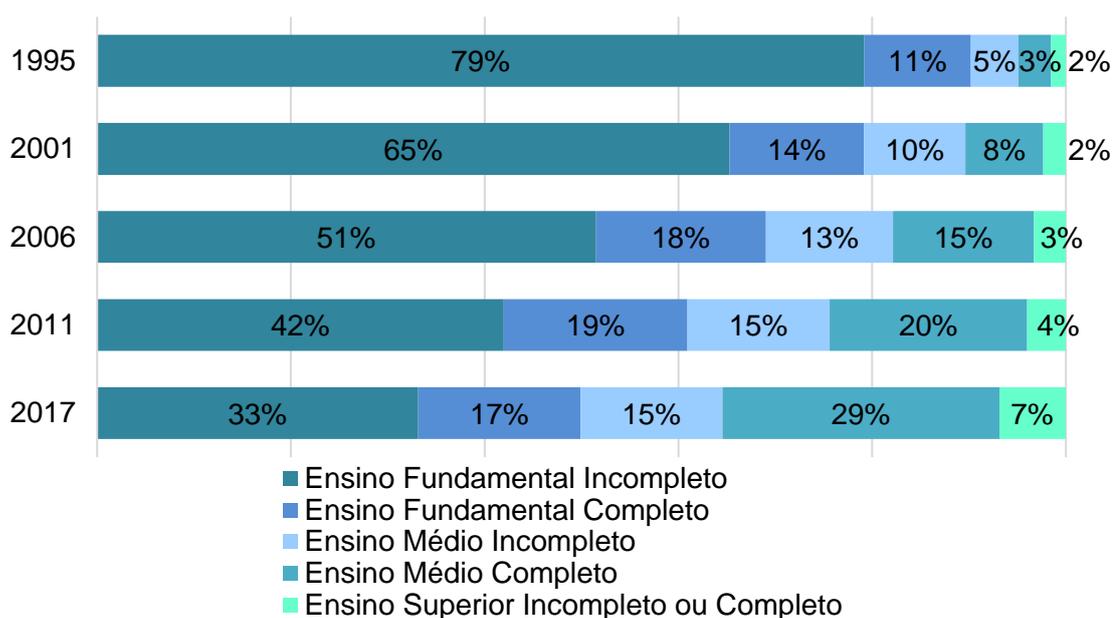
A partir do gráfico 13 serão descritas as evoluções da faixa salarial dos trabalhadores da fabricação de calçados no estado. Ao longo do período é possível perceber um significativo crescimento da faixa salarial entre 1,01 a 1,5 salários mínimos e redução na participação da faixa salarial dos salários mais altos à 1,5 salários mínimos. Em 1995, apenas 12% dos empregados no setor de fabricação de calçados recebiam a faixa salarial entre 1,01 a 1,5 salários mínimos. Já no final do

período, em 2017, a representação dos funcionários que receberam esta faixa salarial chegou a 58%.

Observando as variações anuais, da tabela 13, no apêndice, vê-se que os crescimentos da faixa salarial de 1,01 a 1,5 salários mínimos estão entre os anos de 1998 a 2010. Boa parte desse período, encontra-se dentro dos anos no qual houve crescimento real do salário mínimo nacional, a partir de políticas públicas.

Em 2017, 24% dos colaboradores receberam de 1,51 a 2 salários mínimos. No mesmo ano, apenas 16% dos trabalhadores da fabricação de calçados no estado receberam mais de 2 salários mínimos mensais. Assim, compreende-se que indústria de fabricação de calçados é formada em sua maior parte, 84%, por trabalhadores que recebem até 2 (dois) salários mínimos.

Gráfico 14 – Escolaridade dos trabalhadores na fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, de 1995 a 2017



Fonte: Elaborado pela autora, com base em MTE - RAIS (2017).

Os dados de escolaridade dos trabalhadores no setor de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul demonstram relativa melhora ao longo do período. Em 1995, 79% dos trabalhadores não possuía ensino fundamental completo. Já em 2017, a participação desse grupo esteve representada por 33% dos colaboradores do ramo. Os trabalhadores com ensino fundamental completo eram 11,1 mil em 1995, e

passaram para 13,2 mil, em 2017. Já os colaboradores com ensino médio incompleto, eram 5 mil e passaram a ser 11,5 mil, no mesmo período.

A maior variação acumulada, entre 1995 a 2017, encontra-se nos colaboradores com ensino médio completo, no qual houve 562% de aumento. Esse grupo de colaboradores representava, em 1995, 5% do total de trabalhadores. Em 2017, o mesmo grupo foi para 29%, (segundo maior grupo entre os funcionários).

Os trabalhadores que entraram para o ensino superior ou graduados, representaram uma parcela de 7% dos colaboradores na indústria de fabricação de calçados, em 2017. Eles passaram de 1,5 mil para 5,4 mil, de 1995 a 2017.

No final do período, observa-se que houve uma grande modificação e melhora na qualificação dos trabalhadores da fabricação de calçados. No entanto, esse investimento educacional não teve reflexo no aumento da renda. Como observado no gráfico 13, houve com o passar dos anos uma piora na distribuição da renda, onde a maior parte dos trabalhadores ficou concentrado na faixa salarial de até 1,5 salários mínimos. Este comportamento é o inverso da regra geral, no qual espera-se que, quanto mais qualificado for o trabalhador, ou seja, mais anos de estudos ele possuir, maior será o seu rendimento.

Contudo, como já visto em trabalhos realizados anteriormente, também é característica dos setores tradicionais optar por regiões com menores níveis salariais, uma vez que esses ramos demandam uma grande parcela de mão de obra por ter boa parte do processo ainda realizado de maneira artesanal. Além disso, a escolha da competitividade alçada na concorrência focada em custo, e assim no baixo preço do produto, acaba impactando a uma baixa remuneração dos colaboradores do setor.

5.6 Comércio exterior

Os dados apresentados no seguinte capítulo irão demonstrar o desempenho das exportações e das importações de calçados no Rio Grande do Sul, pela quantificação em valor, (dólares), em volume, (pares), e do preço médio. Também serão analisados os principais destinos e origens das relações comerciais. Por fim, será observado o comportamento da taxa de câmbio ao longo do período juntamente com o desempenho do preço médio de comércio exterior de calçados.

5.6.1 Exportações de calçados

Tabela 3 - Evolução das exportações de calçados no Rio Grande do Sul, de 1995 a 2017

Ano	Valor (milhões de US\$)	Quantidade (milhões de pares)	Preço Médio (US\$/Par)
1995	1.213,5	117,2	10,4
1996	1.388,9	122,0	11,4
1997	1.341,1	115,6	11,6
1998	1.144,0	99,7	11,5
1999	1.084,7	103,0	10,5
2000	1.292,8	121,4	10,7
2001	1.318,3	121,2	10,9
2002	1.166,6	114,7	10,2
2003	1.149,4	116,9	9,8
2004	1.274,5	119,9	10,6
2005	1.310,3	98,9	13,3
2006	1.256,9	81,8	15,4
2007	1.215,2	69,8	17,4
2008	1.117,8	51,5	21,7
2009	765,8	35,6	21,5
2010	712,3	30,0	23,7
2011	577,3	22,6	25,6
2012	385,4	15,4	25,0
2013	387,1	16,5	23,5
2014	387,1	18,0	21,6
2015	370,0	20,5	18,1
2016	435,9	28,7	15,2
2017	451,8	28,1	16,1

Fonte: Elaborada pela autora, com base em SECEX.

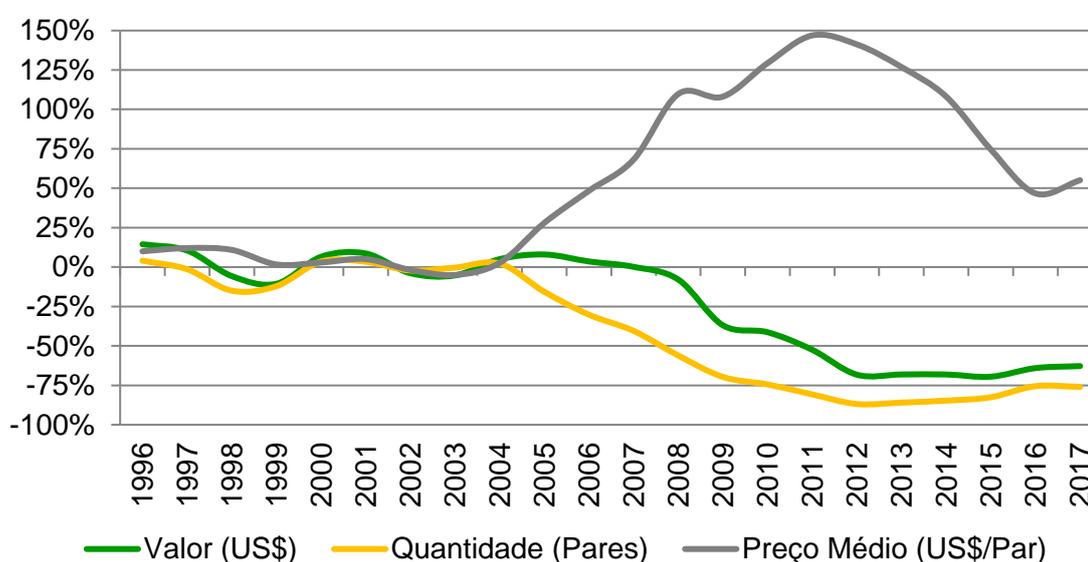
A tabela 3 e o gráfico 15, revelam uma grande redução nas exportações de calçados do Rio Grande do Sul, em valor (US\$) e em volume (pares) ao longo de 1995 a 2017. Apenas o preço médio (US\$/par) resultou em variação positiva ao final do período. Contudo, o preço médio do calçado enviado ao exterior precisa ser observado com atenção, pois está condicionado a volatilidade cambial.

Em 1995, o estado gaúcho exportou 1,2 bilhões de dólares de calçados. Já, em 2017, foram exportados somente 451,8 milhões de dólares, resultando em variação negativa de quase 63%. As quedas anuais mais expressivas, (em relação ao ano anterior), encontraram-se nos anos de 2009 e 2012, as duas acima de 30%. A análise da evolução dos calçados gaúchos enviados ao exterior, em volume, demonstra

redução de 90%, entre 1995 a 2017. Percebe-se a primeira queda expressiva nas exportações em pares de 2005, no qual foram enviados 21 milhões de calçados a menos para o mercado externo comparado ao ano anterior.

O preço médio do calçado exportado no Rio Grande do Sul, em 1995, era de US\$ 10,4 o par, e em 2017, o produto enviado exterior passou para US\$ 16,1, aumento de 55% no acumulado do período. (O comportamento do preço médio do calçado exportado, ao longo dos anos, ainda será analisado com maior atenção mais a frente, onde também será observado a trajetória da taxa de câmbio).

Gráfico 15 – Variação acumulada das exportações de calçados no Rio Grande do Sul, de 1996 a 2017



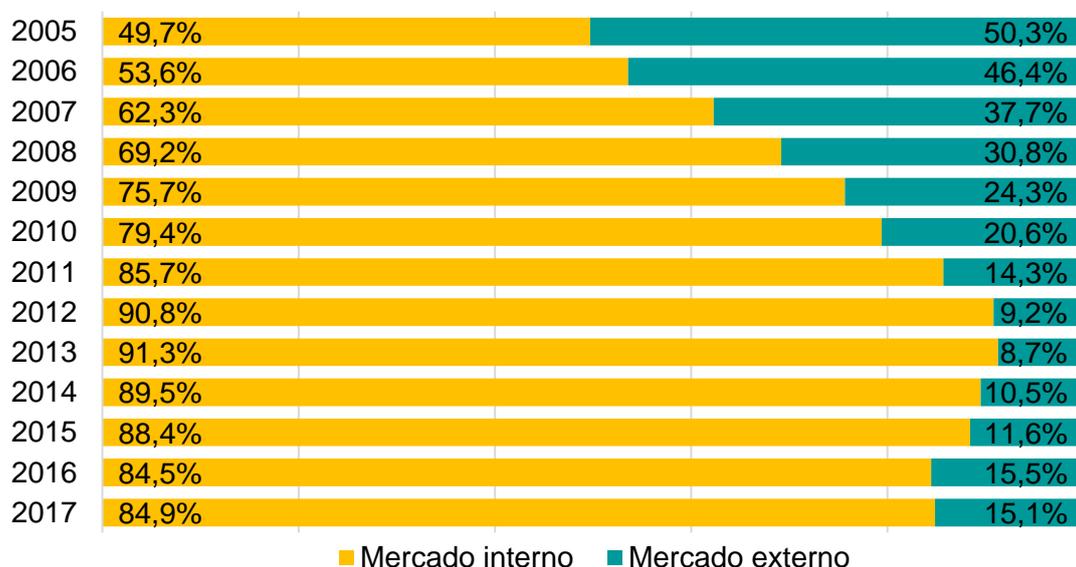
Fonte: Elaborado pela autora, com base em SECEX.

Ao olhar para a destinação da fabricação de calçado do Rio Grande do Sul, entre os anos de 2005 a 2017, em volume, compreende-se que houve um redirecionamento da produção ao mercado interno. Em 2005, praticamente metade da produção estava destinada ao mercado externo e metade ao mercado interno. Entretanto, o mercado interno foi ganhando participação no passar dos anos. Ao final do período, (2017), apenas 15% dos pares produzidos, no Rio Grande do Sul, de calçados esteve destinada à exportação.

A mudança no destino da produção de calçados voltada mais ao mercado interno, pode estar relacionada: 1. Ao fraco desempenho das exportações de calçados ao longo dos anos, (com interferência da crise mundial a partir de 2008); 2. À boa performance da economia brasileira, entre os anos de 2003 a 2014, (com reflexos

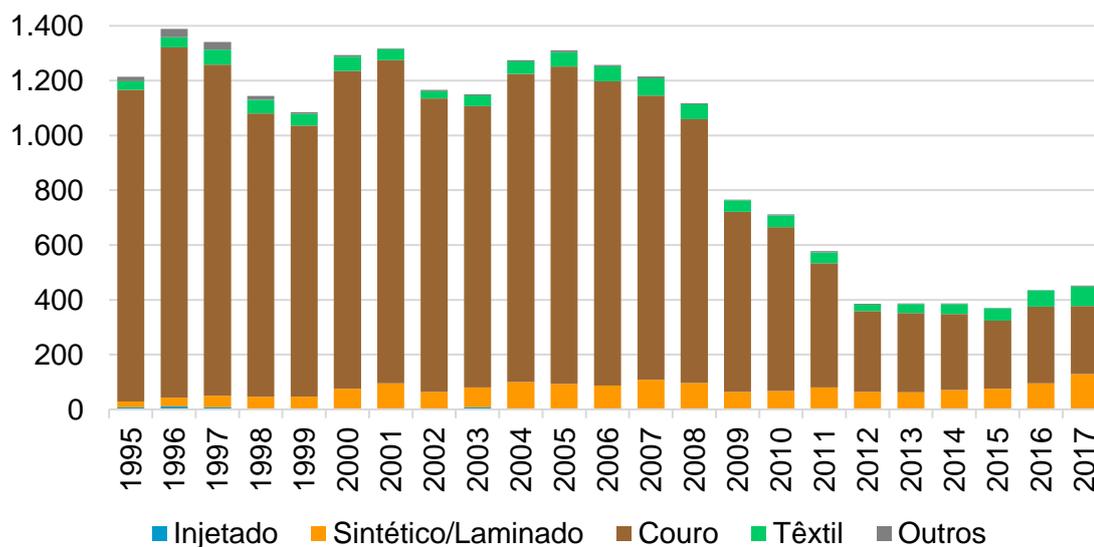
diretos na renda da população, baixo nível de desemprego e aumento real do salário mínimo).

Gráfico 16 – Destino da produção de calçados no Rio Grande do Sul, em volume (pares), de 2005 a 2017



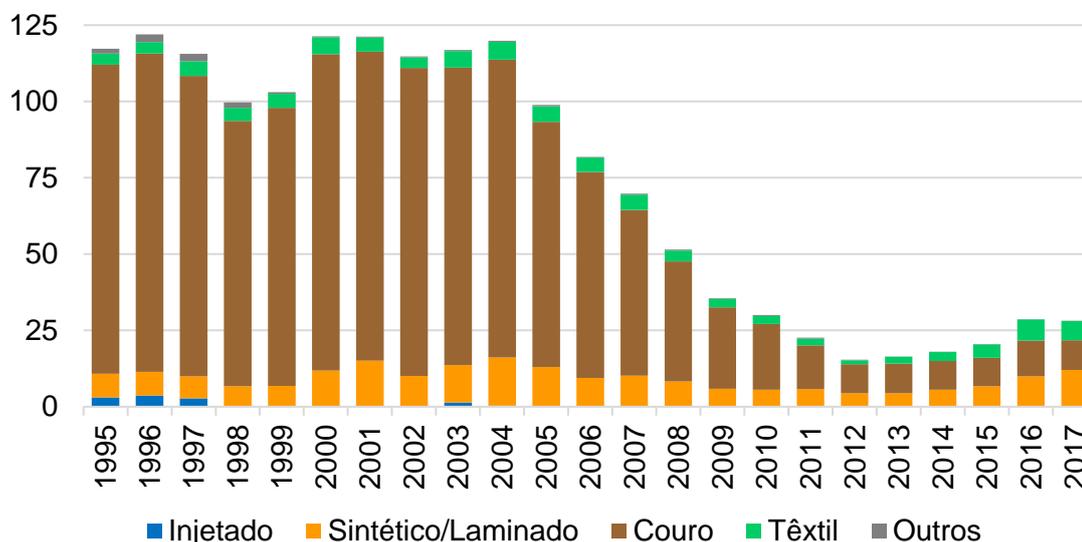
Fonte: Elaborado pela autora, com base em SECEX/IBGE.

Gráfico 17 - Exportações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, em milhões de US\$, de 1995 a 2017



Fonte: Elaborado pela autora, com base em SECEX.

Gráfico 18 - Exportações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, em milhões de pares, de 1995 a 2017



Fonte: Elaborado pela autora, com base em SECEX.

As exportações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, demonstram um decréscimo grande nas exportações de calçados de couro, de calçados injetados e de outros calçados. O prejuízo acumulado, (1995-2017), em valor, foi maior de 78% em cada um dos três tipos de calçados por material. Esses calçados, (couro, injetado e outros), também perderam participação no total das exportações do estado, isso tanto na observação em valor (US\$), como na quantificação de pares. Contudo, como o calçado de couro detinha uma expressiva parcela, sua queda foi mais notável. Em 1996, os calçados de couro geraram mais de 1,2 bilhões de dólares para o estado. No entanto, em 2017, o valor de calçados de couro enviados ao exterior chegou apenas a 248,7 milhões de dólares.

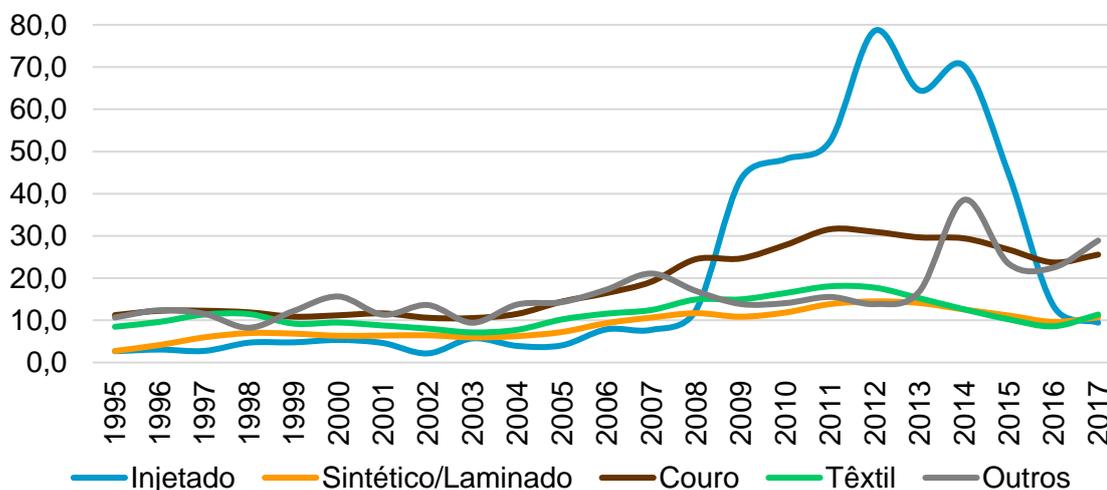
Os calçados com predominância o material sintético e o têxtil apresentaram boa performance na trajetória das exportações do estado. Entre 1995 a 2017, as exportações de calçados têxtil/laminado cresceram 507,5%, em valor. Além disso, esse segmento também ganhou participação. Em 2017, 28% do total de dólares gerados pelas exportações foram de responsabilidade dos calçados sintéticos. Já os calçados têxteis expandiram 126% no mesmo período, e representaram 16% das exportações de calçados em valor, em 2017.

Em 1995, o perfil das exportações gaúchas de calçados, em volume, era composto da seguinte maneira: 86% dos calçados eram de couro, 7% de

sintético/laminado, 3% injetado, 3% têxtil e um 1% outros calçados. Já em 2017, os calçados exportados no Rio Grande do Sul apresentam características bastante distintas, no qual, 43% dos calçados eram de sintético/laminado, 35% de couro e 22% calçados têxteis. (Os outros calçados e os injetados não tiveram representatividade expressiva). No decorrer dos anos, há uma alteração no perfil das exportações gaúchas de calçados, no qual o calçado de couro perdeu participação, cerca de 51 p.p., e o calçado sintético/laminado e o têxtil apresentaram significativos aumentos na participação do total de calçados enviados ao exterior.

Em 2017, foram exportados 12 milhões de pares de calçados de couro no estado. Em relação a 1995, há uma queda de 90,4% nas exportações de calçados de couro. Os calçados de sintético/laminado e têxtil, apresentam crescimento de 55% e 69%, respectivamente, nas exportações de calçados por material predominante, em volume, entre 1995 a 2017.

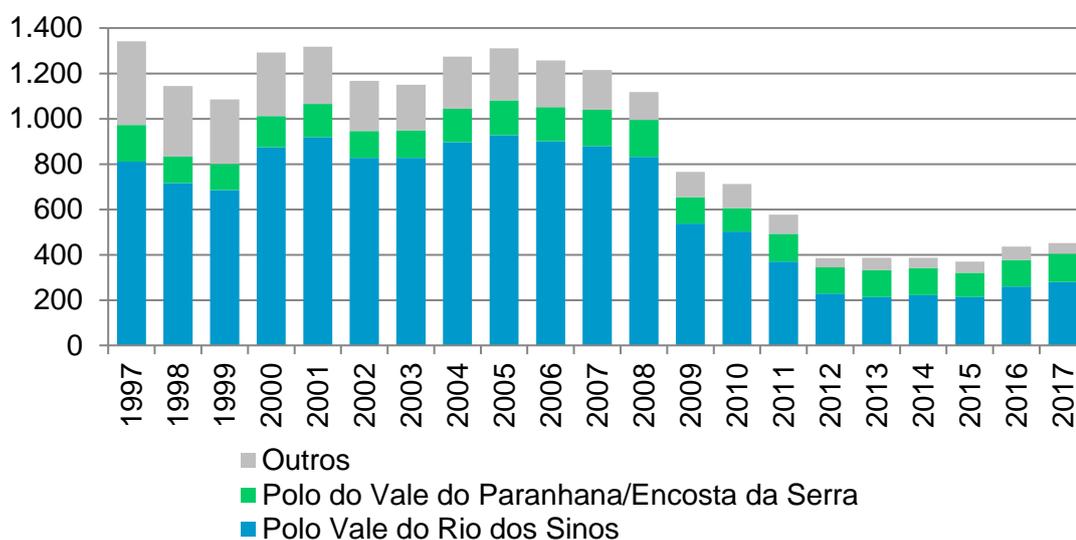
Gráfico 19 - Preço médio (US\$/par) das exportações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, de 1995 a 2017



Fonte: Elaborado pela autora, com base em SECEX.

O preço médio (US\$/par) do calçado enviado ao exterior, com origem no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1995 a 2017, apresentou variação positiva em todos os materiais predominantes. O calçado sintético/laminado apresentou o maior crescimento no preço médio, 291%, no acumulado do período. Sendo exportado em média a US\$ 2,73, em 1995, passando para US\$ 10,70, em 2017.

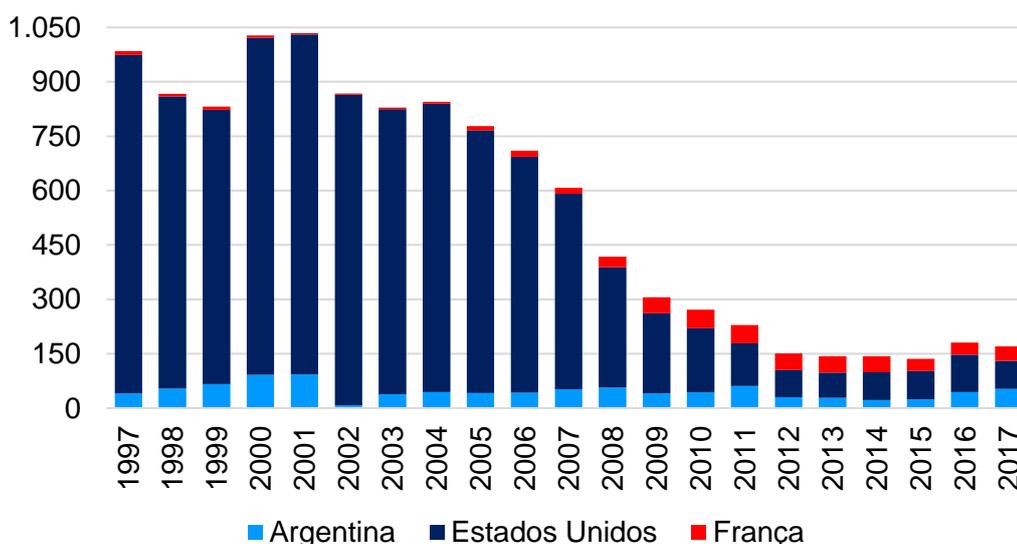
Gráfico 20 - Exportações de calçados no Rio Grande do Sul, por polos, em milhões de US\$, de 1995 a 2017



Fonte: Elaborado pela autora, com base em SECEX.

Na análise das exportações gaúchas por polos, percebe-se que a maior perda em valor (US\$), entre os anos analisados, está no polo do Vale do Rio dos Sinos. O polo exportou US\$ 531 milhões a menos, no comparativo de 1997 a 2017. Em 1997, o Vale do Rio dos Sinos exportou mais de US\$ 810 milhões, já em 2017, o valor foi de apenas US\$ 279 milhões. A queda acumulada no período foi de 65,5%.

Gráfico 21 - Três principais destinos das exportações de calçados no Rio Grande do Sul, em milhões de US\$, de 1997 a 2017



Fonte: Elaborado pela autora, com base em SECEX.

O polo do Vale do Paranhana/Encosta da Serra teve variação negativa de 22,5% no total dos 20 (vinte) anos. No primeiro ano analisado, o polo gerou US\$ 162 milhões e em 2017, foram US\$ 125,6 milhões. O restante do estado, denominado outros, em 1997 exportou US\$ 368,7 milhões, mas no último ano observado foram apenas US\$ 47 milhões. Assim, a região foi a que teve a maior variação negativa no período, 87,2%.

Os três principais destinos das exportações de calçados no estado, em valor, mantiveram-se praticamente os mesmos entre os anos de 1997 até 2017, (os Estados Unidos, a Argentina e a França). A partir do gráfico 21, fica evidente o grande peso que principal destino das exportações gaúchas de calçados, os Estados Unidos, detinha. Além, o gráfico também deixa claro o encolhimento das exportações de calçados para os Estados Unidos no decorrer dos anos.

Em 1997, o Rio Grande do Sul exportou calçados para 89 destinos, contudo 70% do que foi enviado ao exterior teve como destino o mercado estadunidense, enquanto apenas 3% dos calçados, em valor, foram destinados ao segundo maior mercado, a Argentina, e 1% ao terceiro, a França. Já, em 2017, as exportações encontravam-se mais diluídas, apenas 17% dos calçados gaúchos foram enviados para o mercado norte-americano, 12% aos argentinos e 9% aos franceses. No ano, os calçados gaúchos chegaram a 141 países.

A evolução das exportações de calçados, em valor, para os três principais mercados resulta em variação acumuladas distintas no período. O mercado norte-americano, principal destino dos gaúchos ao longo dos anos, teve variação negativa de 92%, (1997-2017). Já o comportamento das exportações de calçados à Argentina e à França foi de crescimento, em 31% e 273%, respectivamente, no mesmo período.

Por fim, conclui-se que a trajetória das exportações de calçados no Rio Grande do Sul, entre 1997 a 2017, é preocupante. As perdas encontram-se tanto em valor como no volume exportado, puxadas principalmente pelos calçados de couro e para os Estados Unidos, (historicamente maior mercado do estado). Observou-se também, que no decorrer dos anos, as exportações de calçados gaúchas atingiram um número maior de destinos e também foram desconcentradas. Além disso, pode-se dizer que houve certa alteração de produto quando analisado o crescimento das exportações de calçados de sintético/laminado e de têxtil. Ao olhar à teoria da concorrência inovativa, entende-se que essas características são parte do processo e que acabam modificando a estrutura produtiva de forma permanente. Apesar do esforço, boa parte

da queda das exportações está atrelada ao país norte-americano que representava uma grande parcela no destino dos calçados. Nota-se, que a partir de 2004, o mercado começou a importar menos calçados do Rio Grande do Sul e que nos anos seguintes, seguiram em encolhimentos consecutivos dos calçados enviados ao país, que se acentuaram ainda mais com a crise econômica mundial.

5.6.2 Importações de calçados

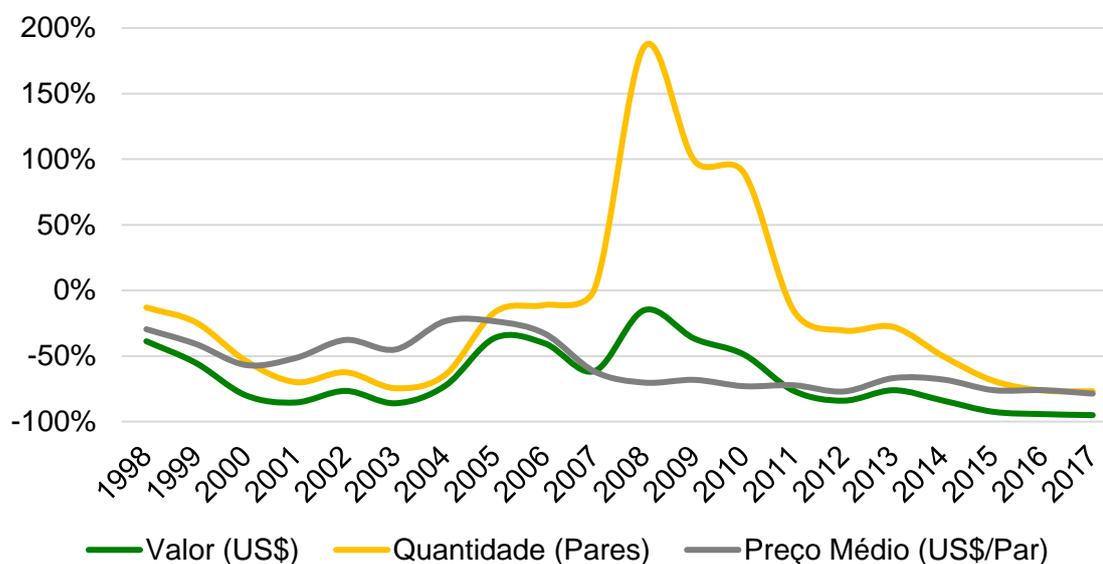
Tabela 4 - Evolução das importações de calçados no Rio Grande do Sul, de 1995 a 2017

Ano	Valor (milhões de US\$)	Quantidade (milhões de Pares)	Preço Médio (US\$/Par)
1997	22,1	1,7	12,9
1998	13,5	1,5	9,0
1999	9,8	1,3	7,6
2000	4,4	0,8	5,5
2001	3,2	0,5	6,2
2002	5,2	0,6	8,0
2003	3,1	0,4	7,1
2004	6,0	0,6	9,8
2005	14,1	1,4	9,8
2006	13,2	1,5	8,6
2007	8,5	1,7	4,9
2008	18,8	4,9	3,8
2009	14,0	3,4	4,1
2010	11,3	3,3	3,5
2011	5,2	1,4	3,6
2012	3,5	1,2	2,9
2013	5,3	1,2	4,3
2014	3,5	0,9	4,1
2015	1,7	0,5	3,1
2016	1,3	0,4	3,1
2017	1,1	0,4	2,7

Fonte: Elaborada pela autora, com base em SECEX.

As importações no estado gaúcho de calçados, entre os anos de 1997 a 2017, demonstram significativas reduções no período. O encolhimento é observado tanto em valor, como em volume e no preço médio do calçado importado. Entretanto, no intervalo de 2005 a 2010, houve uma certa retomada nas importações de calçados, que fica visível no gráfico 22.

Gráfico 22 – Variação acumulada das importações de calçados no Rio Grande do Sul, de 1998 a 2017



Fonte: Elaborado pela autora, com base em SECEX.

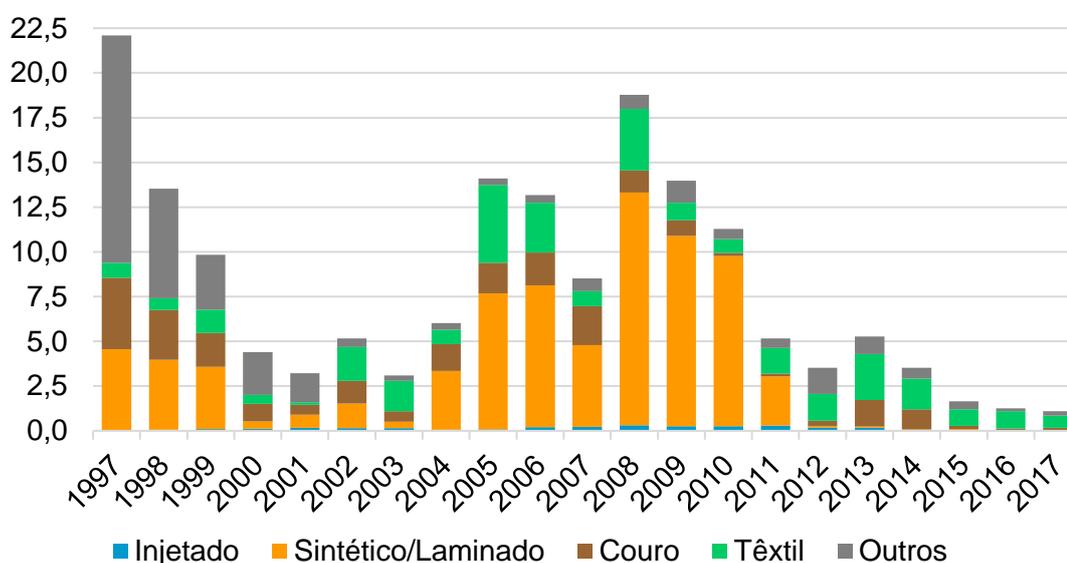
Na percepção das importações em valor, em 1997, foram importados US\$ 22,1 milhões. Já em 2008, as importações resultaram US\$ 18,8 milhões, e no fim do período, apenas US\$ 1,1 milhões entraram no estado devido aos calçados importados. O desempenho nas importações de calçados foi de variação negativa de 95%, em valor, (1997-2017).

Na observação das importações em volume, em 1997, 1,7 milhões de pares de calçados foram importados no estado. Em 2008, as importações procederam em 4,8 milhões de pares, resultando um crescimento de 186% comparado ao ano inicial da observação. Por fim, em 2017, 400 mil calçados entraram no Rio Grande do Sul. A variação acumulada, de 1997 a 2017, nas importações de calçados, foi de um encolhimento em 77%.

O preço médio do calçado importado no Rio Grande do Sul variou de US\$ 12,9 para US\$ 2,7, entre 1997 e 2017, respectivamente. A queda do preço médio no acumulado dos anos chegou em 79%.

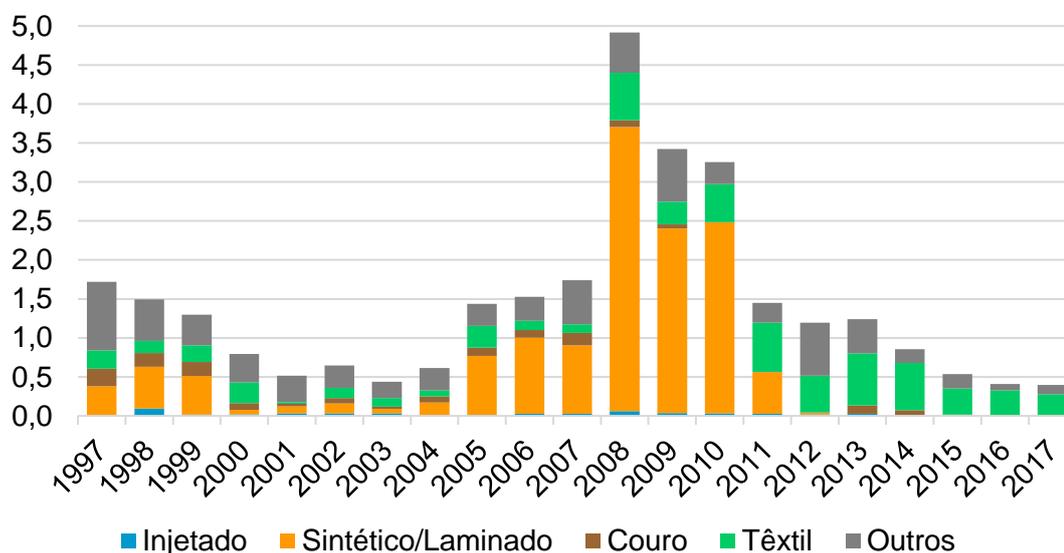
Ao comparar as importações de calçados no Rio Grande do Sul com as exportações, percebe-se que a importação representou apenas 0,2% do valor exportado e 1,4% dos pares enviados ao exterior, no ano de 2017.

Gráfico 23 - Importações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, em milhões de US\$, de 1995 a 2017



Fonte: Elaborado pela autora, com base em SECEX.

Gráfico 24 - Importações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, em milhões de pares, de 1995 a 2017



Fonte: Elaborado pela autora, com base em SECEX.

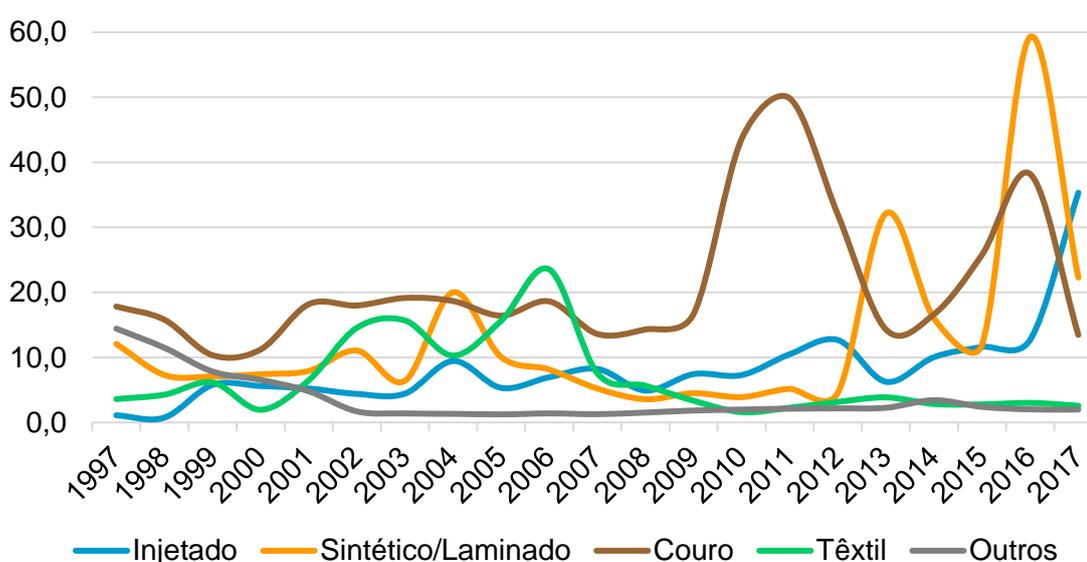
As importações de calçados por material, demonstram que houve redução na entrada dos calçados injetados, sintéticos, de couro e outros calçados, na análise de quantidade, no período total observado. Todos os calçados citados resultaram em variações negativas superiores a 86%, entre 1997 a 2017. Contudo, as importações de calçados têxteis apresentaram expansão de 14% nos pares, no mesmo período.

Em 1997, 232,6 mil pares de calçados têxteis com origem do exterior entraram no estado. Em 2012, ano em que foi registrado a maior importação de pares de calçados têxteis no Rio Grande do Sul, cerca de 631 mil calçados entraram. No último ano de análise, (2017), o estado importou 265 mil pares de calçados têxteis.

Outra relevante observação está na participação do calçado têxtil no total dos calçados importados. Inicialmente, a representatividade desse material nas importações totais era apenas de 13,5%, já em 2017, o calçado têxtil chegou a ter participação de 67%, no total de pares importados, no estado. Os gráficos 23 e 24 conseguem trazer uma ideia sobre a observação.

O gráfico 24, importações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, em milhões de pares, também demonstra outra importante consideração, agora, em relação as importações de calçados de sintético/laminado. A partir de 2005, consegue-se perceber um aumento desse tipo de calçado, apresentando grandes volumes em 2008, 2009 e 2010, algo próximo de 3,6 milhões de pares, 2,3 milhões de pares e 2,4 milhões de pares, respectivamente. Passados os anos descritos, os calçados de sintético/laminado não apresentaram mais grande quantidade nas importações, no estado. Em 2017, apenas 2 mil pares de calçados de sintético/laminado foram importados no Rio Grande do Sul.

Gráfico 25 - Preço médio (US\$/par) das importações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, de 1997 a 2017

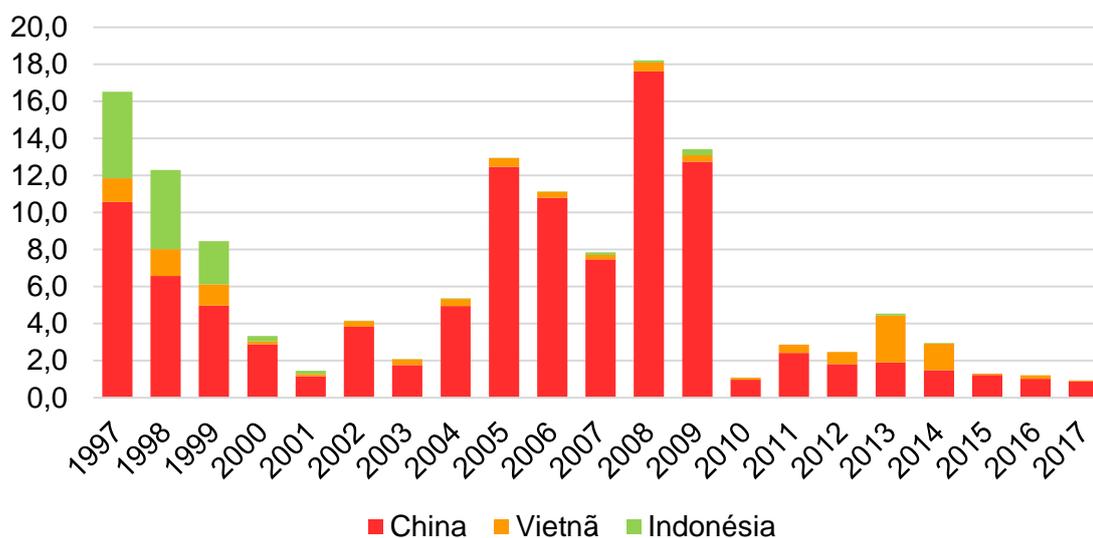


Fonte: Elaborado pela autora, com base em SECEX.

O preço médio (US\$/par) dos calçados importados por material predominante, no Rio Grande do Sul, ao longo da trajetória observada, demonstra que os calçados injetados e sintéticos/laminados apresentaram crescimento no seu preço médio, e já os calçados de couro, têxtil e outros tiveram queda no preço médio, no mesmo período.

O preço médio dos calçados injetados, o qual apresentaram a maior variação acumulada no período, passaram de US\$ 1,1 por par, em 1997, para US\$ 35,3 em 2017. Já o calçado têxtil sofreu variação negativa de 28% entre os anos de 1997 a 2017, passando de US\$ 14,4 para US\$ 2,0 o par importado.

Gráfico 26 – Três principais origens das importações de calçados no Rio Grande do Sul, em milhões de US\$, de 1997 a 2017



Fonte: Elaborado pela autora, com base em SECEX.

Durante os anos observados, as três maiores origens das importações de calçados, em valor (US\$), no Rio Grande do Sul, foram a China, o Vietnã e a Indonésia, respectivamente. Os três países, ao longo do período, reduziram suas importações ao estado, com destaque a Indonésia que não exportou calçados ao Rio Grande do Sul desde 2014. O Vietnã, segunda maior origem das importações de calçados no estado, apresentou redução de quase 97%, entre 1997 a 2017. Em 2017, o Vietnã exportou US\$ 41,5 mil ao Rio Grande do Sul, em calçados. Esse resultado representou cerca de 4% total das importações de calçados.

A principal origem das importações de calçados no estado é a China, assim como no Brasil. Apesar do país apresentar queda no desempenho das importações

de calçados, ao longo dos anos, em 2017, a China foi responsável por cerca de 82% do total importado, em valor. A queda acumulada, (1997-2017), foi de 91,5%. Em 1997, o país exportou US\$ 10,5 milhões ao estado, em calçados e já em 2017, o valor foi de US\$ 892 mil.

O que se pode complementar é que as importações de calçados no Rio Grande do Sul tiveram significativas quedas no período observado, principalmente a partir de 2011. Sabe-se que, em março de 2010, em função do grande aumento das importações de calçados no Brasil, principalmente do continente asiático, foi aplicado o *antidumping* para a China, maior origem das importações de calçados do país e do estado. O encolhimento ocorrido está diretamente relacionado ao *antidumping* imposto, uma vez que houve redução expressiva do calçado chinês importado. A medida pode ser entendida como uma política governamental voltada à competitividade, a qual buscou defender o setor que acabou impactado por um concorrente que estava praticando preço desleal.

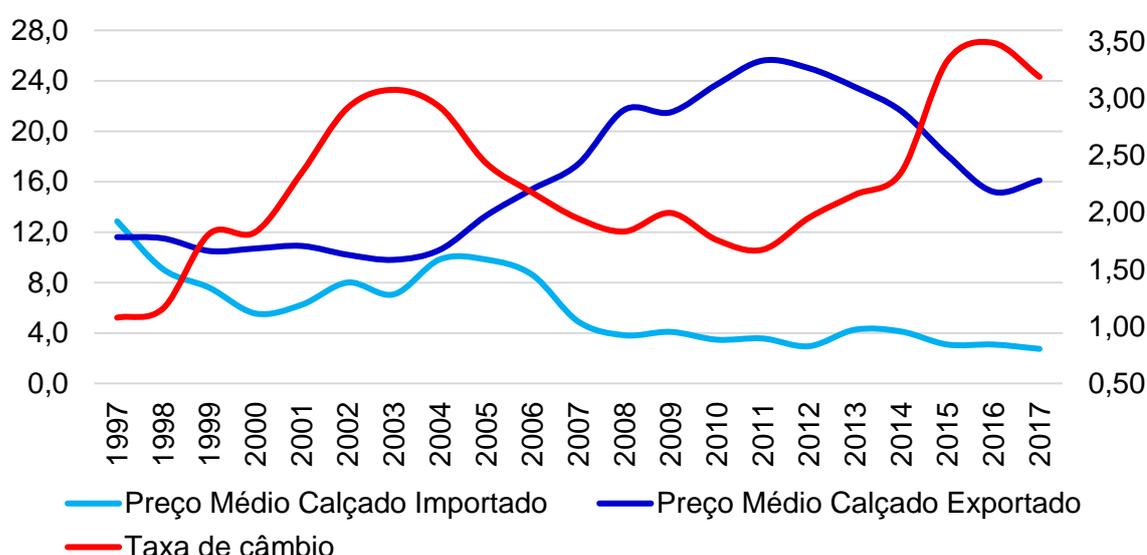
Outro complemento a ser considerado, ao longo do período, está na redução das importações dos calçados sintéticos/laminados, que pode ser reflexo do aumento na produção local do segmento de calçado, observado nas análises da produção, de emprego, de estabelecimentos e da exportação no Rio Grande do Sul. Por fim, o aumento das importações de calçados têxteis, esses muito relacionados aos calçados esportivos, produzidos em sua maioria por grandes gestoras de marcas, (em largas escalas), que optam por manufaturar calçados em países em desenvolvimento, com grande oferta e baixo custo de mão de obra.

5.6.3 Relação da taxa de câmbio e do comércio exterior

O gráfico 27, sobre a relação da taxa média anual de câmbio e do preço médio anual (US\$/par) do calçado exportado e importado no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1997 a 2017, deixa claro que há um movimento inverso no comportamento da taxa de câmbio com o preço médio do calçado exportado. Assim, quando o câmbio (a moeda estrangeira, o dólar) estiver em um nível mais baixo ou inferior, o valor médio do calçado exportado provavelmente estará superior do momento em que o câmbio estiver mais desvalorizado ou acima. O aumento na taxa de câmbio gera uma possível queda no preço médio do calçado exportado. Contudo, esse movimento não fica tão aparente na relação de preço médio do calçado importado com a taxa cambial.

O que se pode afirmar, é que, no período analisado, a taxa de câmbio foi determinante na definição do valor médio no calçado exportado. Por isso, a variação positiva ou aumento no preço médio do calçado exportado do Rio Grande do Sul, nos anos observados, pode não ser aumento de valor agregado ao produto e sim influência da variação cambial.

Gráfico 27 - Relação da taxa média anual de câmbio e do preço médio (US\$/par) do calçado exportado e importado no Rio Grande do Sul, de 1997 a 2017



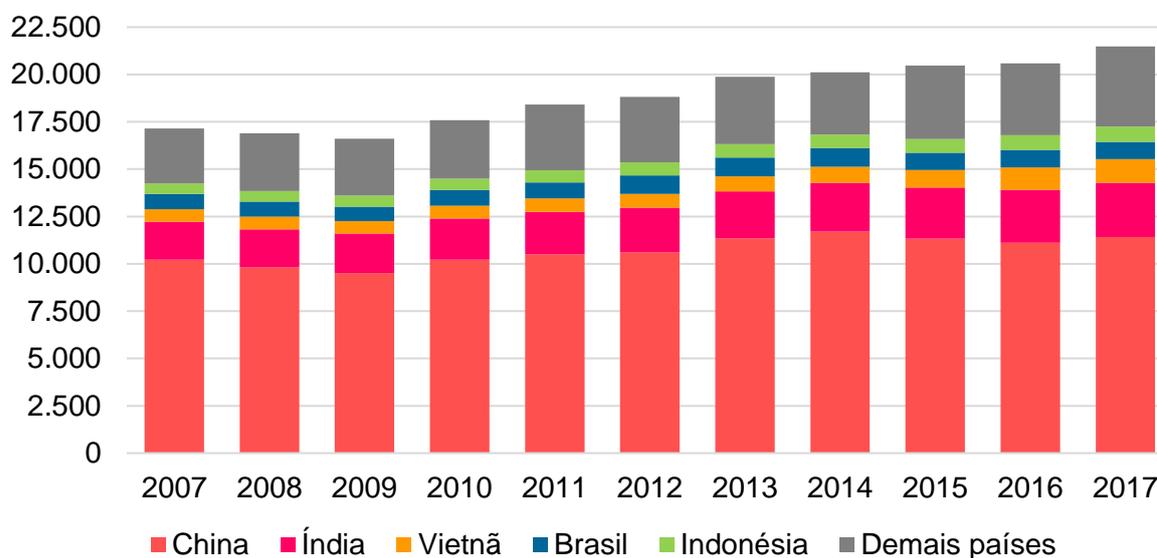
Fonte: Elaborado pela autora, com base em SECEX.

5.7 A influência dos principais concorrentes calçadistas na indústria local

Sabe-se que a partir dos anos 2000, a indústria calçadista gaúcha e brasileira começou a enfrentar dificuldades não antes encontradas, mesmo com as formações estruturais produtivas bastante complexas nos polos. A partir dos trabalhos anteriores e dos dados descritos nesse trabalho, entende-se que a maior dificuldade do setor calçadista esteve no mercado externo. Com o passar dos anos, a produção de calçados, no Rio Grande do Sul e no Brasil, voltou-se ao mercado interno, um certo reflexo da perda de participação no mercado externo para outros concorrentes. Outro ponto percebido está na aplicação do *antidumping* em 2010, motivada a partir do aumento expressivo das importações de calçados chineses ao Brasil. Assim, pensou-se em apresentar os dados de produção e de exportação dos principais concorrentes

no mercado mundial calçadista, com objetivo de tentar compreender a influência dos mesmos na indústria local.

Gráfico 28 - Produção mundial de calçados, maiores produtores, em milhões de pares, de 2007 a 2017



Fonte: Elaborado pela autora, com base em World Shoe Review.

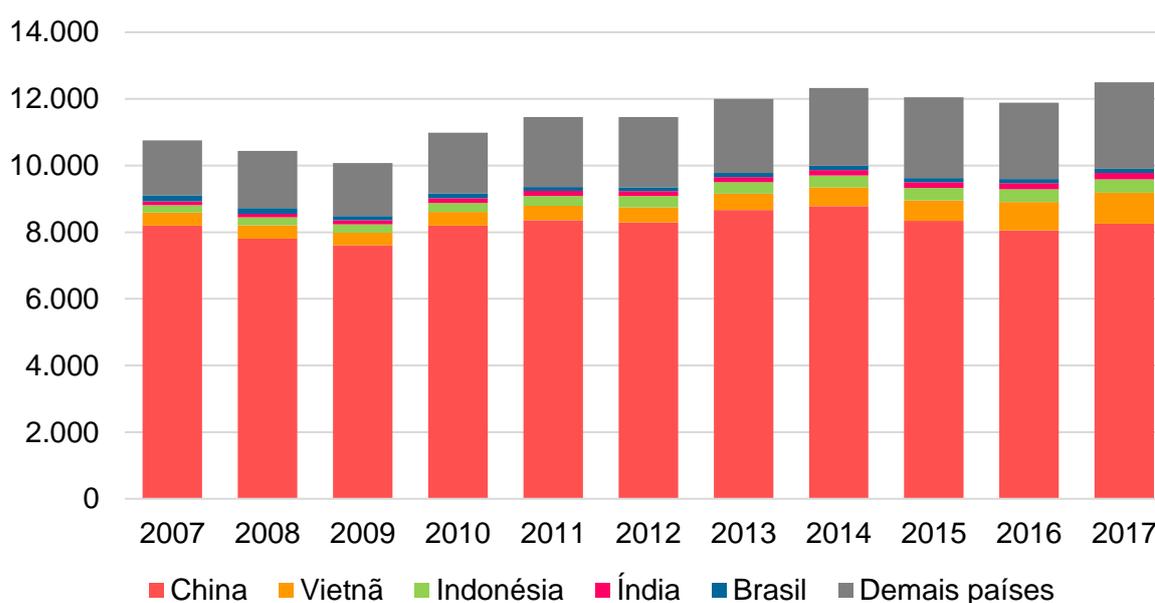
Em 2017, a produção mundial de calçados foi de 21,4 bilhões de pares, crescimento de 25,3% comparado ao ano de 2007. A China, no mesmo período, apresentou um crescimento de 11,7%, nos pares fabricados. O aumento do país asiático é menor que o crescimento mundial, contudo, a China é o maior produtor de calçados no mundo. O país asiático fabricou 11,4 bilhões de calçados, em 2017, sendo responsável por 53% do total de calçados fabricados mundialmente, (participação bastante expressiva).

O segundo maior produtor de calçados é a Índia, que, em 2017, deteve 13% do mercado mundial. Durante o período de 2007 a 2017, o país teve variação positiva de 42,8% na fabricação de calçados, passando de 2 bilhões para 2,8 bilhões de pares manufaturados no ano. O Vietnã, em 2007, fabricou 658 milhões de pares de calçados. Já em 2017, foram 1,25 bilhões, representando 5,8% da produção mundial. Com essa quantidade, o país se tornou o terceiro maior produtor de calçados no mundo. A expansão, no total do período, foi a maior entre os cinco maiores produtores, cerca de 91%, muito superior à média mundial.

Em 2017, o Brasil fabricou 905 milhões de calçados, obtendo variação positiva de 13% em relação a 2007. O país representou 4,2% dos pares produzidos no mundo, no mesmo ano. A Indonésia, em 2017, produziu 3,8% do total de calçados fabricados mundialmente, aproximadamente 810 milhões de pares. Comparado a 2007, ela produziu 250 milhões de pares a mais. No período, a produção expandiu 44,7%. Os demais países representaram 19,5% da fabricação de calçados em 2017, ou seja, 4,2 bilhões de pares. Em comparação a 2007, o crescimento foi de quase 45%.

Quatro dos cinco maiores produtores de calçados no mundo, em 2017, são asiáticos. Juntos, eles representam 76% de tudo o que é fabricado no mundo em calçados. A China foi o país que obteve a menor expansão no período acumulado. Sua participação na fabricação mundial vem caindo anualmente, contudo, ela ainda representa um pouco mais da metade da fabricação de calçado no mundo. O Brasil, entre os países observados, foi o que teve o segundo menor crescimento no período, 13%, abaixo do desempenho mundial de 25,3%, (2007-2017). Já a produção de calçados no Rio Grande do Sul, teve desempenho ainda menor no período, de 0,4%. Isso significa que tanto o Brasil, quanto o estado, comparados ao mundo e aos principais concorrentes, estão perdendo participação na representação de fabricação de calçados, em pares, ao passo que eles têm expandido a taxas superiores.

Gráfico 29 - Exportações mundiais de calçados, maiores exportadores em milhões de pares, de 2007 a 2017



Fonte: Elaborado pela autora, com base em World Shoe Review.

As exportações mundiais de calçados em 2017, resultaram em 12,5 bilhões de pares. Comparado a 2007, foram produzidos 1,7 bilhões de calçados a mais, significando um crescimento acumulado de 16,2%, no período.

A China, além de ser o maior produtor de calçados no mundo, é também o maior exportador mundial de calçados, com uma participação de 66% do volume exportado, cerca de 8,2 bilhões de pares, (2017). Contudo, o país asiático cresceu apenas 0,7%, entre os anos analisados, o que demonstra perda na participação das exportações mundiais de calçados, dado que elas têm crescido a taxas maiores.

O Vietnã, exportou 390 milhões de calçados em 2007. No último ano, 2017, o país enviou 926 milhões de pares ao mercado externo, obtendo expansão de 137%, no período acumulado. Assim, o Vietnã foi o segundo maior exportador mundial de calçados, com participação no mercado 7,4%, em volume. Já a Indonésia, em 2017, destinou 407 milhões de pares ao mercado externo, crescimento de 80,7%, em relação a 2007. O país deteve de 3,3% das exportações mundiais de calçados.

Apesar da Índia ser o segundo maior produtor mundial de calçados, o país foi apenas o oitavo maior exportador de calçados, com uma pequena parcela de 1,5%. Em 2017, o país enviou 185 milhões de pares para o exterior, 75 milhões a mais que em 2007, crescimento de 68,4%. O Brasil, assim como a Índia, também não apresenta uma boa participação nas exportações mundiais. O país ficou na décima primeira colocação entre os maiores exportadores, representando apenas 1% do total exportado de calçados no mundo. Em 2017, o Brasil exportou 126 milhões de pares. A variação de 2007 para 2017, nos calçados enviados ao exterior, foi negativa em 29,4%.

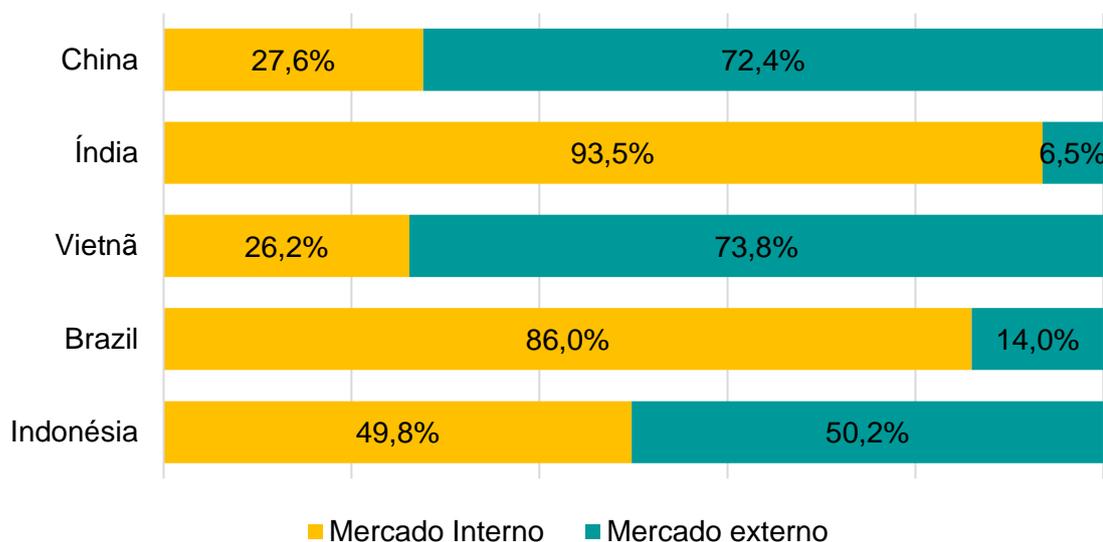
Em 2017, o restante dos países, juntos exportaram 2,3 bilhões de calçados, representando 21% do total exportado mundialmente. Em comparação a 2007, houve aumento de 6 p.p. (pontos percentuais), nas exportações. Além disso, no período, o grupo cresceu 57,3% nas exportações de calçados.

Assim como na produção, nas exportações de calçados, também é possível compreender que a China possui uma grande participação dos calçados enviados ao exterior. O Vietnã e a Indonésia também possuem representatividade significativa, mas nada comparado a China. Novamente, os maiores exportadores de calçados são asiáticos, (China, Vietnã e Indonésia), juntos eles possuem praticamente 77% das exportações de calçados.

A Índia e o Brasil, encontram-se entre os cinco maiores produtores de calçados no mundo, mas representam apenas 1%, cada um, nas exportações mundiais de calçados.

O Brasil, foi o único país teve retração nas suas exportações, no período analisado, entre os maiores produtores de calçados. E, ao analisar, no mesmo período, as exportações de calçados no Rio Grande do Sul, chega-se a um resultado negativo ainda maior comparado ao Brasil. Entre 2007 e 2017, o estado encolheu 60% dos envios de calçados ao exterior, passando de 69,8 milhões de pares para 28,1, respectivamente.

Gráfico 30 – Destino da produção de calçados dos maiores produtores, em volume (pares), em 2017



Fonte: Elaborado pela autora, com base em World Shoe Review.

Ao analisar o destino da produção de calçados dos maiores produtores mundiais de pares, em 2017, ficam evidentes alguns comportamentos. A China, o Vietnã e a Indonésia, os três maiores exportadores de calçados, destinam todos mais da metade da sua produção ao mercado externo, em 2017. Já a Índia e o Brasil, destinam a maior parte da sua produção ao mercado interno, o que explica a baixa colocação no ranking dos maiores exportadores de calçados.

O que pode ser concluído é que os principais concorrentes do Brasil são asiáticos, países em desenvolvimento e com grande oferta de mão de obra disponível. Todos eles possuem vantagem competitiva por produzir com baixo custo na mão de obra e em grande escala, (em empresas grandes de muitos funcionários). Fatores

esses que podem ser definitivos à indústria tradicional, no qual a fabricação de calçados faz parte.

A China e o Vietnã são os países que mais se destacam entre os concorrentes internacionais. A China pela sua expressividade, e o Vietnã, pelo seu bom desempenho de expansão, tanto na produção quanto na exportação de calçados. Ademais, a China possui vantagem, pois o governo faz um grande esforço na política cambial e consegue manter o Yuan, moeda local, bastante desvalorizado frente ao dólar. Sabe-se também que o foco da China e dos países asiáticos está no maior importador mundial de calçados, os Estados Unidos, conforme o World Shoe Review (2018). Esse aspecto acaba influenciando diretamente as exportações de calçados do Rio Grande do Sul e do Brasil, dado o país norte-americano ser o principal destino tanto do estado como do país.

Os asiáticos possuem como característica a produção de calçados esportivos e sintéticos, também associado a um novo comportamento dos consumidores, mas muito por consistir em calçados facilmente produzidos em grande escala. Com o passar dos anos, esses países, conseguiram aumentar muito a qualidade de seu produto final, e o resultado se deu em grandes volumes de produção, com preço baixo e qualidade, e enviados naturalmente ao exterior.

5.8 Indicadores de inovação

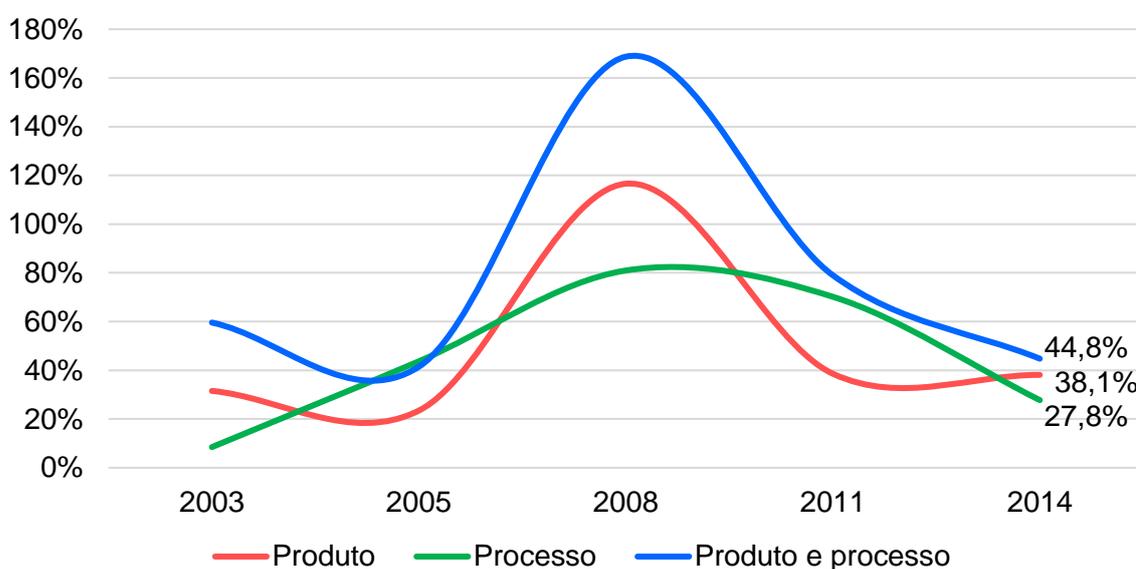
A partir do histórico da indústria calçadista, sabe-se a fabricação de calçados esteve muito dependente de outros ramos para desenvolver suas ferramentas tecnológicas, máquinas e equipamentos. Por um bom período as máquinas utilizadas necessitavam ser importadas por não haver produção nacional das mesmas. Mais tarde, percebeu-se que o setor não obteve grandes avanços em seus equipamentos, e que inclusive teve de se adaptar as máquinas de outros processos para a manufatura do calçado. Conforme Ferraz, Kupfer e Haguenuer (1995), os setores tradicionais são usuários de inovações, mas não possuem aptidão em criá-las. Assim, pensou-se em tentar identificar como se comportam os indicadores de inovação, estimados pela pesquisa nacional de inovação do Brasil, a PINTEC, nas empresas de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados, desde 2000. Atualmente, no Brasil, a PINCTEC é a única pesquisa que se preocupa e atua com os indicadores setoriais de inovação.

Tabela 5 - Empresas brasileiras de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados que implementaram inovações por tipo, de 2000 a 2014

Ano	Produto	Processo	Produto e processo
2000	576	918	383
2003	758	996	611
2005	711	1.320	541
2008	1.248	1.662	1.028
2011	798	1.563	685
2014	796	1.173	554

Fonte: Elaborada pela autora, com base na PINTEC.

Gráfico 31 - Variação acumulada das empresas brasileiras de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, e artigos de viagem e calçados, que implementaram inovações, de 2003 a 2014

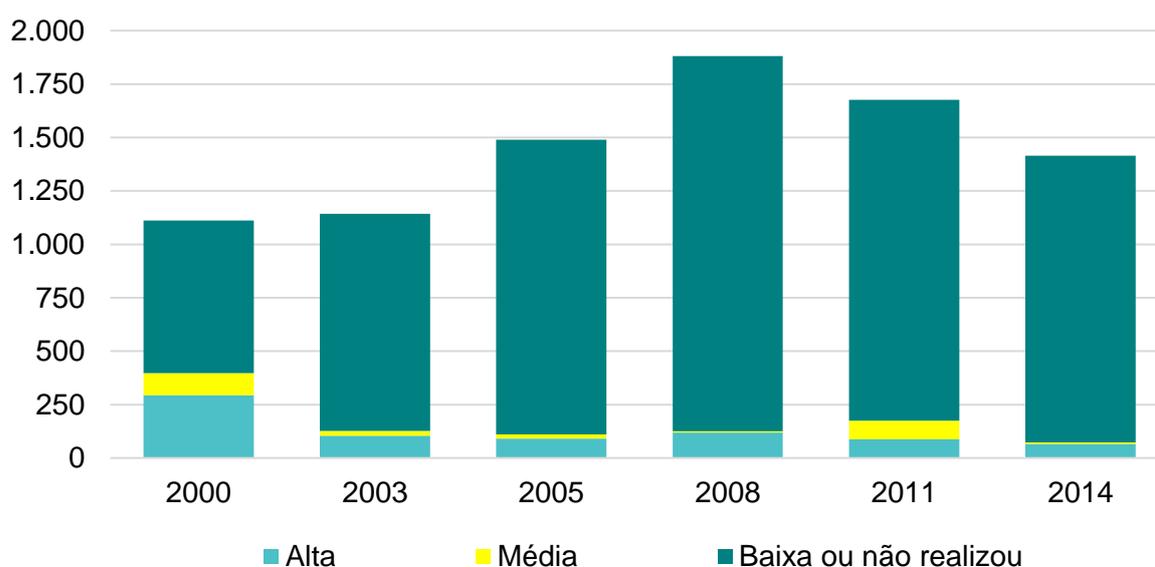


Fonte: Elaborado pela autora, com base na PINTEC.

A tabela 5, acompanhada do gráfico 31, consegue demonstrar bem o movimento ocorrido durante o período de 2000 a 2014, nas empresas brasileiras de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados que implementaram inovações de produto ou de processo ou mesmo de produto somado ao processo. O movimento observado é de crescimento expressivo no

número de empresas que implementaram inovações entre os anos de 2000 a 2008, e após, uma queda entre 2008 a 2014. O encolhimento entre as empresas que implementaram inovações no último período foi grande, no entanto, no total dos anos, a variação final obteve resultado positivo. Houve expansão de 38% das empresas que implementaram inovação de produto, entre 2000 a 2014. No mesmo período, o aumento das empresas que implementaram inovação de processo foi de 27,8%. A maior variação, esteve no aumento das empresas que implementaram inovação de produto e processo conjunto, chegando a 44,8%, no total dos anos.

Gráfico 32 - Empresas brasileiras de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados que implementaram inovações, por grau de importância nas atividades internas de pesquisa e desenvolvimento, de 2000 a 2014



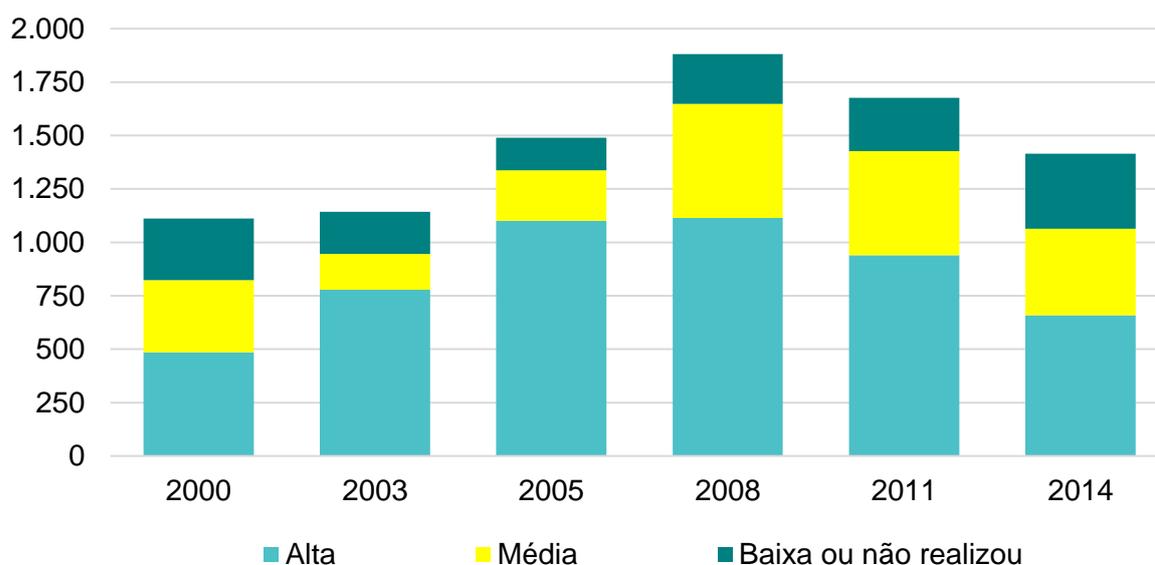
Fonte: Elaborado pela autora, com base na PINTEC.

O gráfico 32 apresenta o grau de importância considerado pelas empresas nas atividades internas desenvolvidas em pesquisa e desenvolvimento. Em 2000, 26,4% delas avaliou de grau alto a importância em pesquisa e desenvolvimento realizada internamente, 9,3% considerou como grau médio a atividade e 64,2% considerou de baixa importância ou não realizou pesquisa e desenvolvimento interno no período. A partir do gráfico, percebe-se que com o passar dos anos, as empresas passaram a considerar esse tipo de inovação, cada vez mais, com grau de baixa importância ou não realizaram a atividade. Em 2014, apenas 4,6% das empresas acreditou que a

implementação de inovação interna em pesquisa e desenvolvimento teve grau alto de importância, 0,5% grau médio e 94,9% considerou de grau baixo ou não realizou pesquisa e desenvolvimento na empresa.

A variação acumulada, (2000-2014), resultou aumento de quase 88% nas empresas que consideraram a atividade interna de pesquisa e desenvolvimento com baixo grau de importância ou não realizou a atividade. Já a variação das empresas que consideraram a atividade interna de pesquisa e desenvolvimento com grau alto foi negativa em 77,8%, no mesmo período.

Gráfico 33 - Empresas brasileiras de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados que implementaram inovações, por grau de importância na aquisição de máquinas e equipamentos, de 2000 a 2014



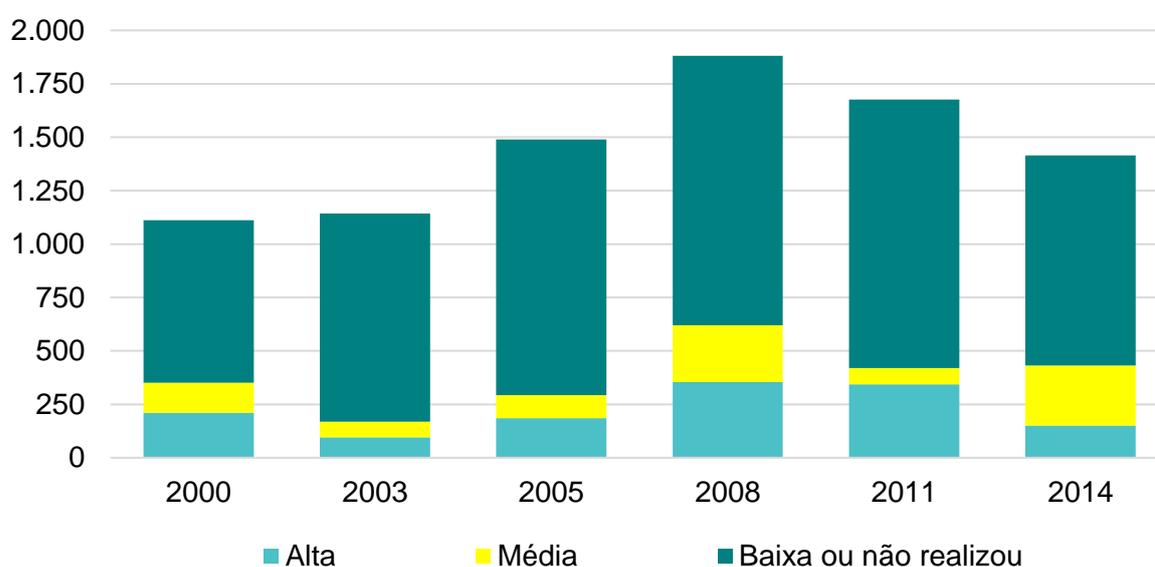
Fonte: Elaborado pela autora, com base na PINTEC.

Em 2000, a aquisição de máquinas e equipamentos teve alto grau de importância em 43,6% das empresas. Já em 2014, o mesmo nível de importância abrangeu 46,5% dos estabelecimentos. No total das empresas, entre os anos de 2000 a 2014, o alto grau de importância teve crescimento de 35,8% em quantidade de estabelecimentos. O grau médio de importância na aquisição de máquinas e equipamentos teve variação de 30,4% na parcela das empresas para 28,7%, de 2000 a 2014, respectivamente. Já as empresas que consideram baixo o grau de importância

da aquisição e equipamentos ou não realizaram foram 289, em 2000 e 351 em 2014, representando as parcelas de 26% e 24,8%, concomitantemente.

A aquisição de máquinas e equipamentos possui um comportamento bastante distinto no grau de importância em relação ao indicador anterior.

Gráfico 34 - Empresas brasileiras de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados que implementaram inovações, por grau de importância na introdução de inovações tecnológicas no mercado, de 2000 a 2014



Fonte: Elaborado pela autora, com base na PINTEC.

O gráfico 34, demonstra que 19% das empresas que implementaram inovação, consideram alta a importância na introdução de inovações tecnológicas no mercado, no ano de 2000. Para 12,6%, a importância foi média e já para 68,4% dos estabelecimentos, a importância foi baixa ou não houve introdução de inovações tecnológicas no mercado. No último ano do período observado, (2014), apenas 10,6% das empresas consideraram como alta importância a introdução de inovações tecnológicas no mercado, 19,8% consideram média importância e 69,5% não realizaram esse tipo de inovação ou consideraram de importância baixa.

Esse indicador mostra que no total do período houve queda na participação do grau de alta importância. Ou seja, as empresas, no final do período, não consideraram tão importante, quanto no ano inicial da observação, o fator de introduzir inovações tecnológicas no mercado.

Conclui-se que, em geral, os dados demonstram reduzidos investimentos em implementação de inovação das empresas brasileiras de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados. Os investimentos entendidos como de maior importância estão na aquisição de máquinas e equipamentos apenas. O desempenho parece estar associado com a característica descrita por Ferraz, Kupfer e Haguenaer (1995), sobre as indústrias tradicionais apresentarem perfil de usuárias de inovação, mas pouco interesse em produzi-las. As atividades internas de pesquisa e desenvolvimento e introdução de inovações tecnológicas no mercado são entendidas com grau de importância baixa ou não são realizadas pelas empresas. O comportamento está relacionado ao pensamento de curto prazo, no qual os esforços são realizados conforme a conjuntura econômica. Assim, quando há expansão na economia, existe espaço para inovação. Caso contrário, em momento de contração econômica, pensa-se exclusivamente na contenção e redução de gastos. A conduta pode ser denominada como uma certa “mentalidade de custos”. Ademais, esse pensamento é predominante na indústria brasileira como um todo. Infelizmente, ainda não se enxerga o investimento em tecnologia e inovação a longo prazo, como forma de estratégia. Essa maneira de pensar e agir fica bastante explícita a partir dos dados de inovação no setor de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados do Brasil.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que as principais características do processo de transformação estrutural da indústria calçadista gaúcha, no período da metade da década de noventa até 2017, estão no encolhimento da produção de calçados, refletido no aspecto do nível de emprego e de estabelecimentos de fabricação de calçados. Boa parte dessa perda está relacionada a queda nas exportações de calçados lideradas pelos calçados com predominância do material de couro e principalmente para o maior destino dos calçados gaúchos, os Estados Unidos.

Apesar da formação dos aglomerados industriais de calçados encontrados no Rio Grande do Sul, (o polo do Vale do Rio dos Sinos e o polo do Vale do Paranhana/Encosta da Serra), o processo produtivo de calçados teve redução de 37% em valor real e 5,4% em volume de pares, entre os anos de 2005 a 2017. Além disso, o desempenho do estado ficou abaixo do desempenho nacional e menor frente ao desempenho de seus principais concorrentes internacionais. O mesmo resultado é encontrado ao se comparar a indústria de transformação no estado.

No entanto, ao olhar a segmentação da produção a partir da principal atividade dos estabelecimentos de fabricação de calçados e para os postos de trabalho inseridos na classificação, observa-se que houve mudança no perfil de produto, com o aumento expressivo de empresas e de postos de trabalho com principal atividade, a fabricação do calçado de sintético. Além disso, nas exportações de calçados do Rio Grande do Sul, os calçados com predominância do material sintético e do material têxtil apresentaram boa performance na trajetória, pois houve crescimento em valor e em volume de calçados de sintético/laminado e de têxtil. Assim, pode-se dizer que pelo menos um segmento de calçado, no estado, teve destaque no período analisado, a partir do aumento encontrado nos estabelecimentos, no nível de emprego e nas exportações de calçados.

No mais, entende-se que há modificação estrutural no setor. Os micros e pequenos estabelecimentos ganharam espaço no passar dos anos e as médias e grandes fábricas diminuíram sua participação no total de empresas do ramo. O mesmo movimento é percebido nos postos de trabalho, que com o passar dos anos foram se concentrando mais para as micros e pequenas empresas. O comportamento

é visto como característica comum entre os setores tradicionais, mas que pode encontrar dificuldade na capacidade de investimento e de geração de inovações.

Observa-se também, que houve melhora na qualificação dos trabalhadores da fabricação de calçados. Contudo, o investimento educacional não teve reflexo no aumento da renda dos colaboradores. Com o passar dos anos, a maior parte dos trabalhadores ficou concentrado na faixa salarial de até 1,5 salários mínimos. Este comportamento indica precarização do trabalho no setor, além de ser o inverso da regra geral, no qual espera-se que, quanto mais qualificado for o trabalhador, maior será o seu rendimento mensal. Infelizmente é característica dos setores tradicionais, que optam pela competitividade na concorrência focada em custo, no baixo preço do produto, e conseqüentemente o impacto na remuneração dos colaboradores, com menores níveis salariais.

Já no comércio exterior, as exportações de calçados no Rio Grande do Sul, resultaram em grande queda, principalmente pela concentração no maior mercado, os Estados Unidos. Em 1997, o peso do mercado norte-americano nas exportações gaúchas era de 70%, em valor. Já em 2017, a representação do principal destino ficou em 17%. O estado, buscou diversificar seus parceiros, no decorrer do período. As exportações de calçados gaúchas atingiram um número maior de destinos. No entanto, novos parceiros, de grande expressividade como o mercado estadunidense, não foram firmados. Também é preciso levar em consideração, que o *antidumping* para o calçado chinês, trouxe certo fôlego para a indústria calçadista no Rio Grande do Sul, uma vez que a liberalização comercial no Brasil, na década de noventa, intensificou a concorrência, com grande aumento dos calçados asiáticos no país, principalmente da China. No geral, as importações de calçados, no estado, tiveram quedas significativas, principalmente a partir de 2011.

A China e o Vietnã são os países que mais se destacam entre os principais concorrentes da indústria calçadista mundial. Sabe-se também que o foco da China e dos países asiáticos está no maior importador mundial de calçados, os Estados Unidos. Esse aspecto acabou influenciando diretamente as exportações de calçados do Rio Grande do Sul e do Brasil. Os asiáticos possuem como característica a produção de calçados esportivos e sintéticos, associado a um novo comportamento do consumidor e por consistir em calçados facilmente produzidos em larga escala. Com o passar dos anos, esses países, conseguiram aumentar muito a qualidade de

seu produto final, e o resultado se deu em grandes volumes de produção, com preço baixo e qualidade, e enviados ao exterior.

Os indicadores de inovação demonstram que as empresas brasileiras de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados investem pouco em inovação. O comportamento está relacionado ao pensamento de curto prazo, no qual se fazem esforços conforme a conjuntura econômica, pensamento predominante na indústria brasileira como um todo. Infelizmente, ainda não se enxerga o investimento em tecnologia e inovação a longo prazo, como forma de estratégia.

A partir das análises e de suas considerações, conclui-se que há uma expressiva mudança de perfil industrial no ramo calçadista gaúcho, de questão estrutural. Sabe-se também, que o encolhimento do setor, em valor de produção, não está relacionado apenas como uma crise setorial, e sim com novos patamares de produção, dada a nova conjuntura encontrada no contexto nacional e internacional. Contudo, apesar de menores valores de produção, a indústria calçadista gaúcha não deve ser desconsiderada e necessita de cuidados importantes. A fabricação de calçados é intensiva em mão de obra. Em 2017, quase 79 mil pessoas estiveram empregadas diretamente no setor, o qual teve a maior representatividade na indústria de transformação gaúcha. Além, tantos outros mil postos são dependentes da cadeia no processo produtivo do calçado, (setor de componentes, de máquinas, de artefatos e de couro). A manufatura do produto final resulta em diversos outros ramos em uma mesma localidade. Para mais, a especialidade dos aglomerados produtivos, os polos, pode ser de grande vantagem para determinados segmentos e nichos. É o caso, possivelmente, dos calçados sintéticos/laminados que apresentaram bom desempenho nos anos observados, com aumento de empresas, de nível de emprego e de exportações.

Dessa forma, torna-se necessário ao futuro do setor buscar alicerce de competitividade a partir de uma flexibilização maior nas estratégias e investimento em eficiência produtiva, e em design e fortalecimento de marca, dada as alterações organizacionais consequentes de adaptação aos novos cenários encontrados. O desafio estará em obter um melhor nível capacidade produtivo a partir de um perfil de indústria formado em sua maior parte por micros e pequenas empresas.

Para futuros trabalhos, sugere-se investigar a fragmentação da cadeia produtiva e pesquisar quais seriam as peças fundamentais do processo de produção de calçados que possuem capacidade desenvolver uma região. Também podem ser realizados trabalhos no âmbito de análise à especialidade do produto demandado pelo consumidor final, esse com um novo padrão de comportamento. As sugestões poderiam complementar de forma positiva o presente trabalho.

REFERÊNCIAS

ABICALÇADOS; **Relatório Setorial: Indústria de Calçados – Brasil 2019**. Disponível em: <<http://abicalcados.com.br/relatorios/relatorio->>. Acesso em: 20 jun. 2019.

Banco Central do Brasil - BACEN. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>> Acesso em: 07 jun. 2019

Banco de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home>> Acesso em: 10 jun. 2019.

BRASIL. MINISTÉRIO do Trabalho e Emprego – MTE. **Relação Anual de Informações Sociais ação Anual de Informações Sociais – RAIS**. Disponível em <<http://bi.mte.gov.br/bgcaged/>>. Acesso em: 02 de abr. 2019

BRASIL. SECRETARIA de Comércio Exterior – SECEX. Disponível em: <<http://portal.siscomex.gov.br/legislacao/orgaos/secretaria-de-comercio-exterior-secex>>. Acesso em: 06 de abr. 2019

BRASIL. SECRETARIA-EXECUTIVA da Câmara de Comércio Exterior – CAMEX. Disponível em: <<http://www.camex.gov.br/>>. Acesso em: 27 de mai. 2019

COMEXSTAT. Disponível em: <<http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>>. Acesso em: 06 abr. 2019.

CORRÊA, Abidack Raposo. **O complexo coureiro-calçadista brasileiro**. BNDES Setorial, Rio de Janeiro: BNDES, 2001.

COSTA, Achyles Barcelos da; FLIGESPAN, Flávio Benevett. **Avaliação do movimento de realocização industrial de empresas de calçados do Vale do Sinos**. Porto Alegre: SEBRAE, 1997.

COSTA, Achyles Barcelos da; PASSOS, Maria Cristina. **A indústria calçadista no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. 114 p.

FEE DADOS. Disponível em: <<http://feedados.fee.tche.br/feedados/>>. Acesso em: 13 jun. 2019.

FERRAZ, João C.; KUPFER, David; HAGUENAUER, LIA. **Made in Brazil: Desafios Competitivos para a Indústria**. Editora Campus, 1995. 386 p.

HUMANN, Paulo Victor. Componentes: o setor que abastece as fábricas de calçados. *In*: COSTA, Achyles Barcelos da; PASSOS, Maria Cristina (orgs.). **A indústria calçadista no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. p. 87-114.

HUNT, E. K.; LAUTZENHEISER, Mark. **História do pensamento econômico** – uma perspectiva crítica. 3.ed. Elsevier, 2012. 512 p.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. Sistema IBGE de recuperação automática - SIDRA. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 08 mar. 2019

INSTITUTO Nacional de Propriedade Industrial – INPI. Disponível em: <<http://www.inpi.gov.br/>> Acesso em: 15 mai. 2019.

MINISTÉRIO da Indústria, Comércio Exterior e Serviços: Calçados. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/index.php/comercio-exterior/defesa-comercial/147-medidas-em-vigor/1099-calcados>>. Acesso em: 13 abr. 2019.

NELSON, Richard R.; WINTER, Sidney G. **An evolutionary theory of economic change**. Inglaterra, The belknap press of Harvard Untiversity Press Cambridge, Massachusetts and London, 1982, 437 p. Disponível em: <http://inctpped.ie.ufrj.br/spiderweb/pdf_2/Dosi_1_An_evolutionary-theory-of_economic_change..pdf>. Acesso em: 25 mai. 2019

NEVES, Matheus Machado. **Setor calçadista do Vale do Sinos e as estratégias de concorrência: Uma análise desde os anos 2000**. 2018. 57f. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Ciências Econômicas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2018.

POERSCHKE, Rafael Pentiado. **A aplicação de direitos antidumping no Brasil: O caso dos calçados importados da China**. 2018. 292f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2018.

POSSAS, Maria Silvia. **Concorrência e competitividade: Notas sobre estratégia e dinâmica seletiva na economia capitalista**. 1993. 236f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas, SP, 1993.

POSSAS, Mario L. Concorrência schumpeteriana. *In*: KUPFER, David; HASENCLEVER, Lia (orgs). **Economia Industrial – Fundamentos teóricos e práticas no Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002, p. 415-429.

RUFFONI, Janaína. A indústria de máquinas para calçados e curtumes no Rio Grande do Sul do Brasil. *In*: COSTA, Achyles Barcelos da; PASSOS, Maria Cristina (orgs.). **A indústria calçadista no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. p. 69-86.

REICHERT, Clovis Leopoldo. A evolução tecnológica da indústria calçadista no Sul do Brasil. *In*: COSTA, Achyles Barcelos da; PASSOS, Maria Cristina **A indústria calçadista no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. p. 51-68.

SCHNEIDER, Sergio. O mercado de trabalho na indústria coureiro-calçadista do Rio Grande do Sul: formação histórica e desenvolvimento. *In*: COSTA, Achyles Barcelos da; PASSOS, Maria Cristina (orgs.). **A indústria calçadista no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. p. 25-49.

SILVA, Ana Lucia Gonçalves da. **Concorrência sob condições oligopolísticas: Contribuição das Análises Centradas no Grau de Atomização/Concentração dos**

Mercados. 2003. 309f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas, SP, 2003.

SILVESTRIN, Luisiane; TRICHES, Divanildo. **A análise do setor calçadista brasileiro e os reflexos das importações chinesas no período de 1994 a 2004.** Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2007.

ZINGANO, Eduardo Mariante. **O complexo calçadista brasileiro e as causas da queda do seu desempenho no período de 2003 a 2011.** 2012. 77f. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Ciências Econômicas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2012.

APÊNDICE A – VARIAÇÃO ANUAL E ACUMULADA

Nesta seção estarão disponíveis as tabelas com as variações anuais e acumuladas dos dados trabalhados, sendo as mesmas, em boa parte, analisadas e mencionadas no texto desta monografia.

Tabela 6 - Variação anual da produção de calçados no Rio Grande do Sul, em valor real (R\$), de 2006 a 2017

Ano	Vale do Rio dos Sinos	Vale do Paranhana/Encosta da Serra	Outros	Rio Grande do Sul
2006	-8,4%	-4,9%	-11,1%	-8,0%
2007	-17,5%	31,2%	-28,1%	-5,6%
2008	-0,1%	-8,8%	6,0%	-2,6%
2009	-6,1%	-14,7%	-24,1%	-12,6%
2010	4,4%	7,6%	26,8%	9,1%
2011	-1,4%	-11,8%	2,0%	-4,5%
2012	-8,8%	3,6%	5,8%	-1,8%
2013	1,8%	14,6%	-9,9%	3,9%
2014	-3,6%	-15,7%	-18,6%	-11,1%
2015	-2,9%	-9,5%	-16,8%	-7,7%
2016	0,1%	-11,3%	10,0%	-2,6%
2017	-0,4%	-4,6%	12,1%	0,3%
Variação acumulada no período	-36,8%	-29,4%	-47,1%	-37,0%

Fonte: Elaborada pela autora, com base em IBGE/Abicalçados. (PIA-PRODUTO 2017).

Tabela 7 - Variação anual da produção de calçados no Rio Grande do Sul, em quantidade (pares), de 2006 a 2017

Ano	Vale do Rio dos Sinos	Vale do Paranhana/Encosta da Serra	Outros	Rio Grande do Sul
2006	-8,0%	-7,6%	-17,5%	-10,3%
2007	-12,3%	41,9%	-16,3%	5,0%
2008	0,7%	-26,4%	10,5%	-9,8%
2009	-10,0%	-15,0%	-12,9%	-12,5%
2010	3,1%	-9,3%	8,0%	-0,3%
2011	8,7%	-3,6%	23,9%	8,5%
2012	-6,2%	5,4%	26,3%	6,5%
2013	20,4%	10,0%	5,8%	12,4%
2014	-4,6%	-14,6%	-10,9%	-9,5%
2015	2,5%	-4,2%	10,8%	3,3%
2016	4,5%	4,5%	4,1%	4,4%
2017	4,0%	-12,4%	5,8%	0,5%
Variação acumulada no período	-1,6%	-37,7%	29,1%	-5,4%

Fonte: Elaborada pela autora, com base em IBGE/Abicalçados. (PIA-PRODUTO 2017).

Tabela 8 - Variação anual do preço médio (R\$/par) de calçados produzidos no Rio Grande do Sul, de 2006 a 2017

Ano	Vale do Rio dos Sinos	Vale do Paranhana/Encosta da Serra	Outros	Rio Grande do Sul
2006	-0,4%	2,9%	7,7%	2,6%
2007	-5,9%	-7,5%	-14,0%	-10,1%
2008	-0,8%	23,9%	-4,0%	7,9%
2009	4,3%	0,3%	-12,9%	-0,1%
2010	1,3%	18,6%	17,4%	9,3%
2011	-9,3%	-8,4%	-17,7%	-12,0%
2012	-2,9%	-1,7%	-16,2%	-7,8%
2013	-15,4%	4,2%	-14,9%	-7,6%
2014	1,1%	-1,4%	-8,6%	-1,8%
2015	-5,3%	-5,6%	-24,9%	-10,6%
2016	-4,3%	-15,1%	5,6%	-6,7%
2017	-4,2%	8,9%	6,0%	-0,2%
Variação acumulada no período	-35,8%	13,3%	-59,0%	-33,4%

Fonte: Elaborada pela autora, com base em IBGE/Abicalçados. (PIA-PRODUTO 2017).

Tabela 9 - Variação anual de estabelecimentos de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, por principal atividade, 1996 a 2017

Ano	Fabricação de calçados de couro	Fabricação de calçados de material sintético	Fabricação de calçados de outros materiais	Total de fabricação de calçados
1996	-3,6%	-25,0%	8,7%	-2,3%
1997	24,4%	33,3%	-1,2%	21,2%
1998	3,0%	25,0%	-3,8%	2,4%
1999	14,9%	-10,0%	12,3%	14,5%
2000	19,5%	33,3%	10,4%	18,7%
2001	9,3%	25,0%	0,0%	8,6%
2002	4,5%	-20,0%	6,3%	4,5%
2003	4,3%	16,7%	-11,3%	3,0%
2004	12,5%	28,6%	-3,9%	11,4%
2005	5,3%	5,6%	1,7%	5,1%
2006	-8,7%	36,8%	-25,0%	-9,4%
2007	1,0%	26,9%	6,8%	1,6%
2008	3,2%	9,1%	-7,1%	2,7%
2009	-2,0%	19,4%	-11,5%	-2,2%
2010	5,7%	65,1%	-8,6%	6,0%
2011	2,7%	5,6%	-9,4%	2,3%
2012	-2,0%	4,0%	2,1%	-1,7%
2013	-3,6%	1,3%	-2,0%	-3,4%
2014	-6,2%	6,3%	2,1%	-5,5%
2015	-11,4%	-11,9%	-12,2%	-11,4%
2016	-7,1%	-2,7%	-8,1%	-7,0%
2017	-11,6%	5,6%	-12,7%	-11,1%
Variação acumulada no período	56,3%	850,0%	-53,7%	48,6%

Fonte: Elaborada pela autora, com base em MTE - RAIS (2017).

Tabela 10 - Variação anual de estabelecimentos de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, por polos, 1996 a 2017

Ano	Polo do Vale do			Rio Grande do Sul
	Polo do Vale do Rio dos Sinos	Paranhana/ Encosta da Serra	Outros	
1996	-3,9%	9,2%	-7,4%	-2,3%
1997	18,1%	35,4%	14,8%	21,2%
1998	3,6%	11,8%	-7,2%	2,4%
1999	16,7%	15,9%	9,7%	14,5%
2000	22,1%	22,8%	8,9%	18,7%
2001	8,0%	3,5%	15,7%	8,6%
2002	7,6%	7,3%	-3,8%	4,5%
2003	1,5%	1,4%	7,8%	3,0%
2004	11,1%	14,7%	8,2%	11,4%
2005	6,5%	7,2%	0,0%	5,1%
2006	-15,7%	-4,7%	-3,6%	-9,4%
2007	0,7%	4,1%	-0,3%	1,6%
2008	2,8%	1,0%	5,0%	2,7%
2009	-0,3%	0,5%	-8,6%	-2,2%
2010	6,7%	6,4%	4,2%	6,0%
2011	1,7%	5,0%	-0,6%	2,3%
2012	-1,3%	-3,0%	-0,4%	-1,7%
2013	-3,1%	-2,6%	-5,1%	-3,4%
2014	-6,5%	-6,0%	-2,8%	-5,5%
2015	-10,8%	-13,8%	-8,9%	-11,4%
2016	-7,6%	-6,1%	-7,3%	-7,0%
2017	-13,7%	-10,8%	-6,7%	-11,1%
Variação acumulada no período	40,4%	134,8%	5,7%	48,6%

Fonte: Elaborada pela autora, com base em MTE - RAIS (2017).

Tabela 11 - Variação anual dos postos de trabalho na fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, por principal atividade, de 1996 a 2017

Ano	Fabricação de calçados de couro	Fabricação de calçados de material sintético	Fabricação de calçados de outros materiais	Total Fabricação de calçados
1996	6,0%	3,0%	-4,9%	5,1%
1997	-2,4%	-78,9%	-52,9%	-8,1%
1998	-6,3%	18,8%	26,5%	-4,9%
1999	10,2%	19,6%	57,6%	12,5%
2000	12,2%	35,7%	0,5%	11,6%
2001	4,8%	38,1%	43,6%	7,5%
2002	-0,3%	74,2%	2,0%	0,9%
2003	-0,1%	-30,8%	-3,6%	-1,1%
2004	12,4%	7,0%	-10,1%	10,5%
2005	-11,0%	-19,7%	-8,9%	-11,0%
2006	-11,0%	141,7%	-13,7%	-9,0%
2007	-5,9%	6,2%	13,8%	-4,2%
2008	-7,7%	1,4%	12,9%	-5,7%
2009	-7,3%	17,6%	-4,1%	-5,9%
2010	3,1%	180,6%	-64,6%	6,8%
2011	-4,7%	18,0%	-11,9%	-1,6%
2012	-3,7%	-6,3%	2,1%	-4,0%
2013	-5,0%	5,3%	1,2%	-3,1%
2014	-6,6%	-1,9%	-18,2%	-6,1%
2015	-8,1%	0,3%	-0,8%	-6,2%
2016	-1,9%	-0,6%	10,7%	-1,3%
2017	-6,6%	7,8%	-8,3%	-3,6%
Variação acumulada no período	-36,5%	532,0%	-70,7%	-22,9%

Fonte: Elaborada pela autora, com base em MTE - RAIS (2017).

Tabela 12 - Variação anual dos postos de trabalho na fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, por principal atividade, de 1996 a 2017

Ano	Polo do Vale do Rio dos Sinos	Polo do Vale do Paranhana/Encosta da Serra	Outros	Rio Grande do Sul
1996	1,3%	15,2%	2,6%	5,1%
1997	-10,1%	-11,9%	-1,9%	-8,1%
1998	-4,5%	-3,8%	-6,3%	-4,9%
1999	11,4%	9,1%	16,9%	12,5%
2000	11,6%	12,0%	11,2%	11,6%
2001	9,0%	6,5%	6,5%	7,5%
2002	3,2%	-2,1%	0,2%	0,9%
2003	-7,8%	-1,6%	8,5%	-1,1%
2004	8,8%	12,6%	11,0%	10,5%
2005	-10,5%	-6,4%	-14,9%	-11,0%
2006	-12,8%	-3,3%	-8,9%	-9,0%
2007	-5,2%	3,9%	-9,6%	-4,2%
2008	-11,2%	0,3%	-4,8%	-5,7%
2009	0,4%	-2,4%	-16,3%	-5,9%
2010	5,5%	4,8%	10,7%	6,8%
2011	-2,3%	-2,8%	0,6%	-1,6%
2012	-2,7%	-3,1%	-6,5%	-4,0%
2013	-6,3%	-1,4%	-0,8%	-3,1%
2014	-6,6%	-8,3%	-2,9%	-6,1%
2015	-5,5%	-10,4%	-2,8%	-6,2%
2016	0,1%	-6,7%	2,2%	-1,3%
2017	-5,4%	-4,5%	-0,7%	-3,6%
Variação acumulada no período	-36,9%	-9,8%	-12,8%	-22,9%

Fonte: Elaborada pela autora, com base em MTE - RAIS (2017).

Tabela 13 - Variação anual dos estabelecimentos de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, por porte, de 1996 a 2017

Ano	Microempresa	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa
1996	-6,6%	8,5%	-1,6%	7,0%
1997	34,0%	5,8%	2,2%	-15,2%
1998	7,4%	-8,3%	-8,1%	7,7%
1999	10,3%	28,3%	18,1%	11,9%
2000	19,8%	25,1%	3,0%	6,4%
2001	9,8%	5,2%	9,1%	0,0%
2002	5,3%	4,6%	0,0%	-4,0%
2003	2,7%	5,5%	-0,9%	6,3%
2004	10,3%	20,1%	-0,9%	11,8%
2005	11,6%	-5,3%	-15,7%	-8,8%
2006	-10,5%	-6,9%	-5,3%	-7,7%
2007	2,7%	0,9%	0,6%	-31,3%
2008	3,6%	6,2%	-16,8%	-3,0%
2009	-3,2%	-1,3%	9,4%	-9,4%
2010	4,8%	10,6%	3,7%	6,9%
2011	4,5%	0,5%	-17,8%	6,5%
2012	-1,5%	-1,4%	-7,9%	6,1%
2013	-3,6%	-3,5%	0,0%	-2,9%
2014	-5,1%	-6,8%	-5,5%	-8,8%
2015	-12,7%	-8,9%	-5,8%	-3,2%
2016	-8,9%	-4,5%	7,9%	-3,3%
2017	-13,2%	-7,2%	-1,6%	-3,4%
Variação acumulada no período	63,5%	74,3%	-34,6%	-34,9%

Fonte: Elaborada pela autora, com base em MTE - RAIS (2017).

Tabela 14 - Variação anual de postos de trabalho da fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, por porte, de 1996 a 2017

Ano	Microempresa	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa
1996	-4,5%	14,3%	-0,1%	8,4%
1997	30,4%	0,9%	4,5%	-25,3%
1998	6,6%	-8,1%	-10,6%	1,9%
1999	16,1%	19,0%	10,0%	12,5%
2000	23,3%	28,5%	5,9%	9,4%
2001	7,5%	7,9%	9,7%	5,1%
2002	6,5%	6,3%	0,3%	-1,9%
2003	3,5%	4,5%	-5,0%	-0,3%
2004	13,4%	23,7%	-2,0%	16,2%
2005	9,1%	-2,2%	-17,8%	-13,8%
2006	-13,0%	-10,4%	-7,6%	-8,4%
2007	4,7%	-0,8%	5,3%	-16,4%
2008	7,5%	8,1%	-18,0%	-6,5%
2009	-2,1%	-7,2%	5,3%	-16,6%
2010	11,0%	9,1%	3,4%	6,9%
2011	5,0%	-0,3%	-10,5%	4,9%
2012	-1,7%	-6,7%	-9,0%	2,6%
2013	-4,2%	-4,3%	-2,6%	-2,0%
2014	-5,9%	-5,9%	-6,4%	-5,9%
2015	-14,5%	-8,0%	-4,0%	-3,7%
2016	-9,8%	-4,7%	7,0%	-3,0%
2017	-9,6%	-6,2%	-4,0%	0,7%
Variação acumulada no período	92,4%	57,5%	-41,8%	-37,7%

Fonte: Elaborada pela autora, com base em MTE - RAIS (2017).

Tabela 15 - Variação anual da faixa salarial dos postos de trabalho na fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, de 1996 a 2017

Ano	De 0 a 1 salário mínimo	De 1,01 a 1,50 salários mínimos	De 1,51 a 2,00 salários mínimos	De 2,01 a 3,00 salários mínimos	Mais de 3,01 salários mínimos
1996	9,6%	22,9%	11,8%	1,0%	1,8%
1997	-11,7%	-8,4%	-1,1%	-8,0%	-14,5%
1998	17,9%	14,1%	8,2%	-16,1%	-15,2%
1999	-11,8%	22,9%	18,6%	11,8%	0,7%
2000	12,6%	23,0%	18,8%	1,8%	6,4%
2001	20,6%	25,4%	25,2%	-14,3%	-5,2%
2002	-11,7%	7,4%	6,0%	-7,8%	-5,9%
2003	-5,7%	10,4%	-4,0%	-5,8%	-4,4%
2004	13,3%	-3,3%	13,7%	19,7%	13,7%
2005	16,6%	13,4%	-9,2%	-32,6%	-26,4%
2006	51,0%	30,3%	-24,9%	-36,7%	-25,9%
2007	3,2%	8,0%	-17,3%	-12,4%	-14,2%
2008	-7,8%	0,3%	-14,1%	-10,1%	-6,5%
2009	18,5%	6,0%	-26,4%	-18,4%	-13,9%
2010	35,8%	7,9%	3,4%	-0,7%	3,6%
2011	-7,0%	-10,0%	20,5%	3,6%	-0,5%
2012	11,4%	3,1%	-17,4%	-16,9%	-8,1%
2013	-11,9%	-6,9%	5,4%	0,7%	3,0%
2014	-15,0%	-11,7%	3,9%	-1,2%	0,6%
2015	-14,0%	-7,0%	-5,6%	-7,1%	-3,5%
2016	-11,5%	5,2%	-6,7%	-12,4%	-7,5%
2017	-9,5%	-1,3%	-4,7%	-7,3%	-2,9%
Variação acumulada no período	85,4%	276,1%	-17,7%	-86,1%	-75,4%

Fonte: Elaborada pela autora, com base em MTE - RAIS (2017).

Tabela 16 – Variação anual da escolaridade dos trabalhadores na fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, de 1996 a 2017

Ano	Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Fundamental Completo	Ensino Médio Incompleto	Ensino Médio Completo	Ensino Superior Incompleto ou Completo
1996	7,8%	-11,9%	8,8%	-5,5%	-0,6%
1997	-13,9%	7,2%	25,6%	22,3%	42,6%
1998	-7,2%	0,8%	3,6%	16,0%	-8,5%
1999	7,7%	23,6%	28,0%	42,2%	-1,3%
2000	7,2%	17,6%	24,6%	28,9%	21,9%
2001	3,2%	13,7%	17,1%	21,8%	19,7%
2002	-3,3%	6,6%	4,4%	16,8%	8,4%
2003	-7,0%	5,7%	4,4%	17,7%	21,1%
2004	5,6%	19,9%	18,3%	17,6%	3,6%
2005	-15,7%	-6,0%	-7,7%	-0,3%	-5,8%
2006	-11,9%	-11,1%	-5,5%	0,2%	-1,0%
2007	-8,3%	1,1%	-3,7%	4,0%	-3,9%
2008	-9,9%	-1,9%	-7,2%	2,3%	3,9%
2009	-10,0%	-4,6%	-4,6%	2,4%	-2,1%
2010	3,3%	6,4%	13,7%	10,5%	7,9%
2011	-5,0%	-3,9%	3,1%	4,1%	3,0%
2012	-7,0%	-3,3%	-6,1%	1,4%	4,3%
2013	-5,4%	-5,8%	-5,2%	3,3%	5,7%
2014	-9,4%	-6,9%	-4,3%	-2,6%	3,1%
2015	-9,4%	-9,2%	-3,9%	-2,8%	5,4%
2016	-5,8%	-4,2%	-1,5%	6,7%	3,5%
2017	-9,5%	-6,4%	-3,6%	3,4%	7,9%
Variação acumulada no período	-67,5%	18,5%	131,1%	562,1%	244,4%

Fonte: Elaborada pela autora, com base em MTE - RAIS (2017).

Tabela 17 – Variação anual das exportações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, em valor (US\$), de 1996 a 2017

Ano	Injetado	Sintético/ Laminado	Couro	Têxtil	Outros
1996	34,7%	52,0%	12,4%	16,3%	93,7%
1997	-31,9%	32,7%	-5,5%	49,3%	-7,8%
1998	-91,1%	7,1%	-14,4%	-9,7%	-50,3%
1999	21,8%	0,3%	-4,4%	-13,1%	-56,5%
2000	-28,4%	63,0%	17,3%	21,1%	-8,5%
2001	-18,2%	28,0%	1,6%	-21,6%	-51,3%
2002	-26,8%	-32,9%	-9,2%	-32,2%	64,4%
2003	2165,8%	13,3%	-4,1%	42,6%	-39,9%
2004	-83,9%	36,5%	9,5%	14,3%	81,6%
2005	-43,0%	-6,2%	3,0%	15,1%	35,6%
2006	-3,3%	-6,6%	-4,1%	4,7%	-26,0%
2007	129,4%	22,9%	-6,6%	15,9%	43,2%
2008	-63,6%	-9,7%	-7,2%	-13,8%	-35,8%
2009	-24,7%	-33,5%	-31,8%	-23,1%	-32,7%
2010	-7,1%	3,8%	-8,8%	3,2%	11,7%
2011	110,7%	20,0%	-24,4%	-8,4%	35,4%
2012	51,2%	-20,8%	-35,0%	-41,0%	-29,8%
2013	-64,5%	-0,7%	-1,9%	40,3%	-26,7%
2014	29,2%	11,3%	-3,8%	11,2%	-1,5%
2015	-22,9%	7,3%	-10,7%	23,8%	-43,3%
2016	-44,4%	27,5%	12,3%	31,8%	51,4%
2017	7,2%	34,4%	-10,8%	20,3%	56,7%
Variação acumulada no período	-96,7%	507,5%	-78,1%	126,2%	-80,2%

Fonte: Elaborada pela autora, com base em SECEX.

Tabela 18 – Variação anual das exportações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, em quantidade (pares), de 1996 a 2017

Ano	Injetado	Sintético/ Laminado	Couro	Têxtil	Outros
1996	17,7%	-0,1%	3,1%	2,4%	67,1%
1997	-24,0%	-7,5%	-5,6%	26,5%	-1,0%
1998	-94,8%	-8,4%	-11,6%	-10,7%	-30,4%
1999	19,9%	2,1%	4,7%	8,3%	-70,7%
2000	-36,0%	76,3%	13,8%	17,9%	-28,5%
2001	-5,2%	26,8%	-2,3%	-15,4%	-32,7%
2002	56,6%	-33,6%	-0,4%	-26,0%	36,7%
2003	755,2%	22,6%	-3,4%	60,5%	-13,0%
2004	-76,7%	30,0%	0,1%	5,2%	24,5%
2005	-44,8%	-18,8%	-17,7%	-12,5%	30,1%
2006	-50,1%	-27,7%	-16,0%	-7,7%	-38,7%
2007	132,9%	7,6%	-19,7%	7,9%	17,4%
2008	-77,3%	-17,7%	-27,5%	-28,2%	-20,2%
2009	-78,4%	-28,5%	-32,2%	-23,2%	-17,8%
2010	-16,4%	-4,8%	-19,2%	-6,1%	10,1%
2011	93,8%	2,6%	-33,4%	-16,5%	22,6%
2012	0,8%	-24,2%	-33,7%	-40,0%	-21,3%
2013	-56,7%	2,0%	2,4%	63,4%	-39,7%
2014	18,5%	24,9%	-3,0%	34,4%	-57,0%
2015	21,4%	21,0%	-1,7%	52,4%	-6,5%
2016	85,0%	47,6%	26,7%	57,1%	57,5%
2017	52,4%	21,0%	-17,3%	-9,2%	21,9%
Variação Acumulada	-99,1%	55,3%	-90,4%	68,7%	-92,7%

Fonte: Elaborada pela autora, com base em SECEX.

Tabela 19 – Variação anual do preço médio (US\$/par) das exportações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, de 1996 a 2017

Ano	Injetado	Sintético/ Laminado	Couro	Têxtil	Outros
1996	14,5%	52,0%	9,1%	13,6%	15,9%
1997	-10,5%	43,5%	0,1%	18,0%	-6,9%
1998	71,2%	17,0%	-3,1%	1,1%	-28,5%
1999	1,6%	-1,8%	-8,6%	-19,8%	48,4%
2000	11,9%	-7,6%	3,0%	2,7%	27,9%
2001	-13,8%	0,9%	4,0%	-7,3%	-27,6%
2002	-53,3%	1,0%	-8,9%	-8,4%	20,2%
2003	164,9%	-7,6%	-0,7%	-11,2%	-30,9%
2004	-31,1%	5,0%	9,4%	8,7%	45,9%
2005	3,2%	15,4%	25,2%	31,6%	4,2%
2006	93,6%	29,2%	14,1%	13,4%	20,7%
2007	-1,5%	14,2%	16,3%	7,5%	22,0%
2008	60,2%	9,7%	28,0%	20,1%	-19,6%
2009	249,4%	-7,1%	0,7%	0,2%	-18,1%
2010	11,2%	9,0%	12,9%	10,0%	1,4%
2011	8,8%	17,0%	13,5%	9,7%	10,4%
2012	50,0%	4,5%	-2,0%	-1,8%	-10,8%
2013	-18,0%	-2,6%	-4,2%	-14,1%	21,6%
2014	9,0%	-10,9%	-0,8%	-17,2%	128,8%
2015	-36,5%	-11,3%	-9,1%	-18,8%	-39,3%
2016	-69,9%	-13,6%	-11,3%	-16,1%	-3,9%
2017	-29,6%	11,1%	7,8%	32,4%	28,5%
Variação acumulada no período	251,9%	291,3%	127,5%	34,1%	170,5%

Fonte: Elaborada pela autora, com base em SECEX.

Tabela 20 – Variação anual das exportações de calçados no Rio Grande do Sul, por polo, em valor (US\$), de 1996 a 2017

Ano	Polo Vale do Rio dos Sinos	Polo do Vale do Paranhana/ Encosta da Serra	Outros	Rio Grande do Sul
1998	-11,6%	-27,4%	-15,8%	-14,7%
1999	-4,2%	-2,2%	-8,5%	-5,2%
2000	27,4%	19,6%	-0,9%	19,2%
2001	5,2%	6,1%	-9,9%	2,0%
2002	-9,9%	-18,7%	-13,0%	-11,5%
2003	0,0%	2,2%	-8,9%	-1,5%
2004	8,3%	22,7%	14,4%	10,9%
2005	3,5%	2,5%	0,1%	2,8%
2006	-2,9%	-2,0%	-10,4%	-4,1%
2007	-2,4%	6,9%	-14,8%	-3,3%
2008	-5,4%	1,6%	-29,8%	-8,0%
2009	-35,4%	-27,8%	-9,9%	-31,5%
2010	-6,6%	-12,3%	-3,0%	-7,0%
2011	-26,2%	18,3%	-20,6%	-18,9%
2012	-38,1%	-5,3%	-52,0%	-33,2%
2013	-6,9%	2,9%	34,6%	0,4%
2014	4,1%	0,4%	-16,6%	0,0%
2015	-3,9%	-10,4%	9,0%	-4,4%
2016	21,7%	9,5%	18,9%	17,8%
2017	7,6%	7,6%	-21,0%	3,6%
Variação acumulada no período	-65,5%	-22,5%	-87,2%	-66,3%

Fonte: Elaborada pela autora, com base em SECEX.

Tabela 21 – Variação anual dos três principais destinos das exportações de calçados no Rio Grande do Sul, em valor (US\$), de 1998 a 2017

Ano	Argentina	Estados Unidos	França
1998	33,1%	-13,7%	-32,8%
1999	22,5%	-6,0%	19,8%
2000	38,5%	22,9%	-23,4%
2001	1,4%	0,9%	-57,1%
2002	-91,6%	-8,7%	8,9%
2003	390,7%	-8,2%	30,2%
2004	15,2%	1,1%	35,9%
2005	-5,1%	-8,8%	114,6%
2006	2,3%	-10,3%	43,2%
2007	23,5%	-17,3%	4,7%
2008	7,7%	-38,3%	67,6%
2009	-27,3%	-33,6%	53,0%
2010	5,3%	-19,5%	14,5%
2011	40,0%	-33,1%	-1,2%
2012	-50,4%	-37,2%	-7,6%
2013	-4,9%	-6,5%	-3,0%
2014	-22,8%	10,5%	-2,3%
2015	10,8%	0,7%	-23,4%
2016	82,7%	31,9%	1,2%
2017	18,8%	-24,2%	15,7%
Variação acumulada no período	30,8%	-91,7%	273,4%

Fonte: Elaborada pela autora, com base em SECEX.

Tabela 22 – Variação anual das importações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, em valor (US\$), de 1998 a 2017

Ano	Injetado	Sintético/ Laminado	Couro	Têxtil	Outros
1998	1424,5%	-14,2%	-30,7%	-20,0%	-51,9%
1999	38,6%	-10,9%	-31,9%	95,1%	-49,7%
2000	20,4%	-88,2%	-48,6%	-60,4%	-22,3%
2001	44,6%	77,1%	-42,5%	-73,4%	-31,9%
2002	-11,4%	90,0%	127,2%	1269,8%	-70,2%
2003	-2,4%	-74,1%	-53,3%	-9,7%	-40,6%
2004	-60,8%	821,0%	153,6%	-52,7%	29,7%
2005	26,8%	131,2%	14,3%	442,4%	-6,9%
2006	180,6%	4,2%	7,3%	-36,4%	23,0%
2007	8,6%	-42,4%	18,6%	-70,1%	67,7%
2008	38,4%	185,1%	-43,3%	312,7%	9,1%
2009	-13,3%	-18,3%	-29,1%	-71,5%	56,9%
2010	-5,6%	-10,4%	-79,4%	-21,1%	-54,2%
2011	20,3%	-71,1%	-12,8%	84,1%	-4,8%
2012	-38,5%	-96,5%	81,4%	4,4%	173,5%
2013	-5,3%	-28,3%	417,8%	73,2%	-32,9%
2014	-79,1%	-37,6%	-24,1%	-33,1%	-39,4%
2015	-8,6%	48,4%	-83,8%	-46,0%	-25,9%
2016	-55,9%	-72,7%	-49,6%	4,8%	-64,3%
2017	-84,5%	169,8%	29,2%	-30,1%	51,3%
Variação acumulada no período	-49,9%	-99,0%	-97,0%	-18,6%	-98,1%

Fonte: Elaborada pela autora, com base em SECEX.

Tabela 23 – Variação anual das importações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, em quantidade (pares), de 1998 a 2017

Ano	Injetado	Sintético/ Laminado	Couro	Têxtil	Outros
1998	2149,3%	42,0%	-21,7%	-32,6%	-39,6%
1999	-82,2%	-8,0%	4,1%	35,3%	-26,1%
2000	24,3%	-88,8%	-52,7%	25,5%	-7,0%
2001	55,2%	65,9%	-64,5%	-92,0%	-6,9%
2002	5,3%	36,1%	129,7%	510,1%	-15,7%
2003	-3,3%	-55,4%	-56,1%	-16,2%	-27,2%
2004	-81,6%	194,6%	160,0%	-27,9%	35,7%
2005	125,5%	360,1%	30,0%	256,7%	-0,4%
2006	114,3%	28,7%	-5,4%	-57,7%	9,7%
2007	-8,2%	-9,9%	62,3%	-6,8%	82,9%
2008	132,4%	315,7%	-46,1%	452,8%	-8,6%
2009	-42,8%	-35,0%	-39,1%	-51,8%	29,9%
2010	-3,7%	3,3%	-92,1%	66,4%	-57,7%
2011	-16,4%	-78,2%	-23,7%	29,6%	-10,7%
2012	-49,1%	-96,0%	182,8%	-25,4%	166,8%
2013	91,9%	-89,9%	1057,8%	41,9%	-35,5%
2014	-87,0%	25,6%	-34,8%	-9,1%	-60,1%
2015	-20,9%	97,6%	-89,6%	-44,7%	5,7%
2016	-59,8%	-94,5%	-65,9%	-3,3%	-57,4%
2017	-94,4%	618,5%	266,6%	-18,3%	53,6%
Variação acumulada no período	-98,4%	-99,4%	-96,1%	14,0%	-86,2%

Fonte: Elaborada pela autora, com base em SECEX.

Tabela 24 – Variação anual do preço médio (US\$/par) das exportações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, de 1998 a 2017

Ano	Injetado	Sintético/ Laminado	Couro	Têxtil	Outros
1998	-32,2%	-39,6%	-11,4%	18,7%	-20,4%
1999	679,9%	-3,1%	-34,5%	44,2%	-31,9%
2000	-3,1%	5,0%	8,5%	-68,4%	-16,4%
2001	-6,8%	6,8%	62,1%	233,8%	-26,9%
2002	-15,9%	39,5%	-1,1%	124,5%	-64,6%
2003	0,9%	-42,1%	6,5%	7,8%	-18,4%
2004	113,4%	212,6%	-2,5%	-34,4%	-4,4%
2005	-43,8%	-49,8%	-12,1%	52,0%	-6,6%
2006	31,0%	-19,1%	13,4%	50,6%	12,2%
2007	18,3%	-36,0%	-26,9%	-67,9%	-8,3%
2008	-40,5%	-31,4%	5,2%	-25,4%	19,4%
2009	51,7%	25,7%	16,5%	-40,9%	20,8%
2010	-2,0%	-13,3%	161,5%	-52,6%	8,2%
2011	44,0%	32,5%	14,3%	42,1%	6,5%
2012	20,9%	-11,8%	-35,9%	40,0%	2,5%
2013	-50,7%	606,8%	-55,3%	22,1%	4,0%
2014	60,6%	-50,3%	16,4%	-26,4%	51,8%
2015	15,6%	-24,9%	55,1%	-2,3%	-29,9%
2016	9,7%	394,0%	48,0%	8,3%	-16,2%
2017	177,4%	-62,4%	-64,7%	-14,5%	-1,6%
Variação acumulada no período	3131,0%	84,6%	-24,4%	-28,6%	-86,3%

Fonte: Elaborada pela autora, com base em SECEX.

Tabela 25 – Variação anual das três principais origens das importações de calçados no Rio Grande do Sul, em valor (US\$), de 1998 a 2017

Ano	China	Indonésia	Vietnã
1998	-37,8%	-8,6%	14,1%
1999	-24,4%	-45,3%	-20,5%
2000	-41,9%	-87,6%	-86,8%
2001	-59,6%	-39,6%	-24,1%
2002	228,6%	-98,3%	176,5%
2003	-53,9%	551,6%	-5,4%
2004	180,2%	62,9%	27,2%
2005	152,0%	-7,5%	21,7%
2006	-13,3%	-39,8%	-30,5%
2007	-30,9%	682,5%	-27,4%
2008	135,8%	-21,1%	107,9%
2009	-27,7%	193,2%	-27,7%
2010	-92,4%	-99,5%	-68,6%
2011	149,2%	-100,0%	300,4%
2012	-25,1%	-	48,8%
2013	4,5%	-	282,2%
2014	-21,3%	-59,8%	-43,9%
2015	-17,9%	-100,0%	-95,0%
2016	-16,9%	-	172,6%
2017	-12,2%	-	-78,5%
Variação acumulada no período	-91,56%	-100,00%	-96,72%

Fonte: Elaborada pela autora, com base em SECEX.

Tabela 26 – Variação anual dos maiores produtores de calçados no mundo, em quantidade (pares), de 2008 a 2017

Ano	China	Índia	Vietnã	Brasil	Indonésia	Demais países	Mundo
2008	-4,0%	0,2%	2,7%	-2,7%	0,5%	5,3%	-1,5%
2009	-3,1%	4,4%	-2,2%	-2,8%	2,7%	-1,2%	-1,6%
2010	7,5%	3,8%	3,2%	7,1%	4,5%	3,0%	5,9%
2011	2,9%	3,2%	3,7%	3,1%	6,0%	12,1%	4,7%
2012	1,0%	4,4%	4,0%	15,7%	7,5%	-0,3%	2,2%
2013	7,0%	5,5%	6,0%	3,6%	1,0%	3,0%	5,6%
2014	3,0%	4,0%	9,6%	-2,1%	2,9%	-7,7%	1,2%
2015	-3,2%	4,6%	8,6%	-7,3%	2,5%	18,0%	1,8%
2016	-1,8%	3,7%	26,4%	2,5%	5,2%	-2,1%	0,6%
2017	2,6%	2,5%	7,1%	-3,4%	5,1%	11,4%	4,3%
Variação acumulada no período	11,7%	42,8%	90,7%	12,6%	44,7%	46,2%	25,3%

Fonte: Elaborada pela autora, com base em World Shoe Review.

Tabela 27 – Variação anual dos maiores exportadores de calçados no mundo, em quantidade (pares), de 2008 a 2017

Ano	China	Vietnã	Indonésia	Índia	Brasil	Demais países	Mundo
2008	-4,9%	5,3%	3,1%	3,6%	-6,9%	3,6%	-3,0%
2009	-2,6%	-6,3%	6,9%	14,0%	-23,6%	-7,2%	-3,4%
2010	7,9%	6,5%	7,7%	9,2%	13,0%	14,8%	9,0%
2011	2,0%	4,4%	12,7%	3,5%	-21,0%	15,2%	4,3%
2012	-0,8%	6,1%	12,3%	0,7%	0,3%	0,2%	0,0%
2013	4,5%	7,9%	1,8%	2,7%	8,5%	5,8%	4,8%
2014	1,3%	16,1%	2,9%	8,6%	5,4%	4,3%	2,6%
2015	-5,0%	8,4%	3,5%	7,5%	-4,2%	4,4%	-2,2%
2016	-3,5%	38,4%	5,5%	2,2%	1,7%	-5,7%	-1,4%
2017	2,6%	8,5%	5,2%	2,2%	-0,5%	13,6%	5,2%
Variação acumulada no período	0,7%	137,5%	80,7%	68,4%	-29,4%	57,3%	16,2%

Fonte: Elaborada pela autora, com base em World Shoe Review.